



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

FABRICIA CRISTINA FLORENCIO

OUTRAS MANEIRAS DE “SER HOMEM”:
AS MASCULINIDADES NAS CRÔNICAS DE ANTONIO
PRATA

Londrina
2019

FABRICIA CRISTINA FLORENCIO

OUTRAS MANEIRAS DE “SER HOMEM”:
AS MASCULINIDADES NAS CRÔNICAS DE ANTONIO
PRATA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras Estudos Literários, da Universidade Estadual de Londrina.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Carlos Santos Simon.

Londrina
2019

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UEL

F632 Florencio, Fabricia Cristina.
Outras maneiras de "ser homem" : as masculinidades das crônicas de Antonio Prata / Fabricia Cristina Florencio. - Londrina, 2019.
135 f. : il.

Orientador: Luiz Carlos Santos Simon.
Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Letras, 2019.
Inclui bibliografia.

1. Crônicas brasileiras - Tese. 2. História e crítica - Tese. 3. Masculinidade - Tese. 4. Gênero - Tese. I. Santos Simon, Luiz Carlos . II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Letras e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Letras. III. Título.

CDU 82

FABRICIA CRISTINA FLORENCIO

OUTRAS MANEIRAS DE “SER HOMEM”:
AS MASCULINIDADES NAS CRÔNICAS DE ANTONIO PRATA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras Estudos Literários, da Universidade Estadual de Londrina.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dr. Luiz Carlos Santos Simon
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Prof. Dr. Alexandre José Pinto Cadilhe de Assis
Jácome
Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF

Prof^a. Dr^a. Maria Carolina Godoy
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Londrina, 26 de abril de 2019.

À minha família. Em especial à minha mãe, Sinderléia, por ser a âncora que me mantém firme mesmo quando ventos fortes agitam o mar.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu orientador, Luiz Carlos Santos Simon, por ter me acolhido desde a graduação e compartilhado toda seu conhecimento e experiência. Todos esses anos foram enriquecedores e mudaram minha vida profissional e pessoal. Obrigada, acima de tudo, pela amizade criada nesses anos, me deixando fazer parte dos seus dias e da sua família incrível.

À minha família, por todo o apoio, afeto e compreensão. Mesmo com nossas diferenças, vocês sempre serão a base que me sustenta.

Às minhas sobrinhas, Sarah e Mariê, por trazerem alegria aos meus dias.

À minha prima, Thais Fascina, por ouvir os meus desabafos e me apoiar em minhas decisões.

Aos meus amigos de projeto de pesquisa, que me acompanharam nesses oito anos de amadurecimento.

Aos professores da UEL que cruzaram meu caminho desde a graduação. Com certeza, neste trabalho há um pouco de cada um de vocês.

À todos os meus amigos, em especial Lucélia Canassa, Thaís Zorzela, João Bruno e Gustavo Ramos, que souberam suportar meus períodos de crises, estando comigo e dividindo os momentos mais intensos de todo esse processo.

Agradeço, também, às minhas companheiras do futebol das quartas-feiras e sábados. Não havia momento melhor para encontrá-las.

À CAPES e a UEL, por viabilizarem a pesquisa.

“Um galo sozinho não tece uma manhã:
ele precisará sempre de outros galos.
De um que apanhe esse grito que ele
e o lance a outro; de um outro galo
que apanhe o grito de um galo antes
e o lance a outro; e de outros galos
que com muitos outros galos se cruzem
os fios de sol de seus gritos de galo,
para que a manhã, desde uma teia tênue,
se vá tecendo, entre todos os galos.

E se encorpando em tela, entre todos,
se erguendo tenda, onde entrem todos,
se entretendendo para todos, no toldo
(a manhã) que plana livre de armação.
A manhã, toldo de um tecido tão aéreo
que, tecido, se eleva por si: luz balão.”

(Tecendo a manhã – João Cabral de Melo
Neto)

FLORENCIO, Fabricia Cristina. **Outras maneiras de “ser homem”**: as masculinidades das crônicas de Antonio Prata. 2019. 135 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2019.

RESUMO

O objetivo deste trabalho é observar como as masculinidades são abordadas nas crônicas de Antonio Prata, a fim de proporcionar discussões sobre as diversas pluralidades da identidade masculina contemporânea. Para fomentar as análises, faremos uma aproximação dos estudos literários com os estudos das masculinidades. Trataremos, portanto, em um primeiro momento, sobre as correntes críticas do século XX, conforme dialogarem com o surgimento dos estudos de gênero. Em seguida, abordaremos os principais pontos discutidos nas pesquisas de masculinidade, tratando não apenas dos discursos hegemônicos, como, também, as rupturas que fogem desses modelos tradicionais. Para desenvolver as análises separamos dois grupos: o primeiro retrata uma maior interferência do modelo hegemônico masculino na vida desse “eu”; enquanto que o segundo irá retratar o distanciamento dessa representação de homem viril. A escolha das crônicas nos levarão a perceber a existência de outras maneiras de “ser homem”, rompendo com a constante representação de modelos masculinos baseados no estereótipo do “machão” que almeja provar sua virilidade a todo custo.

Palavras-chave: Crônica; Gênero; Masculinidades; Virilidade.

FLORENCIO, Fabricia Cristina. **Other ways of “being man”**: the masculinities of the chronicles of Antonio Prada. 2019. 135 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2019.

ABSTRACT

The objective of this work is to observe how the masculinities are approached in the chronicles of Antonio Prada, in order to provide discussions about diverse pluralities of contemporary masculine identity. To foment the analysis, we will approach of the literary studies with the studies of the masculinities. We will approach, in a first moment, about currents of the twentieth century, according they talk with the emerge of gender studies. Next, we will approach the main points discussed in masculinities researchs, dealing not only with the hegemonic discourses, but also with the ruptures that escape these traditional models. To develop the analyzes we separated two groups: the first one represent a bigger interference of the masculine hegemonic model in the life of this “I”; while the second will represent the distance of this manly man. The choice of the chronicles will lead us to perceive the existence of other ways of “being man”, breaking with the constant representation of male models based on the stereotype of the “alpha male” who aims to prove his virility at all costs.

Keywords: Gender. Masculinities. Virility. Chronic

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 A CRÍTICA LITERÁRIA E AS MASCULINIDADES	15
1.1 AS PRIMEIRAS TEORIAS DO SÉCULO XX	15
1.2 O PÓS-ESTRUTURALISMO	18
1.3 A “DESCONSTRUÇÃO” DE JACQUES DERRIDA	19
1.4 OS ESTUDOS CULTURAIS NA LITERATURA	23
1.5 FEMINISMO E A TEORIA QUEER	25
1.6 OS ESTUDOS DE GÊNERO E MASCULINIDADES NA LITERATURA	32
2 MASCULINIDADES: A VIRILIDADE E O “SER HOMEM”	41
2.1 VIRILIDADE	44
2.2 A SOCIALIZAÇÃO DOS MENINOS NA INFÂNCIA	49
2.3 A PATERNIDADE	53
2.4 A SEXUALIDADE	56
2.5 AMORES, AFETOS E EMOÇÕES (OU OUTRAS MANEIRAS DE SER HOMEM)	61
3 MASCULINIDADES: OUTRAS MANEIRAS DE SER HOMEM NAS CRÔNICAS DE ANTONIO PRATA	63
3.1 ANTONIO PRATA	63
3.2 EU AINDA POSSO SER VIRIL	64
3.2.1 “WALDIR, JUANITO E POLOSKEI”	64
3.2.2 “NÃO QUER DAR UMA OLHADA NA ÁGUA?”	71
3.2.3 “COLETA DE MATERIAL”	77
3.2.4 “DUPLA PERSONALIDADE”	81
3.3 EU RECONHEÇO NÃO SER VIRIL	86
3.3.1 “MULHER PELADA”	86
3.3.2 “EU ELA E O KEITH”	92
3.3.3 “SOCORRO, SOU FOFO!”	97
3.3.4 “CARTA PRA DANIEL”	101
CONSIDERAÇÕES	105

REFERÊNCIAS	109
--------------------------	-----

ANEXOS	115
---------------------	-----

ANEXO A – Waldir Peres, Juani e Polöskei	115
------------------------------------------------	-----

ANEXO B – Não quer dar uma olhada na água?	121
--------------------------------------------------	-----

ANEXO C – Coleta de material	123
------------------------------------	-----

ANEXO D – Dupla personalidade	125
-------------------------------------	-----

ANEXO E – Mulher pelada.....	127
------------------------------	-----

ANEXO F – Eu ela e o Keith	130
----------------------------------	-----

ANEXO G - “Socorro, sou fofo!”	132
--------------------------------------	-----

ANEXO H - Carta pra Daniel.....	134
---------------------------------	-----

INTRODUÇÃO

Os estudos das masculinidades ganharam força a partir da década de 80. Embora sejam recentes, podemos considerar que as abordagens teóricas sobre as masculinidades têm caminhado lado a lado com os estudos de gênero e conquistado um espaço que, em sua maioria, ainda era destinado apenas para os estudos feministas e a teoria queer.

Com as transformações suscitadas pelas rupturas dos estereótipos de gênero, sobretudo pelas mulheres, os estudos sobre os homens e as masculinidades têm sido cada vez mais necessários, evidenciando como os efeitos dessa mudança têm refletido nos comportamentos dos indivíduos. Silviano Santiago, no artigo “Arte masculina?”, presente no livro *A desconstrução do masculino*, de Sócrates Nolasco (1995), considera que os homens estão em uma condição onde nunca estiveram antes. A representação masculina

[...] O novo lugar que ocupa, aparentemente secundário, medíocre e desvantajoso, retira-o da condição de único provedor e, por isso mesmo, único mártir, e leva-o a dialogar com as forças plurais que o cercam e o questionam, conduzindo-o a uma atitude que, longe de negar a sua busca de identidade, procura construí-la sem detrimento das identidades de outros grupos em nome dos quais egoística e autoritariamente falava. (p.102)

A afirmação do autor nos leva a dois momentos distintos na compreensão da vivência masculina: o primeiro estaria nessa “outro” lugar de identidade, com o choque entre os “antigos” modos de exercer a masculinidade e a quebra dos “padrões” de gênero; o segundo seria a busca de uma nova identidade frente às novas mudanças. Esses dois momentos evidenciam a necessidade de apontar não apenas como é exercida a construção social da masculinidade, como, também, investigar o surgimento de novos modelos distantes dos estereótipos de virilidade.

Na medida em que nos aprofundamos nas discussões sobre as masculinidades, passamos a compreender melhor como as estruturas sociais sustentam as desigualdades entre os indivíduos. Assim, dentro do debate de gênero, falar sobre os homens contribui para a compreensão das manutenções dos arranjos sociais. Connell e Pearse (2015) defendem que “[...] gênero é uma questão de relações sociais dentro das quais os indivíduos e grupos atuam. [...]” O caminho

não é mostrar apenas as diferenças, mas como elas atuam e envolvem “[...] um relação específica com os corpos” (p.47).

Contudo, devemos enfatizar que, apesar da busca por essas mudanças, a socialização dos homens continua marcada pelo machismo. Eles podem, mesmo aceitando esses avanços, reproduzir discursos inferiorizando as mulheres e outros homens distantes dos moldes viris. O machismo, a que Bernardo Jablonski curiosamente nomeia como “boçalossauro”, está “[...] há à espreita em cada um de nós, pronto a rugir e a explodir diante de, por vezes, mínima provocação” (1995, p.160).

Essas inquietudes da condição masculina diante dessas transformações são abordadas nas publicações literárias. Ao nos debruçarmos sobre a literatura contemporânea identificamos, em publicações de diversos escritores, uma abordagem que permite o diálogo entre a literatura e as masculinidades. Xico Sá, por exemplo, tem como tema central de suas crônicas a figura masculina, tratando, principalmente, da postura dos homens diante da “nova” mulher. Podemos destacar ainda Fabrício Carpinejar, Luiz Fernando Verissimo, Eliane Brum, Tati Bernardi, como cronistas que também ressaltam figuras e questões masculinidades em seus textos.

Quando voltamos nosso olhar para a expressividade das masculinidades dentro da literatura e os estudos críticos que as cercam, constatamos seu caráter de ineditismo: ao fazermos um levantamento, em fevereiro de 2017, no banco de teses da CAPES utilizando o termo “masculinidade”, dos 892 trabalhos encontrados, apenas 94 estão no campo de “Letras, Linguística e Artes”; esse número ainda deve ser relativizado, pois muitos desses trabalhos não focalizavam somente as masculinidades, mas também estavam atrelados aos estudos sobre as mulheres ou privilegiavam as causas LGBT. A partir desses dados, a multiplicidade de opções diante dessa (recente) proposta teórica abre inúmeras possibilidades para o desenvolvimento desses estudos dentro da literatura, afinal, além dos escritores contemporâneos, há ainda toda a história de produção literária para ser revisitada.

Antonio Prata nos chamou a atenção devido a sua expressividade no meio literário – o reconhecimento com indicações e premiações pelas suas publicações - e por trazer em suas crônicas diversas reflexões que podem suscitar diálogos com os estudos das masculinidades. Além de cronista, é contista e

roteirista, tem uma produção voltada também para a literatura infantojuvenil. Destacamos seis livros de crônicas do autor: *Douglas e Outras Histórias* (2001), *Estive Pensando* (2004), *Adulterado* (2009), *Meio Intelectual, Meio de Esquerda* - finalista do Jabuti - (2010), *Nu, de Botas* – finalista do Jabuti - (2013), *Trinta e Poucos* – indicado ao Jabuti- (2016). Prata mantém também uma coluna na *Folha de São Paulo* aos domingos.

Considerando o grande número de crônicas do autor e a recorrência do tema, chegamos ao recorte de 8 textos e, a partir deles, dividimos as análises em dois grupos. Essa separação foi feita após percebermos, durante as leituras das publicações do cronista, existir a possibilidade de visualizar uma abordagem voltada para um “eu” tentando resgatar ou reafirmar uma postura viril, e outra com um “eu” tentando se distanciar desses modelos rígidos de virilidade.

No primeiro, teremos “Waldir, Juanito e Poloskei” do livro *Nu, de Botas* (2013), e “Dupla personalidade”, “Não quer dar uma olhada na água” e “Coleta de material”, do livro *Trinta e Poucos* (2016); no segundo, “Mulher pelada”, de *Nu, de Botas* (2013), “Socorro, sou fofo!”, de *Adulterado: crônicas* (2009), “Eu ela e Keith” e “Carta pra Daniel”, de *Trinta e Poucos* (2016). Perceberemos na leitura das crônicas o retrato da figura masculina diante desses modelos hegemônicos de masculinidade, suscitando reflexões relevantes para as discussões sobre a conduta do homem diante das constantes mudanças de comportamentos ocorridas na sociedade contemporânea. Os textos elencados irão suscitar também discussões sobre a virilidade, a socialização dos meninos na infância, a paternidade e a sexualidade. Fatores determinantes para a compreensão dos comportamentos masculinos.

A divisão da dissertação será em três partes. O primeiro capítulo busca aproximar estudos das masculinidades e a literatura. Para isso, iniciaremos as reflexões a partir das correntes críticas do século XX, comentando brevemente as primeiras teorias, que consideramos as mais relevantes - Formalismo Russo, New Criticism, Fenomenologia e Estruturalismo -, para em seguida passar para as que acreditamos ter maior relação com nossos estudos – o pós-estruturalismo, a “desconstrução”, de Jacques Derrida, os estudos culturais, o feminismo e a teoria queer. Nosso objetivo, ao tratar dessas teorias, é demonstrar como elas abriram portas para o surgimento de diferentes recortes de análises dentro do campo literário. Não almejamos destrinchar cada uma dessas teorias, mas apresentar uma pequena exposição para desenvolver as reflexões finais do capítulo, quando

tratarmos mais especificamente das masculinidades. O último e mais importante tópico, “os estudos de gênero e masculinidades na literatura”, busca finalizar esse percurso tratando das relações entre as masculinidades e a literatura e da importância de realizar essa aproximação para a crítica literária.

No segundo capítulo abordaremos mais detalhadamente as reflexões acerca da masculinidade, dando destaque ao conceito de masculinidades hegemônicas e subalternas, à virilidade e às exigências do que determina ser viril; e as questões sobre a socialização do menino na infância até a vida adulta, a paternidade e a sexualidade voltada para a “cobrança” no desempenho sexual.

No terceiro e último capítulo faremos uma exposição mais detalhada sobre a vida e a produção de Antonio Prata, juntamente com a divisão das análises em duas partes das crônicas destacadas.

Essa organização da dissertação almeja demonstrar a importância de tratar os estudos das masculinidades e a literatura, não apenas pelo seu percurso crítico, mas porque as análises suscitarão diversas questões relevantes para compreensão das identidades contemporâneas dos homens. Enriquecendo também as discussões de gênero ao delimitar um caminho que revelará outro modo de olhar para o masculino, distante dos estereótipos abordados de maneira mais recorrente.

1 A CRÍTICA LITERÁRIA E AS MASCULINIDADES

1.1 As primeiras Teorias do século XX

Durante a história da formação da crítica literária, nunca existiu uma homogeneidade para determinar como deveriam ser as práticas analíticas. Quando analisamos o percurso da crítica literária, observamos como foram diversificadas as propostas para analisar a literatura, norteados pela inspiração de, talvez, conseguir desvendar todos os mistérios escondidos no texto: “A crítica é a luz que clareia as obras do passado, sem as ter criado, que as domina, sem provocar seus iguais: é o farol de Alexandria” (TADIÉ, 1992, p.16).

Houve sempre diferentes trajetórias para fazer uma análise, e diversos críticos, relevantes (ou não), criaram seus próprios métodos para defender como deveria ser a crítica que desvendasse os mistérios abrigados nas obras literárias. Por isso, acreditamos ser importante destacar o percurso crítico desenvolvido no decorrer do século XX para a compreensão dos caminhos que possibilitam hoje a relação dos estudos das masculinidades na literatura.

Compreendemos que as teorias posteriores ao pós-estruturalismo – os estudos culturais, feministas e queer - contribuem de maneira mais expressiva para elucidar o crescimento dos estudos de gênero. Contudo, antes de nos voltarmos para essas teorias, é pertinente apresentar as propostas teóricas surgidas desde o início do século: Formalismo Russo, New Criticism, Fenomenologia e Estruturalismo. Enfatizamos que, nesse momento, nosso objetivo não é nos estendermos sobre essas teorias, mas apenas apresentá-las brevemente para compreendermos melhor como foi desenvolvido esse percurso histórico da crítica.

O Formalismo Russo surgiu nos primeiros anos do século XX e se estendeu até aproximadamente a década de 30. O foco dessa teoria é a leitura imanente do texto, não se tratando de responder o que quis ou não dizer o autor, mas sim o que obra por si só representa e quais “as estratégias verbais que a tornam literária, a colocação em primeiro plano da própria linguagem, e o ‘estranhamento’ da experiência que elas conseguem” (CULLER, 1999, p. 118).

O New Criticism se desenvolveu na América do Norte, concomitantemente ao Formalismo Russo, entre as décadas de 20 e 30. Embora

tenha sido menos unificado como as demais, com diversas abordagens por parte dos novos críticos, essa proposta teórica também privilegiava a leitura restrita ao texto, considerando a literatura como um fenômeno autônomo, independente das relações externas ou relacionadas ao autor. O New criticism defendia o “[...] exercício de leitura e crítica de uma obra com base no estudo minucioso de seus elementos internos, caracterizando o chamado *close reading*” (FRANCO, Jr., 2009, p.105).

A Fenomenologia surgiu a partir do trabalho de Edmundo Husserl. Ela busca romper esse distanciamento entre ser e objeto, almejando aproximar o leitor ao sentido de uma obra, compreendendo que os sentidos são percebidos a partir de sua consciência:

A crítica pode dessa maneira assumir a forma de uma descrição do movimento progressivo do leitor através de um texto, analisando como os leitores produzem sentido fazendo ligações, preenchendo coisas deixadas sem dizer, antecipando e conjecturando e depois tendo suas expectativas frustradas ou confirmadas (CULLER, 1999, p. 118).

Foi o estruturalismo a última proposta teórica mais unificada a se solidificar. Após esse momento temos uma quebra de linearidade de estudos, partindo para uma abordagem com mais diversificação, com diferentes autores apresentando outras maneiras de compreender a sociedade, os indivíduos e as suas representações.

Para os estruturalistas “[...] a estrutura contribui para o sentido do texto” (BONNICI, 2009, p.109), fazendo oposição à ideia do sentido literário existir somente por conta do leitor:

O Estruturalismo é, portanto, uma prática interpretativa que procura certa ordem e inteligibilidade nas inúmeras possibilidades de padrões do texto. O crítico estruturalista é capaz de isolar os padrões significativos de signos a partir dos quais poderá chegar a conclusões sobre o significado e a cultura que estão sendo transmitidos e pesquisados. (BONNICI, 2009, p.110)

É no estruturalismo que temos o fortalecimento das ideias de considerar relevante não apenas as estruturas da linguagem, mas também as estruturas da psique e da sociedade. Nomes importantes, como Roman Jakobson, Roland Barthes, Jacques Lacan e Michel Foucault, surgem com suas teorias e

contribuem para expandir o estruturalismo para outros países e, conseqüentemente, outras áreas do saber.

Iniciado a partir da teoria da linguagem, de Ferdinand Saussure,

o Estruturalismo se desenvolveu primeiro na antropologia (Claude Lévi-Strauss), e depois nos estudos literários e culturais (Roman Jakobson, Roland Barthes, Gérard Genette), na psicanálise (Jacques Lacan), na história intelectual (Michel Foucault), e na teoria marxista (Louis Althusser). (CULLER, 1999, p. 121)

O propósito desse movimento era explicar como são produzidos os efeitos e sentidos da obra literária a partir de estruturas que antecedem todas as construções narrativas. Embora tenha acarretado um novo olhar para a compreensão de como a linguagem se estabelece, essa postura acabou limitando e deixando de lado outros pontos importantes que devem ser considerados diante do objeto literário. Tentar encaixar a literatura dentro de um mesmo sistema não é suficiente para sua compreensão, buscar um único método científico pode ser limitador e impossibilita a apreensão de todos os sentidos presentes em uma obra.

No estruturalismo, portanto, há uma busca científica para descobrir os códigos, as regras e os sistemas que subjazem a todas as narrativas. Não somente há vários conjuntos de oposições, sequências de funções e regras sintáticas por baixo de prática individuais, mas também as diferenças individuais se originam das estruturas. Foi justamente contra essa posição supostamente objetiva que os pós-estruturalistas reagiram. (BONNICI, 2009, p.121)

O efeito do estruturalismo na crítica literária ocorre na medida em que “[...] busca não produzir novas interpretações das obras mas compreender como elas podem ter os sentidos e efeitos que têm.” (CULLER, 1999, p.121). Essas novas interpretações abriram as portas para outras leituras das obras literárias e “[...] encorajou os estudos culturais a tentar explicar os procedimentos significativos das diferentes práticas culturais” (CULLER, p.121, 1999).

Com o avanço das discussões no estruturalismo, alguns filósofos, como Roland Barthes, Jacques Lacan e Michel Foucault, foram marcados como pós-estruturalistas, pois suas propostas iam além das ideias discutidas até então. Juntamente a eles, levantam-se outras propostas teóricas: a teoria de Derrida, com a desconstrução, a de Freud, com a psicanálise, os estudos feministas e a teoria *queer*, o marxismo, os estudos pós-coloniais, o materialismo cultural e os discursos de minorias, começam a fortalecer as reflexões sociais e culturais,

ocasionando novos caminhos de análises tanto nas produções contemporâneas, como na revisão histórica de obras e autores canonizados.

Apresentar essas correntes, mesmo que brevemente, prepara o caminho para a compreensão dos próximos passos da crítica literária. Acreditamos que a partir do pós-estruturalismo isso ficará mais claro e conseguiremos visualizar como a teoria das masculinidades chegou à literatura e comprovar a relevância para os estudos críticos contemporâneos.

1.2 O pós-estruturalismo

O pensamento pós-estruturalista segue, principalmente, a proposta de Saussure sobre signo, significante e significado. Ao propor a estrutura de significação da linguagem, o filósofo permite a abertura para questionamentos que rompem a ideia de sistema fechado da língua, pois, ao apresentar a diferenciação entre os signos e como eles são representados - somente sabemos o que é “casa” pela negação de todas as outras coisas que ela não é, “lata”, “mata”, etc. -, ele cria um caminho infinito de representações, sendo impossível delimitar quantos significantes podem existir nessas diferenças e negações. Para Eagleton (1983)

[i]sso põe em questão a interpretação que Saussure faz do signo como uma unidade simétrica precisa entre um significante e um significado, já que o significado “bote” é realmente produto de uma complexa interação de significantes aparentemente infinita. A significação é o subproduto de um jogo potencialmente interminável de significantes, e não um conceito firmemente ligado a um determinado significante. (p.137-138)

Assim, no pós-estruturalismo a separação feita por Saussure, entre signo e referente, passa a ser também de significante e significado. Ao constatar esse caráter infinito de significantes, as discussões começavam a visualizar a estrutura com outros olhos, compreendendo que sua manutenção era muito mais complexa e subjetiva. Isso levou os estudiosos a buscarem uma significação da linguagem anterior aos próprios significados, responsável por produzir e dar sentidos aos discursos.

Diante dessa complexidade envolvendo as estruturas da linguagem e quais seriam – se é que existe - as origens que as mantêm, Jacques Derrida propõe alguns conceitos que consideramos serem representações essenciais para a

compreensão das estruturas sociais. Além de contribuir para as reflexões sobre gênero, feminismo e masculinidades.

1.3 A “desconstrução” de Jacques Derrida

O objetivo desse subcapítulo não é esmiuçar a teoria de Derrida, afinal, compreendemos a sua complexidade e fazer tais apontamentos exigiria um caminho mais complexo. Nosso foco será trabalhar brevemente alguns pontos da proposta do filósofo, a fim enriquecer as reflexões sobre a relação da crítica literária com os estudos das masculinidades.

Para compreender como o filósofo chegou a essa proposta teórica, devemos comentar algumas questões sobre a linguagem e como ele a enxerga. Em “A estrutura, o signo e o jogo no discurso das ciências humanas”, presente no livro *A escritura e a diferença*, de 1967, aborda as discussões sobre a estrutura – tratando da linguagem, signo, significante, significado – e qual “acontecimento” seria responsável pela sua origem. A tentativa de Derrida é compreender como funciona a “estruturalidade da estrutura”, mesmo com a tentativa de reduzi-la a um centro, uma “origem fixa”:

Esse centro tinha como função não apenas orientar e equilibrar, organizar a estrutura – não podemos efetivamente pensar uma estrutura inorganizada – mas sobretudo levar o princípios de organização de organização da estrutura a limitar o que poderíamos denominar *jogo* da estrutura.

[...]

Contudo, o centro encerra também o jogo que abre e torna possível. Enquanto centro, é o ponto em que a substituição dos conteúdos, dos elementos, dos termos, já não é possível. No centro é proibida a permuta ou a transformação dos elementos (que podem alias ser estruturas compreendidas numa estrutura). [...] (DERRIDA, 1967, p.230)

O “centro”, mesmo considerado como “origem” da estrutura, acaba se mostrando insuficiente por mostrar que nesse jogo de substituição, ao escolhermos algo, teremos, conseqüentemente, deixado de fora elementos que fazem parte da estrutura. O filósofo encara o “centro” como responsável pela “[...] invariante da presença (*eidōs*, *arquê*, *telos*, *energeia*, *ousia* (essência, existência, substância, sujeito) *aletheia*, transcendentalidade, consciência, Deus, homem, etc)” (p.231).

Ao analisar esse jogo da estrutura baseado em repetições e substituições, ficou evidente que “[...] o centro não tinha lugar natural, que não era um lugar fixo mas uma função, uma espécie de não lugar [...]” (p.232). A partir disso, a linguagem passou a ser vista de maneira mais ampla, invadindo um “[...] campo problemático universal” em que com a

ausência de centro ou de origem, tudo se torna discurso – com a condição de nos entendermos sobre esta palavra- insto é, sistema no qual o significado transcendental, nunca está absolutamente presente fora de um sistema de diferenças. A ausência de significado transcendental amplia indefinidamente o campo e o jogo da significação. (DERRIDA, 1967, p.233)

Verificando como funcionava as estruturas da linguagem e o jogo por trás delas, o filósofo passa a observar mais atentamente como elas são sustentadas e, principalmente, como apontar esse jogo pode trazer à tona os discursos “invisíveis” por estarem cora dessa “origem”, do centro. Diante disso, a desconstrução – descentramento – se torna uma das principais propostas pós-estruturalistas.

No *Glossário de Derrida*, organizado por Silviano Santiago, de 1976, são explicados os principais verbetes elencados a partir da leitura detalhada das obras do autor. O glossário define a “desconstrução” como uma

[o]peração que consiste em denunciar num determinado texto (o da filosofia ocidental) aquilo que é valorizado e em nome de quê e, ao mesmo tempo, em desrecalcar o que foi estruturalmente dissimulado nesse texto. (p. 17)

Ou seja, seria uma leitura que busca investigar os significados presentes no texto, considerando a existência de uma ausência, de uma negação, daquilo que não está visível, mas também interferirá no sentido da estrutura como um todo. Na explicação de pouco mais de duas páginas sobre o termo, encontramos três conceitos importantes para a compreensão da teoria de filósofo: a “metafísica”, o “descentramento” e as “oposições binárias”. Esses três termos são pontos chaves que contribuem para assimilar as reflexões presentes da ideia de “desconstrução”.

Sobre a definição de Derrida sobre “metafísico”, Terry Eagleton (1986) define como:

[...] qualquer sistema de pensamento que dependa de uma base inatacável, de um princípio primeiro de fundamentos inquestionáveis,

sobre o qual se pode construir toda a hierarquia de significações (EAGLETON, 1986, p. 142).

Esses fundamentos inquestionáveis não podem, por mais que tentemos, se desvincular dessa estrutura de significação em que estamos inseridos. No entanto, para conseguir identificar essa estrutura e apreender como elas são construídas, as “oposições binárias” funcionam como marcador da diferença entre os significados.

Eagleton (1986), ao tentar explicar de que maneira essas “posições binárias” servem para “desconstruir” esses fundamentos, aborda um exemplo que dialoga diretamente com a proposta dos nossos estudos. Ele enfatiza as diferenças na construção social de homens e mulheres. O homem, no processo de significação textual, sempre foi o centro, o “princípio fundamental”, responsável por sustentar a dominação masculina em relação aos outros seres vivos. Enquanto a mulher era a referência do outro, a negação da dominação e do poder, o negativo daquilo que era visto como positivo. Simone de Beauvoir, ao se referir à dominação do homem em relação à mulher, aponta que “[...] [a] mulher determina-se e diferencia-se em relação ao homem, e não este em relação a ela: a fêmea é o inessencial perante o essencial. O homem é o Sujeito, o Absoluto; ela é o Outro. (2009, p.16-17)

Ao colocar em xeque essa estrutura de superioridade masculina estaríamos questionando e analisando como ela se manteve durante os anos, esse tipo de abordagem se aproxima da proposta desconstrutivista de Derrida. Tendo o homem como centro, seria necessário fazer o “descentramento”¹ daquilo que representa e, a partir disso, fazer as análises que mantêm essa estrutura, executando assim a “desconstrução” dessa dominação.

A desconstrução, portanto, compreende que as oposições binárias com as quais o estruturalismo clássico gosta de trabalhar, representam uma maneira de ver típica das ideologias. Estas tendem a traçar fronteiras rígidas entre o que é aceitável e o que não é, entre o eu e o não-eu, a verdade e a falsidade, o sentido e o absurdo, a razão e a loucura, o central e o marginal, a superfície e a profundidade . [...] A tática da crítica desconstrutiva é, em outras palavras, demonstrar como os textos podem embaraçar seus

¹ “O descentramento* é, pois, a abolição de um significado transcendental* que se constituía como centro do texto. Descentramento é a independência total da cadeia dos significantes.” (*Glossário de Derrida*, organizado por Silvano Santiago, de 1976.)

próprios sistemas lógicos dominantes. (EAGLETON, 2003, p. 141-142)

Considerando esses breves comentários sobre as ideias apresentadas por Derrida, devemos nos atentar ainda para a maneira com que isso foi refletido na crítica literária. O filósofo acaba ampliando as possibilidades de olhar para o texto literário, permitindo encontrar discursos esquecidos ou ignorados até então por conta de uma hegemonia que mantinha a reprodução dos mesmos posicionamentos. O que temos, portanto, são as possibilidades de ampliar um cânone literário, que era representado majoritariamente por homens, brancos, heterossexuais, privilegiados economicamente.

A “desconstrução” serviu, principalmente, para questionar o cânone, a teoria e a crítica literária. Desdobrando a concepção de literatura e deixando explícito que os pensamentos sobre o que era ou não considerado literário eram insuficientes para compreender a complexidade presente em uma obra:

[...] O efeito da desconstrução é romper a relação hierárquica que previamente determinava o conceito de literatura, reinscrevendo a distinção entre obras literárias e não-literárias dentro de uma literatura ou textualidade geral e assim encorajar projetos como a leitura filosófica de textos literários, que permitem que esses discursos se comuniquem um com o outro. (CULLER, 1997, p. 212)

Além de balançar as estruturas de uma especificidade do literário, os estudos de Derrida atribuíram à literatura um maior poder de significação, tornando-se “[...] o mais abrangente modo de discurso” (CULLER, 1997, p. 208), sendo o lugar em que todo e qualquer discurso pode estar presente.

Constate-se então que a obra de Derrida almeja

[...] ir além de desenvolver novas técnicas de leitura: a desconstrução é para ele uma prática política; é em última análise, uma tentativa de desmontar a lógica pela qual um sistema particular de pensamento e, por trás disso todo um sistema de estrutura políticas e instituições sociais mantêm sua força. Ele não tenta negar o que seria absurdo, a existência de verdades, significações, identidades, intenções, continuidades históricas, determinadas de maneira relativa: interessa-se, antes, em considerar tais coisas como os efeitos de uma história mais ampla e mais profunda da linguagem, do inconsciente, das instituições e práticas sociais. (EAGLETON, 2003, p.159)

Viabilizar a leitura do texto literário, para além das estruturas tradicionais vistas dentro de perspectivas de métodos como o *close reading*², possibilita o diálogo com outras propostas de análises, de diferentes autores e áreas do saber, enriquecendo a crítica literária. Por isso, achamos inquestionável a importância de trabalhos como os estudos culturais, de gênero, os estudos feministas e a teoria *queer*, e aqui já podemos acrescentar também os das masculinidades, pois, dentro de sua multiplicidade de significações, o texto literário carrega, de fato, inúmeras possibilidades de interpretações.

1.4 Os estudos culturais na literatura

Ao marcar os desdobramentos dos estudos históricos e culturais a partir de meados do século XX, Jonathan Culler apresenta quatro relevantes caminhos para o desdobramento dos estudos culturais: o Materialismo cultural, a Teoria Pós-colonial, o Discurso de Minorias e a Queer Theory, sendo a última importantíssima para as reflexões dessa pesquisa.

Jonathan Culler (1999) considera o estruturalismo e a teoria literária marxista da Grã-Bretanha como as fontes principais para o surgimento dos estudos culturais. Por se dedicar à literatura, o estudioso aborda alguns pontos para demonstrar a relevância desses estudos para a crítica literária, considerando muitas vezes o olhar receoso de alguns críticos que não veem com bons olhos esse modo de efetuar as análises.

Culler afirma que o objetivo dos estudos culturais, firmados no final do século XX,

[...] é compreender o funcionamento da cultura, particularmente no mundo moderno: como as produções culturais operam e como as identidades culturais são construídas e organizadas, para indivíduos e grupos, num mundo de comunidades diversas e misturadas, de poder do Estado, indústrias da mídia e corporações multinacionais. Em princípio, então, os estudos culturais incluem e abrangem os estudos literários. (1999, p.49)

Contudo, o grande questionamento levantado, não apenas no artigo de Culler, mas no meio acadêmico em geral, está no fato de como é feita a abordagem dos estudos culturais na literatura e em que medida eles podem

² Proposta de leitura imanente do texto priorizada, principalmente, pelo New criticism.

enfraquecer ou até mesmo “[...] engolir os estudos literários e destruir a literatura” (CULLER, p.49, 1999). Essa reflexão é interessante, mas parece ser válida apenas se vista superficialmente, pois, ao esboçarmos as mudanças feitas pelos movimentos teóricos, percebemos a existência de um terreno seguro e sólido para a realização desse modo de fazer crítica.

Um posicionamento que mostra o receio dos efeitos dos estudos culturais na literatura e crítica literária é o de Leyla Perrone-Moisés. Em um texto publicado na *Folha de São Paulo*, de agosto de 1996, ela comenta um pouco sobre a ideia de crise – e até mesmo a morte - da crítica e da literatura, por compreender a possibilidade de

[...] minimização da literatura, aí enfocada como apenas uma das formas da cultura (forma de cuja eficácia se duvida), a redução de sua função à de memória coletiva e a diluição de seu estudo no contexto mais vasto dos "estudos culturais", tendência dominante nas universidades norte-americanas.

Enfatizando não se tratar de negar a utilidade dos estudos culturais, mas “[...] defender o espaço dos estudos especificamente literários”. Ela menciona ainda, de maneira negativa, os eventos acadêmicos voltados para a relação da literatura com outras áreas do saber, sem privilegiar única e exclusivamente o modo tradicional de crítica literária, reduzido, principalmente, ao viés estético das obras.

Considerando a história da literatura, não apenas nos limitando ao Brasil, temos uma tradição grande e muito sólida, responsável por influenciar, em maior ou menor grau, todas as produções artísticas feitas até hoje, isso sem considerar a própria influência dessa tradição para nossa formação enquanto sociedade. Por isso, a aproximação dos estudos culturais – e de gênero- com a crítica literária nos parece muito mais positiva do que negativa, justamente por não ser possível desvincularmos toda a tradição cultural e histórica presente em nossa formação.

Jonathan Culler afirma que nunca houve uma unificação do que seria ou não literatura e crítica literária – basta lembrarmos as reflexões do início desse capítulo sobre os caminhos da crítica desde o início do século XX. Assim

[...] não há a necessidade de haver conflito entre os estudos culturais e os literários. Os estudos literários não estão comprometidos com uma concepção do objeto literário que os estudos culturais devem

repudiar. Os estudos culturais surgiram como a aplicação de técnicas de análise literárias a outros materiais culturais. Tratam os artefatos culturais como “textos” a serem lidos e não como objetos que estão ali simplesmente para serem contados. E, inversamente, **os estudos literários podem ganhar quando a literatura é estudada como uma prática cultural específica e as obras são relacionadas a outros discursos.** (grifo nosso. p. 52, 1999)

O foco dos estudos culturais é, acima de tudo, tratar “[...] as múltiplas maneiras pelas quais as identidades se formam, são vividas e transmitidas” (CULLER, 1999, p. 51-52). Isso não ameaça as estruturas do cânone literário, muito pelo contrário, fica evidente que as análises de obras canônicas, por exemplo, ganharam diferentes olhares interpretativos, sem correrem riscos de serem deixadas de lado. Além, é claro, da possibilidade de ampliação desse cânone, buscando obras que ficaram por algum motivo fora dele.

1.5 Feminismo e a teoria queer

Por fim, após delimitarmos esse breve panorama da crítica, destacando aquilo que acreditamos ser um caminho possível para compreendermos o espaço conquistado pelos estudos de gênero na crítica literária, apontaremos alguns pontos teóricos relevantes sobre o *feminismo e a teoria queer*.

Antes de tratarmos da vertente feminista dentro da crítica literária, é importante abordar o percurso do feminismo enquanto movimento político e social. Devemos, portanto, salientar quais os primeiros textos apresentados, as autoras responsáveis pelo surgimento e as divergências teóricas dentro desses estudos. As divisões mais recorrentes sobre o percurso da crítica feminista seguem as fases de acordo com as publicações específicas de algumas autoras. Como referência usaremos a divisão abordada no livro *A reader's guide to contemporary literary theory*, de Raman Selden, Peter Widdowson, Peter Brooker, que divide as fases do feminismo entre a “primeira-onda”, com as propostas de Virginia Woolf e Simone de Beauvoir, a “segunda-onda”, com publicações a partir da década de 60, com ênfase na publicação de Kate Millet, *Sexual Politics* (1970), na crítica feminista anglo-americana, com a ginocrítica, de Elaine Showalter e a francesa, com Hélène Cixous, Julia Kristeva, Luce Irigaray. Essa tentativa de divisão é pertinente, porém deve ser feita com certo cuidado, pois as teorias feministas acabam se cruzando, seja para concordar e ampliar, seja para discordar e refutar.

Virginia Woolf, além da sua produção literária, publicou diversos ensaios que tratavam da escrita feminina. Ela procurou demonstrar a desvantagem da mulher em exercitar a escrita e produzir literatura de qualidade, partindo do princípio de que para produzir o contexto de produção de homens e mulheres não seria o mesmo. Essa distinção existia por conta das atribuições de gênero, enquanto o homem tinha liberdade para estudar, ter uma profissão, ser economicamente independente, as mulheres ficavam presas ao espaço doméstico, impedidas pelas construções sociais de competirem e produzirem da mesma maneira que os homens. A escritora considera que “[...] [p]ara escrever ficção ou poesia de qualidade a mulher necessita de ‘um teto todo seu’ em que possa trabalhar em paz e de uma renda anual capaz de lhe garantir independência” (ZOLIN, 2009, p.166).

Ao relatar essa diferença de tratamento de homens e mulheres, para, em seguida, mostrar como a literatura de autoria feminina não acompanha as publicações masculinas por conta dessa socialização, Virgínia Woolf proporciona as primeiras considerações sobre o gênero ser socialmente construído. Em suma,

Woolf's general contribution to feminism, then, is her recognition that gender identity is socially constructed and can be challenged and transformed, but apropos of feminist criticism she also continually examined the problems facing women writers. She believed that women had always faced social and economic obstacles to their literary ambitions, and was herself conscious of the restricted education she had received (she was taught no Greek, for example, unlike her brothers). (SELDEN; WIDDOWSON; BROOKER, 1993, p. 118)

Há ainda outra questão destacada pela escritora a respeito também dos problemas em tentar fazer uma divisão em uma escrita feminina e masculina. Para ela as grandes mentes literárias carregam tanto o feminino quanto o masculino, indicando uma escrita andrógina, sem a separação por sexo. Essa posição salienta ainda mais a ideia de que a única diferença entre a produção de homens e mulheres existia somente pela impossibilidade delas terem as mesmas oportunidades que eles. Essa postura da feminista acabou se chocando com abordagens de outras teóricas, que viam a autoria feminina como fonte de destaque para as lutas do movimento.

Simone de Beauvoir traz umas das mais importantes para o feminismo, que ecoa até os dias atuais: “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher”.

Essa afirmação da autora alavancou as discussões sobre gênero a um novo nível, atingindo pontos estruturais de cunho social e cultural.

Em sua obra mais relevante, *O segundo Sexo* (1949), a autora reafirma pontos que dialogam com a proposta de Virginia Woolf, mas também sinalizam outros caminhos discutidos na “segunda-onda” do feminismo. A autora indica que “[...] não basta apontar as relações de propriedade como responsáveis pela opressão feminina; é necessário, também, explicar por que as relações de propriedade foram instituídas contra a comunidade e entre os homens” (ZOLIN, 2003, p.168). Ela busca demonstrar a necessidade de igualar todos os seres humanos, propondo que as mulheres recusem a posição imposta pelo opressor e assumam seu lugar no mundo:

De Beauvoir's work carefully distinguishes between sex and gender, and sees an interaction between social and natural functions: 'One is not born, but rather becomes, a woman . . . it is civilization as a whole that produces this creature . . . Only the intervention of someone else can establish an individual as an Other.' It is the systems of interpretation in relation to biology, psychology, reproduction, economics, etc. which constitute the (male) presence of that 'someone else'. Making the crucial distinction between 'being female' and being constructed as 'a woman', de Beauvoir can posit the destruction of patriarchy if women will only break out of their objectification. In common with other 'first-wave' feminists, she wants freedom from biological difference, and she shares with them a distrust of 'femininity' – thus marking herself off from some contemporary feminists' celebration of the body and recognition of the importance of the unconscious. (SELDEN; WIDDOWSON; BROOKER, 1993, p. 120)

Devemos ainda destacar a obra de Kate Millet, *Sexual Politics* (1970), como referência para um recorte específico do feminismo dentro da crítica literária. Millet nomeia de “política sexual” a representação de homens e mulheres seguindo as diferenças com base em divisões biológicas que compõem a manutenção de opressor e oprimido. Essa política se faz presente na literatura, pois ela havia sido, desde o início, feita e pensada por homens. Encontraríamos nas obras literárias a representação dos estereótipos de gênero, que eram inquestionáveis até então.

A partir disso, a “segunda-onda” da crítica feminista além de marcar as diferenças de socialização entre homens e mulheres e a busca por igualdade, amplia-se ainda mais e começa a discutir outras questões:

Although second-wave feminism continues to share the first wave's fight for women's rights in all areas, its focal emphasis shifts to the politics of reproduction, to women's 'experience', to sexual 'difference' and to 'sexuality', as at once a form of oppression and something to celebrate. Five main foci are involved in most discussions of sexual difference: biology; experience; discourse; the unconscious; and social and economic conditions. (SELDEN; WIDDOWSON; BROOKER, 1993, p. 120-121)

Dentro da “segunda-onda” temos a divisão entre a crítica anglo-americana e a crítica francesa. Embora tenham diversos pontos em comum, ambas conseguem seguir caminhos diferentes que mais as distanciam do que as aproximam.

A crítica feminista anglo-americana é marcada, principalmente, pela ginocrítica, de Elaine Showalter. As discussões seguiam dois pontos, um sobre como e a importância de exercer uma “escrita feminina”, e outro para analisá-las. A proposta de Showalter vai focalizar a mulher enquanto escritora, responsável por dar voz a suas próprias experiências,

[...] privilegiando a história, os estilos, os temas, os gêneros e as estruturas dos escritos de mulheres; a psicodinâmica da criatividade feminina; a trajetória da carreira feminina individual ou coletiva; e a evolução e as leis de uma tradição literária de mulheres. (ZOLIN, 2003, p.172)

Essas reflexões não ficavam apenas no objeto literário, elas evidenciaram a necessidade de efetuar uma reformulação na própria teoria literária. A contribuição da crítica anglo-americana reflete sobre alguns pontos importantes para o feminismo. O primeiro seria tratar do embate entre aquilo que considera como “biologicamente” feminino – sensível, frágil, maternal, gentil, amável - e as questões de gênero, classe social e raça. O segundo aborda a necessidade de buscar uma produção literária que retratasse a mulher, a partir de uma escrita feminina, distante dos estereótipos abordados até então. O terceiro vai tratar de questionar o cânone literário, discutindo os mecanismos legitimadores e o espaço destinado às obras fora da hegemonia do discurso masculino (ZOLIN, 2003).

A perspectiva da ginocrítica será criticada pela linha de estudos das feministas francesas. Para elas, a crítica anglo-americana, ao recusar as considerações sobre uma escrita andrógina de Virginia Woolf, acaba contribuindo

para a manutenção de uma visão limitadora sobre as mulheres, muito mais próxima da reafirmação dos estereótipos mantidos no cânone literário.

Considerando as divergências entre as duas linhas citadas acima, apresentaremos os principais – e divergentes - pontos da crítica do feminismo francês. O ponto de referência da linha francesa é a teoria psicanalítica³, que enxerga a linguagem como um instrumento subversivo quando deixa de pertencer à figura masculina.

As três principais teóricas dessa vertente, Cixous, Irigaray e Kristeva, mantêm uma coerência e, conforme abordam discussões, acabam se complementando. Cixous e Irigaray consideram que a figura feminina, ao ser colocada em oposição à figura masculina, sempre foi apontada como inferior e, por isso, todas as oposições binárias que conhecemos, separadas por positivas e negativas, correspondem respectivamente ao masculino e ao feminino. Assim, a mulher estaria mais próxima de produzir uma escrita transgressora por ser marcada socialmente como inferior dentro dessa perspectiva binária.

Kristeva analisa os indivíduos a partir de uma visão pré-edipiana. Enquanto Freud marca o momento da nossa formação a partir das nossas relações parentais, a teórica considera o momento anterior a essa fase como responsável pela ausência de qualquer referência externa capaz de delimitar os indivíduos dentro desse convívio binário de gênero. Segundo a filósofa, a fase pré-edipiana estaria relacionada à escrita feminina por ser livre de qualquer influência social e cultural, responsável por romper o silenciamento provocado pela dominação masculina. É importante destacar que o objetivo não é delimitar a existência de uma escrita feminina marcada biologicamente, mas que dentro dessa escrita feminina podem entrar todos os discursos que rompem, de alguma maneira, o falocentrismo.

³ Freud e Lacan são referências para os estudos das feministas francesas. Freud ao conceituar o complexo de Édipo como determinante na formação da superioridade masculina em relação à feminina. Além de abordar também o poder simbólico presente no pênis. E Lacan ao afirmar que o falocentrismo é inseparável do signo e apresentar três definições essenciais para compreensão do sujeito humano e as estruturas inconscientes da linguagem: o *Simbólico*, o *Imaginário* e o *Real*.

O feminismo francês trata como ponto principal a ideia do binarismo de gênero. Marcando o feminino como discurso inferior e silenciado em oposição à figura masculina considerada como superior e dominadora. Delimitando, a partir disso, a necessidade de subverter esses discursos. A tarefa agora seria encontrar nas análises literárias essas transgressões capazes de romper esses modelos de feminino e masculino.

Assim como o movimento e a crítica feminista foram crescendo a partir de meados do século XX, o movimento de gays e lésbicas também ganhou força. O principal objetivo do movimento era combater a discriminação contra esses grupos e desenvolver o orgulho nesses indivíduos com identidades sexuais diversas. Diante dos ataques e repressões, com a busca pelo respeito e combate ao preconceito, os ativistas começam a utilizar o termo “heterossexismo” para nomear os privilégios dos heterossexuais e apontar a exclusão de qualquer outra orientação sexual que fugisse a “norma”.

Freud e Foucault são os primeiros teóricos a tratar do assunto mais detalhadamente, por isso serviram de referência para o início dos estudos críticos do movimento LGBT (nesse período destinado mais às reflexões de gays e lésbicas). No entanto, não iremos nos debruçar sobre as reflexões desses autores, pois nos interessa mais o período em que os estudos passam efetivamente para a teoria queer.

Culler (1999) afirma que a teoria queer

[...] usa o marginal - o que foi posto de lado como perverso, além dos limites, radicalmente outro – para analisar a construção cultural do centro: normatividade heterossexual. No trabalho de Eve Sedgwick, Judith Butler e outros, a Queer Theory tornou-se o espaço de um questionamento produtivo não apenas da construção cultural da sexualidade mas da própria cultura. (p.126)

O principal objetivo dos estudos queer é questionar os padrões binários de gênero (homem e mulher, heterossexual e homossexual, etc.) justificados equivocadamente por diferenças biológicas.

Judith Butler no livro *Problemas de gênero*, de 1990, nomeia o primeiro capítulo como “Sujeitos do sexo/gênero/desejo”, e talvez seja esse um dos principais pontos de sua proposta teórica. Ela apresenta a separação da ideia de

sexo biológico, gênero e desejo; o sexo biológico corresponde à anatomia corporal dos indivíduos (pênis, vagina); o gênero seria a maneira com que a pessoa se coloca socialmente (homem, mulher, transgêneros, binário e não binário, entre outros), e por fim o desejo que diz respeito à orientação sexual de cada um (heterossexual, homossexual, bissexual, pansexual, etc.).

Butler utiliza o termo “performatividade”⁴ para determinar como funcionam os efeitos das “normas” de gênero nos indivíduos. Para ela, a identidade é elaborada a partir de uma série de determinantes existentes antes mesmos dos próprios sujeitos, sendo responsáveis por manter essa centralidade em identidades hegemônicas que sustentam os estereótipos de masculinidade e feminilidade, ser homem e ser mulher:

Os limites da análise discursiva de gênero pressupõem e definem por antecipação as possibilidades das configurações imagináveis e realizáveis do gênero na cultura. Isso não quer dizer que toda e qualquer possibilidade de gênero seja facultada, mas que as fronteiras analíticas sugerem os limites de uma experiência discursivamente condicionada. Tais limites se estabelecem sempre nos termos de um discurso cultural hegemônico baseado em estruturas binárias que se apresentam como a linguagem da racionalidade universal. Assim, a coerção é introduzida naquilo que a linguagem constitui como o domínio imaginável do gênero. (BUTLER, 2008, p. 28)

Os estudos de Judith Butler escancaram os problemas na construção de gênero. Sua proposta derruba a ideia que atrelava os comportamentos dos indivíduos ao biológico, transformando-os em problemas de estrutura social e cultural. Ressaltamos, porém, que a proposta da filósofa é muito mais complexa e este momento é apenas para viabilizar esse diálogo teórico com a crítica literária.

Os efeitos da teoria queer na literatura são semelhantes aos da crítica feminista e outros estudos que surgiram com a proposta de questionamento desse discurso hegemônico responsável por silenciar toda uma representação de

⁴ O termo advém do conceito de “elocução performativa” apresentada pelo filósofo John Langshaw Austin, em 1950. “[...] Para Austin, o conceito de performativa ajuda a pensar um aspecto específico da linguagem negligenciado por filósofos anteriores; para Butler, é um modelo para se pensar os processos sociais em que uma quantidade de questões está em jogo: (1) a natureza da identidade e como ela é produzida; (2) o funcionamento das normas sociais; (3) o problema fundamental do que hoje chamamos de ‘agência’: em que medida e sob que condições posso ser um sujeito responsável que escolhe meus atos; e (4) a relação entre os indivíduos e mudança social.” (CULLER, 1999, p.104)

indivíduos e vivências. No texto literário podemos encontrar outras narrativas e também dar voz aos discursos que foram silenciados.

1.6 Os estudos de gênero e masculinidades na literatura

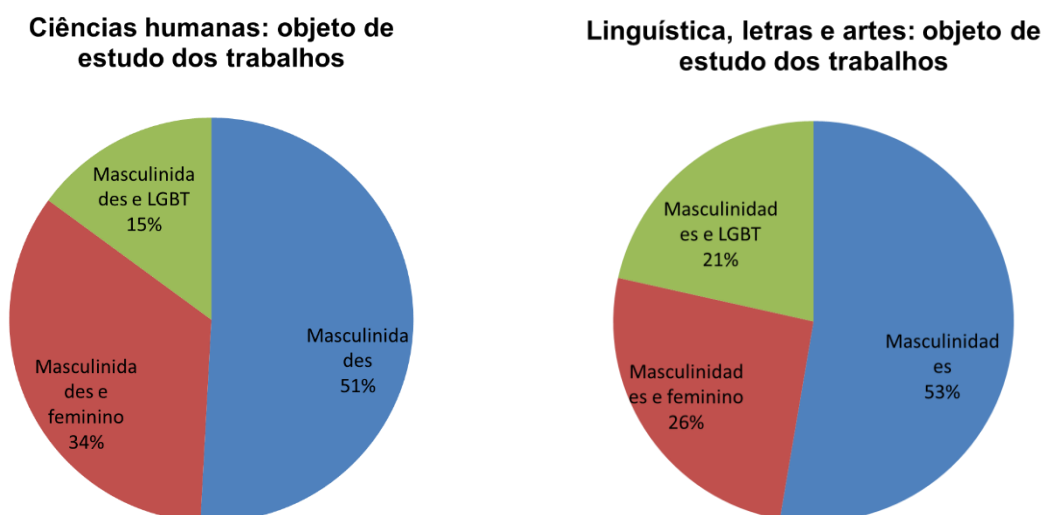
Diante dos apontamentos levantados acima, chegamos ao ponto principal deste capítulo: viabilizar e justificar a relevância dos estudos das masculinidades para a literatura. Enumerar o percurso da crítica literária no século XX proporcionou uma maior compreensão das razões que levaram à necessidade de estudar o masculino e, principalmente, como a literatura consegue tratar dessas questões.

É inegável que o papel desenvolvido pela crítica literária atualmente é muito diverso. As teorias desenvolvidas a partir de meados do século passado abriram caminhos para que o recorte de análise dentro de um mesmo texto literário pudesse dialogar com diferentes áreas do saber. Diante da leitura de um romance podemos seguir para uma abordagem estruturalista, com a semiótica, tratar os aspectos da teoria derridiana, seguir uma análise sociológica, partir para os estudos de gênero ou da ecocrítica.

Nosso interesse pelos estudos das masculinidades surgiu em 2015 a partir da elaboração do projeto de pesquisa “Papéis masculinos: o enfoque das masculinidades no conto e na crônica a partir do fim do século XX”, desenvolvido pelo Prof. Dr. Luiz Carlos Santos Simon. Esse interesse foi motivado pela presença constante do tema nos textos de diversos contistas e cronistas contemporâneos, como Caio Fernando Abreu, Lygia Fagundes Telles, Luiz Vilela, Rubem Fonseca, Eliane Brum, Tati Bernardi, Luis Fernando Verissimo, Martha Medeiros, Xico Sá, Fabrício Carpinejar, entre outros. Podemos salientar ainda que, desses cronistas, muitos abordam o tema como foco principal de seus livros, como é o caso de Xico Sá com *Modos de macho e modinhas de fêmea: a educação sentimental do homem* (2003) e *Os machões dançaram: crônicas de amor e sexo em tempos de homens vacilões* (2015), e Fabrício Carpinejar com *Borracheiro: minha viagem pela casa* (2011). Esse foco de análises em crônicas e contos contemporâneos foi ampliado recentemente no projeto de pesquisa iniciado em 2018, “Reconstituições dos homens: as masculinidades entre o debate teórico e a literatura”, para outros gêneros literários, sem um recorte temporal delimitado.

Outro ponto importante que devemos destacar é o fato de existirem poucos estudos literários com recorte restrito apenas às masculinidades, distante da ligação a outras vertentes dos estudos de gênero. Em um levantamento no banco de dissertações e teses da CAPES, feito em fevereiro de 2017, utilizando o termo “masculinidade”, foram encontrados 892 trabalhos, registrados entre 1989 e 2016. Desses 892 trabalhos, 477 estavam no eixo das ciências humanas e 94 estavam no campo de “Letras, Linguística e Artes”. Mais da metade dos trabalhos sobre masculinidades estão nas humanas. Comparando ao segundo colocado, as ciências da saúde, com 145, a diferença de trabalhos é de 332. Essa discrepância não nos surpreende, afinal, tratar das questões propostas pelos estudos das masculinidades dialoga mais com as áreas das ciências humanas.

Os números caem consideravelmente quando comparamos com “Letras, Linguística e Artes”, com apenas 94 trabalhos publicados. Devemos ainda considerar outro fator: boa parte dos trabalhos, como veremos nos gráficos a seguir, vinculam as masculinidades aos estudos feministas e às causas LGBT, por isso precisamos relativizar esses dados, compreendendo que eles são ainda menos expressivos dentro do campo de estudos sobre as masculinidades.



Do total de trabalhos dentro do recorte de cada área de conhecimento, praticamente metade fica dividida entre os outros campos de análises: nas ciências humanas, 49% - masculinidades e feminino, masculinidades e LGBT - contra 51% exclusivos sobre o tema; e em linguística, letras e artes com

47% - masculinidades e feminino, masculinidades e LGBT - contra 53%. Mesmo com a quantidade de trabalhos encontrados comprovando o crescimento dos estudos sobre as masculinidades com o passar dos anos, constatamos que, de modo geral, a quantidade de trabalhos ainda é pouco expressiva, haja vista a “dependência” dos pesquisadores em relacionar o tema a pesquisas afins. Diante disso, reconhecemos que os estudos sobre o masculino ainda têm um longo percurso para trilhar dado o ineditismo da pesquisa.

Devemos acrescentar as recentes defesas de teses e dissertações que estão vinculadas ao projeto de pesquisa, já mencionado acima, “Papéis masculinos: o enfoque das masculinidades no conto e na crônica a partir do fim do século XX”, iniciado em 2015. No total são quatro dissertações de mestrado e uma de doutorado, cada uma delas com o enfoque para os textos literários: de Letícia Ueno Bonomo, “As crônicas de Eliane Brum e as masculinidades na vida (extra)ordinária”; Matheus Fernando de Oliveira, “Desgraçados e mal-amados: as masculinidades em contos de João Antônio”; Lucélia Canassa, “Pais e filhos em contos de Luiz Vilela: as representações das masculinidades”; Thamiris Yuri Silveira Pellizzari, “Homossexualidade nos contos brasileiros das décadas de 1980 e 1990”; e a tese de Renata Beloni de Arruda, “Crônica, Ensino e Masculinidades: articulações possíveis”. Nós acompanhamos o processo de crescimento dessas pesquisas e esse contato, para o grupo, foi enriquecedor e auxiliou o amadurecimento e aprofundamento do debate.

Além dos números no banco de teses e dissertações da CAPES, temos também uma pequena quantidade de publicações que fazem análises de obras brasileiras com o tema de masculinidades. Comparada às publicações em outros idiomas, inglês e espanhol, a crítica brasileira ainda tem poucos materiais que se debruçam sobre a nossa produção literária partindo desse recorte.

Acreditamos ser pertinente destacar quais obras brasileiras foram analisadas sob a perspectiva das masculinidades: no livro *A letra o corpo e o desejo: masculinidades subversivas no romance latino-americano*, de Anselmo Peres Alós, temos a análise do livro *Onde andaré Dulce Veiga?*, de Caio Fernando Abreu; no de Mark Millington, *Hombres in/visibles: la representación de la masculinidad em la ficción latino-americana, 1920-1980*, temos análises de *Jubiabá*, de Jorge Amado,

São Bernardo, de Graciliano Ramos, *Lavoura Arcaica*, de Raduan Nassar, e contos de Dalton Trevisan e Rubem Fonseca, entre outras obras da literatura hispanoamericana; o livro organizado por Fernando Marques Penteado e José Gatti, *Masculinidades: teoria, crítica e artes*, traz análises de *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, feita por Richard Miskolci, e de *Angústia*, de Graciliano Ramos, feita por Lucia Villares; e o livro *Desejo de Nação: masculinidade e branquitude em fins do XIX*, de Richard Miskolci, com a análise de três romances brasileiros: *Dom Casmurro*, *O Ateneu* e *O Bom Crioulo*. Essas publicações, com oito análises de obras brasileiras, são pouco expressivas diante da vasta produção dos estudos literários no Brasil. Contudo, as escolhas dos objetos de análises demonstram a amplitude de caminhos possíveis a serem percorridos, indo desde obras canônicas de escritores consagrados, como Machado de Assis e Graciliano Ramos, até os contemporâneos Raduan Nassar, Dalton Trevisan e Rubem Fonseca.

Para sintetizar melhor como os críticos elaboraram as análises, usaremos como exemplo o texto de Richard Miskolci, elencando uma das obras mais consagradas da nossa literatura, *Dom Casmurro*. No artigo “O vértice do triângulo – A paranoia de Dom Casmurro e os espectros da elite brasileira finissecular”, o pesquisador nomeia quais estudos ajudaram a perceber na obra de Machado de Assis a análise que propõe fazer do romance:

Dom Casmurro é um objeto privilegiado de investigação por retratar um momento crucial de transformação da sociedade brasileira. Em uma perspectiva sociológica informada pelos desdobramentos contemporâneos dos Estudos Culturais, da teoria feminista e dos *queer*, encontro elementos analíticos para explorar uma esfera das relações sociais que – se não foi completamente negligenciada – apenas recentemente teve reconhecida sua importância para compreender relações de poder e hierarquias de cunho não econômico. (2011, p.72)

Essa afirmação do autor reforça os motivos da nossa preocupação em mostrar brevemente os panoramas críticos do século XX, pois são eles que acabam determinando os rumos das análises contemporâneas.

O grande ponto destacado no romance de Machado de Assis está na traição de Capitu, descrita pelo narrador Bentinho, seu marido. Mas na análise de Miskolci o foco passa a ser outro. Com a exposição de alguns trechos, o crítico coloca em evidência certo envolvimento entre Bentinho e Escobar, melhor amigo do

narrador e supostamente o amante da esposa. O sociólogo afirma que o “[...] [p]ânico de Bento com relação à possível traição não se reduz ao ciúme pela esposa, pois não há limite seguro entre o desejar o que alguém tem (Capitu) sem desejar esse alguém (Escobar)” (2011. p.77). Na releitura da obra, ao olharmos mais cuidadosamente para a relação entre Escobar e Bentinho, percebemos que o amigo do narrador foi figura marcante durante toda a sua vida, desde a experiência no seminário até na convivência da vida adulta. Diversos trechos são destacados por Miskolci, mas dois nos chamam mais atenção:

Apertei-lhe os braços como se fossem os de Sancha [a esposa de Escobar]. Custa esta confissão, mas não posso suprimi-la; era jarretar a verdade. Nem só os apalpei com essa id[e]ja, mais ainda senti outra cousa: achei-os mais grossos e fortes que os meus, e tive-lhes inveja; acresce que sabiam nadar. (ASSIS, 1992, p. 201. apud Miskolci, 2011, p. 80)

E

- Escobar, você é meu amigo, eu sou seu amigo também; aqui no seminário você é a pessoa que mais me tem entrado no coração, e lá fora, a não ser a gente da família, não tenho propriamente um amigo.

- Se eu disser a mesma coisa, retorquiu ele sorrindo, perde a graça; parece que estou repetindo. Mas a verdade é que não tenho aqui relações com ninguém, você é o primeiro e creio que já notaram; mas eu não me importo com isso. (ASSIS, 1992, p. 139. apud Miskolci, 2011, p. 83)

A tensão entre as personagens fica evidente. A proximidade dos dois no seminário ou as sensações do narrador ao tocar nos braços de Escobar dão a suspeita de existir um amor romântico sufocado por eles. Essa suposição ganha veracidade quando observarmos mais cuidadosamente os fragmentos elencados para fazer sua análise. O crítico discorre sobre a heterossexualidade compulsória e como essa ordem vigente influenciou a elaboração de um enredo cheio de tensões entre os dois, representando o contexto de produção da sociedade do fim do século XIX e início do século XX.

Para finalizar, Miskolci considera que

[...] a narrativa de Casmurro pode se revelar não uma narrativa sobre a homossexualidade, mas sobre os mecanismos sociais heterossexistas reforçados individualmente na forma de homofobia. No romance de Machado, desejo e recusa se mesclam na constituição de uma forma particular de abjeção, a qual passava a vincular de maneira indissociável emergente heterossexualidade à

brasileira com a sua irmã gêmea, a homossexualidade. Nossa dinâmica interdependente, os temores com relação ao desejo por alguém do mesmo sexo se associavam às ameaças de perda de poder sobre as mulheres e também sobre outros homens, em virtude do imaginário do poder branco sobre o qual se assentou a escravidão. (MISKOLCI, 2011, p.91)

De acordo com as reflexões apresentadas sobre o romance, constatamos como a narrativa do romance, centralizada em uma suposta traição entre o casal heterossexual, acaba apresentando, sutilmente, algumas questões sobre a socialização masculina. Em uma primeira leitura, poderíamos deixar passar os conflitos sentimentais de Bentinho por Escobar, no entanto, após termos a consciência de como são construídas as relações de gênero, conseguimos visualizar com maior clareza a presença desses “padrões” representados na obra.

Com essa análise, é possível vislumbrar quais seriam os caminhos para a aproximação entre a literatura e as masculinidades. Nessa perspectiva, caberia explorar as próprias publicações de Antonio Prata, objeto de nossa pesquisa, a fim de demonstrar como a temática esteve presente em todos os livros de crônica do autor. Durante o recorte para chegar ao número de crônicas para o *corpus* do trabalho, elencamos as que poderiam, de alguma maneira, dialogar com as masculinidades. Nessa primeira seleção os números passaram de 30 crônicas encontradas. Apenas no livro *Estive pensando* (2004)⁵ não tivemos essa aproximação com o tema.

Organizamos uma tabela para explicitarmos melhor as publicações de crônicas do autor e delimitar quais tratavam da temática. Na primeira coluna temos os nomes dos livros, na segunda o número total de crônicas e na terceira apresentamos o títulos dos textos que abordam, de alguma maneira, questões sobre os homens e as masculinidades. Ressaltamos que o quadro é apenas para dar uma visão geral das publicações do cronista e constatar como é recorrente em suas publicações a proximidade com o tema.

⁵ As crônicas desse livro foram publicadas inicialmente na *Revista Capricho*. Os adolescentes eram o público alvo das publicações e isso pode ter interferido na produção dos textos.

Título do livro	Número total de crônicas	Títulos das crônicas possíveis
<i>Douglas e outras histórias</i> (2001)	17	“Café shin-xong”, “Fragile” e “O homem e o mictório, uma relação”
<i>Adulterado: crônicas</i> (2009)	56	“Socorro, sou fofo!” e “Mulher pelada”
<i>Meio intelectual, meio de esquerda</i> (2010)	77	“Ótima viagem”, “A gostosa”, “Quem pinta?” e “A odisseia de Homer”
<i>Nu, de botas</i> (2013)	24	“Mulher pelada” ⁶ , “Blowing in the Wind”, “Waldir, Juanito e Poloskei”, “Patos”
<i>Trinta e poucos</i> (2016)	78	“Não quer dar uma olhada na água”, “Vozinha”, “Eu, ela e Keith”, “Coleta de Material”, “Dupla personalidade”, “Mexerica em flor”, “Carta pra Daniel”, “Indo embora”, “Recordações”, “Jarra”, “Acaju”, “Sua vez”, “Uma odisseia no espaço” e “Tal pai, tal filho”

⁶ A crônica “Mulher pelada” é mencionada duas vezes, pois ela aparece em dois livros, *Adulterado: crônicas* e *Nu, de botas*, contudo, nesse último o autor faz alterações no texto.

No total, são 27 crônicas viáveis para a contribuição das discussões sobre as masculinidades. Essa quantidade demonstra não apenas a importância de levantar as discussões sobre o tema, mas também de constatar a atenção do autor voltada para essas questões.

Diante desse breve panorama sobre espaço dos estudos das masculinidades dentro da literatura, devemos apontar a importância não apenas para enriquecimento da crítica literária, mas também as reflexões geradas a partir da leitura dos textos. Afinal, compreender a construção social do gênero, questionando e desconstruindo conceitos ultrapassados, é necessário, pois precisamos reconstruir as concepções sociais sobre masculinidades e apontar novos caminhos.

Essa tendência de ver os rumos da crítica e da literatura como uma ameaça – como o posicionamento de Leyla Perrone-Moisés mencionado no subcapítulo 1.4 - é recorrente no meio acadêmico. No entanto, buscamos demonstrar nesse capítulo, a partir das correntes críticas e dos levantamentos sobre a pesquisa, a viabilidade das masculinidades nos estudos literários, enfatizando a contribuição dessa temática para enriquecimento do aporte crítico da literatura brasileira. Para finalizar essas discussões, destacamos duas posições que se entrelaçam e confirmam essa proximidade. Terry Eagleton, em *Teoria literária: uma introdução*; e Raewyn Connell e Rebecca Pearse, no livro *Gênero: uma perspectiva Global*.

Eagleton reflete sobre o discurso literário e seus efeitos no leitor.

Para ele

[...] *O discurso literário torna estranha, aliena a fala comum; ao fazê-lo, porém, paradoxalmente nos leva a vivenciar a experiência de maneira mais íntima, mais intensa.* Estamos quase sempre respirando sem ter consciência disso; como a linguagem, o ar é, por excelência, o ambiente em que vivemos. Mas se de súbito ele se tornar mais denso, ou poluído, somos forçados a renovar o cuidado com que respiramos, e o resultado disso pode ser a intensificação da experiência de nossa vida material. (grifo nosso. p. 6, 1983)

O estudioso atrela os efeitos causados por uma obra ao nosso existir, pois temos essa experiência íntima e intensa impulsionada pela leitura, capaz de dialogar com o meio em que vivemos. Ao comparar a linguagem com a respiração, Eagleton determina como ela é indispensável para nossa sobrevivência,

sendo, talvez, a maior representação de nós mesmos. Esse olhar essencial da linguagem coloca a literatura no ponto mais alto dessa “responsabilidade” de nos reconhecermos e termos o reflexo de nossa existência. Por isso, o texto literário se torna uma manifestação riquíssima para dialogar com as pesquisas que buscam depreender as complexidades presentes nas relações humanas.

Como a linguagem pode ser o caminho para nos aproximarmos cada vez mais da compreensão das estruturas sociais e culturais, encontramos, nessa aproximação dos estudos de gênero e literatura, uma maneira interessante de analisar os textos literários e levar essas reflexões a outros patamares. Connell e Pearse veem o gênero como um sistema de relações sociais dos quais os indivíduos e grupos atuam, sendo “[...] uma dimensão central da vida pessoal, das relações sociais e da cultura. É uma arena em que enfrentamos questões práticas difíceis no que diz respeito à justiça, à identidade e até a sobrevivência” (2005, p.25). Assim como a linguagem, o gênero também é indivisível da nossa vivência e fazer essa junção parece-nos muito natural. A literatura pode ser um dos caminhos para nos aprofundarmos ainda mais nessas questões.

Deste modo, trabalhar o discurso literário e os estudos de gênero pode nos proporcionar uma representação expressiva e verossímil sobre as masculinidades. Afinal, a literatura é

[...] um espaço de experimentações também dessas matérias que movimentam homens e mulheres. Um autêntico laboratório, posto a serviço de observações que precisam ser atentas e que requerem, ainda, doses de sensibilidade para o acompanhamento das experiências. Os estudos literários não devem abdicar de uma concentração ativa sobre todas essas práticas, pois esse mergulho no processo de criação dos escritores e a alimentação do diálogo com as reflexões teóricas sobre as masculinidades serão muito produtivos para amadurecer os modos de ler, discutir e reavaliar potencialidades da vida masculina. (SIMON, 2016, p.21)

2 MASCULINIDADES: A VIRILIDADE E O “SER HOMEM”

Neste capítulo iremos apresentar um panorama dos estudos das masculinidades, desde o seu surgimento, com as discussões sobre hegemonia e subalternidade, até os recortes temáticos - socialização dos meninos, paternidade, sexualidade - relevantes para a compreensão do que é ser homem. Antes de abordar esses recortes, faremos uma análise mais aprofundada do termo “virilidade”, considerando sua influência na constituição dos estereótipos de gênero. Durante essas reflexões, buscaremos também apontar as aberturas para outras maneiras de exercer a masculinidade.

Como apontamos no primeiro capítulo, o feminismo e os estudos queer potencializaram a necessidade de aprofundar as questões sobre as masculinidades. Esses estudos unem forças para contestar a normatividade que atrelava o comportamento feminino e masculino às diferenças biológicas.

Elizabeth Badinter (1993) indica que na década de 70, quando surgiram os primeiros estudos sobre as masculinidades, houve “[...] uma espécie de alegria excessiva em questionar a norma e mostrar todas as contradições a que ela submete o macho humano” (p.5). No entanto, somente na década de 80 existiu o prazer da denúncia e a destruição desse modelo, “[...] o homem é um problema a ser resolvido, e não algo dado” (p.5). O padrão masculino reproduzido não era contestado, pois era visto como inquestionável e gozava dos privilégios mantidos pela sociedade. Diante dessas novas abordagens o homem sai de sua posição de conforto e passa a ter seu comportamento questionado e exposto como problemático.

[...] Desde o surgimento do patriarcado, o homem sempre se definiu como ser humano privilegiado, dotado de alguma coisa a mais, ignorada pelas mulheres. Ele se julga mais forte, mais inteligente, mais corajoso, mais responsável, mais criativo ou mais racional. E este mais justifica sua relação hierárquica com as mulheres, ou pelo menos com a sua. (BADINTER, 1993, p.6)

Na medida em que foram constatadas as interferências sociais e culturais na construção de gênero, a ideia de existência de uma única masculinidade foi derrubada. Os pesquisadores propuseram o uso da palavra no plural, masculinidades, para conseguir exprimir as variações do que determina ser homem.

Assim, surge a definição de masculinidade hegemônica e masculinidades subalternas.

Raewyn Connell foi uma das primeiras estudiosas a definir o conceito de masculinidade hegemônica. As discussões sobre esse conceito foram intensificadas na década de 80 e contribuíram consideravelmente para as discussões sobre gênero. Connell e Messerschmidt, no artigo “Masculinidade hegemônica: repensando o conceito”, retomam a expressão “masculinidade hegemônica” e a definem como uma prática discursiva baseada em ideias culturais e sociais atreladas às relações de gênero. Além dos discursos visíveis também estão presentes, nessas práticas, os discursos invisíveis, como o “[...] trabalho assalariado, violência, sexualidade, trabalho doméstico e cuidado com as crianças, assim como através das ações rotineiras não refletidas” (p.258).

Os autores tentam chegar a uma definição mais certa do termo, considerando como essas práticas discursivas são reproduzidas pelos sujeitos e em que medidas elas se sustentam. Para eles, a masculinidade hegemônica pode ser adotada pelos homens, do mesmo modo em que podem recusá-la. A “masculinidade’ representa não um tipo determinado de homem, mas em vez disso, uma forma como os homens se posicionam através de práticas discursivas”. (p. 257)

Para Connell e Messerschmidt, o conceito de masculinidade hegemônica não deve ser reduzido a um “determinismo estrutural”, tentando simplificar os sujeitos como ferramentas passivas diante desses discursos. De fato, elas moldam as relações de gênero, contudo devemos observar esses sujeitos como atuantes nesse processo social em que estão inseridos, impedindo a reprodução desse único padrão de masculinidade. A masculinidade é caracterizada como

uma configuração de práticas organizadas em relação à estrutura das relações de gênero. A prática social humana cria relações de gênero na história. O conceito de masculinidade hegemônica embute uma visão histórica dinâmica do gênero na qual é impossível apagar o sujeito. (p.258)

Michael S. Kimmel, no artigo “A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas”, de 1998, discute como é a construção histórica do masculino e como a ordem social e econômica influencia a formação dos homens. O teórico considera o ideal hegemônico a partir da sua relação de

oposição aos “outros”, associando à dominação e opressão masculina, em que o “[...] hegemônico e o subalterno surgiram em uma interação mútua mas desigual em uma ordem social e econômica dividida em gêneros” (KIMMEL, 1998, p. 105).

Rosely Gomes Costa, em seu artigo “Mediando oposições: sobre as críticas e aos estudos de masculinidades”, ao se referir aos estudos de Connell (1995), afirma que “[...] A masculinidade hegemônica não diz respeito a um estilo de vida, mas a configuração que formam as relações de gênero” (2002, p. 216), e acrescenta que

[...] A hegemonia está relacionada à dominância cultural na sociedade como um todo. O número de homens que rigorosamente praticam o padrão hegemônico de masculinidade inteiramente pode ser pequeno, mas a maioria dos homens usufrui dessa hegemonia, pois se beneficia do dividendo patriarcal da subordinação geral das mulheres. (2002, p. 216)

O modelo hegemônico de masculinidade está atrelado mais às estruturas sociais do que aos sujeitos. Para compreendermos como são reproduzidos esse discurso hegemônico, diversos fatores vão interferir, a partir do próprio sujeito, para a realização plena de suas práticas. Essas práticas serão afetadas – e influenciadas – por outros discursos, de acordo com a realidade de cada sujeito. Costa (2002) acrescenta alguns pontos importantes que devemos considerar, como as variações idade, raça, orientação sexual e classe social, para entendermos como operam as relações de gênero⁷.

Utilizar o termo “masculinidades” no plural consegue ressignificar a complexidade em que são exercidas as masculinidades, sendo mutável e inconstante, com homens e mulheres tendo suas vidas modificadas e interpeladas por essas variações presentes na formação do masculino.

Ao considerarmos as interferências de raça, orientação sexual e classe social, constataremos a multiplicidade do exercício das masculinidades e, com isso, novas maneiras de exercê-las: “[...] [o]s significados de masculinidade variam de cultura a cultura, variam em diferentes períodos históricos, variam entre

⁷ “[...] as masculinidades são construídas simultaneamente em dois campos inter-relacionados de relações de poder – nas relações de homens e mulheres (desigualdade de gênero) e nas relações dos homens com outros homens (desigualdades baseadas na raça, etnicidade, sexualidade, idade, etc). Assim, dois dos elementos constitutivos na construção social de masculinidade são o sexismo e a homofobia”. (grifo nosso, KIMMEL, 1998, p. 105)

homens em meio a uma só cultura e varia no curso de uma vida” (KIMMEL, 1998, p.106). São todas essas variações que vão interferir na hegemonia e gerar as masculinidades subalternas. Elas vêm à tona na medida em que esses estudos avançam e começam a mostrar os problemas na socialização do homem e a apresentar a existência de outros modelos fora desse “essencialismo” baseado em violência, força, insensibilidade, potência sexual, racionalidade.

2.1 Virilidade

Elisabeth Badinter (1993), antes de abordar o conceito de masculinidade, elenca quais elementos a definem. Nesses apontamentos a palavra virilidade aparece com o conceito determinante para indicar as ações que legitimam os comportamentos dos homens. Segundo a autora, desde o nascimento, ao verificarem a genitália da criança, são atribuídos “papéis” para serem cumpridos. Quem tem vagina deve ser feminina, doce, sensível, maternal, etc., enquanto quem nasce com pênis deve ser viril, agressivo, racional, forte, etc., tendo que provar sua masculinidade durante toda a vida. Para Badinter “[...] [s]er homem se diz mais no imperativo do que no indicativo. A ordem ‘seja homem’ tão frequentemente ouvida, implica que isso não é tão evidente e que a virilidade não é, talvez, tão natural quanto se pretende” (1993, p. 3).

Devemos ter cuidado e saber separar o conceito de masculinidade e virilidade, eles, necessariamente, não são dependentes. Ser viril é apenas uma das maneiras de exercer as masculinidades, visto que existem aqueles que irão renegar e se distanciar desse modelo⁸.

Lucélia Canassa, em sua dissertação “Pais e filhos em contos de Luiz Vilela: as representações das masculinidades”, tece alguns comentários sobre o conceito de virilidade em três dicionários da língua portuguesa, Michaelis, Aulete e Aurélio:

Os três definem como qualidade ou característica de viril, e o Aulete ainda acrescenta, após ponto e vírgula, a palavra masculinidade. Outra definição que aparece nos três dicionários é idade entre a adolescência e a maturidade, e, dos três, o Michaelis traz a definição

⁸ “[...] quando se quer fazer a história das estruturas desiguais, de origem arcaica, mas sempre presentes, cuja transmissão na longa duração supõe a transformação da história em natureza, então, somente há uma palavra que convém, na nossa língua, ao objeto de um projeto assim: precisamente a palavra ‘virilidade’”. (COURTINE, 2018, p.8)

mais completa: idade em que o homem apresenta maior energia. O Michaelis traz ainda mais três definições: capacidade do homem procriar; conjunto de traços típicos do homem; masculinidade; —vigor físico e moral. No Aulete, além das já expostas, há outras duas: energia física ou moral; e capacidade que tem o homem de realizar o ato sexual. O Aurélio traz apenas mais uma definição, que também seria uma definição em comum entre os três dicionários, pois, mesmo que algumas palavras sejam diferentes, a ideia é a mesma: esforço, energia, vigor. (2018, p.37)

Essas definições demonstram como a virilidade está muito mais próxima das ideias de força, agressividade, potencial sexual e auge da vida masculina, do que atrelada restritamente ao conceito de masculinidade. Os dicionários, embora sejam apenas informativos, parecem indicar positivamente a ideia de ser viril, afirmando ser o período em que o “homem apresenta maior energia”. Além de “energia”, a palavra “vigor” aparece repetidas vezes, relacionada ao físico e à moral dos homens, em que ambas as palavras nos remetem ao sentido de vivacidade, potência, disposição. É curioso pensar nessas classificações, pois quando nos aprofundamos no que representa a virilidade, percebemos que os efeitos estão distantes dessa visão positiva.

A virilidade é abordada por diversos teóricos nos estudos sobre masculinidade, chegando a ser tema de três volumes publicados pela Editora Vozes: *História da Virilidade - A Invenção da Virilidade da Antiguidade Às Luzes - Vol. 1; História da Virilidade - o Triunfo da Virilidade, o Século XIX - Vol. 2; e História da Virilidade - A Virilidade Em Crise? Século XX-XXI- Vol. 3*. Os livros, com artigos de diversos autores, fazem um percurso histórico da construção da condição viril. O último, que retrata os séculos XX e XXI, é o mais relevante para a compreensão dos desdobramentos da condição masculina contemporânea.

Na introdução do terceiro volume, Jean-Jacques Courtine, com o título de “Impossível virilidade”, coloca a virilidade como fator crucial para apreensão da crise da masculinidade. Essa ideia de crise será debatida com atenção mais adiante. Nesse momento iremos explorar apenas as reflexões dos teóricos sobre a condição masculina diante da cobrança de uma conduta viril. Courtine afirma que a hegemonia do poder viril é “[...] fundada num ideal de força física, firmeza moral e potência sexual” (2013, p.8), e esse ideal perpassa os comportamentos dos indivíduos através da cultura, da linguagem e das imagens, influenciando e coagindo

os comportamentos de homens e mulheres. Ele acrescenta que abordar a história da virilidade corresponde ao

[...] conjunto dos papéis sociais e dos sistemas de representações que definem o masculino e também feminino não podem se reproduzir, enquanto tais, senão se a hegemonia viril aparecer como pertencendo à ordem natural e inelutável das coisas. (2013, p.8)

Os desdobramentos dos artigos presentes no livro seguem caminhos temáticos específicos. Pensar nessa definição de força física, firmeza moral e potência sexual, acaba nos levando a consequências perversas dentro da masculinidade e exigindo nosso olhar mais cuidadoso para compreender os problemas que a cercam. A força física como legitimador da virilidade acaba desencadeando a violência. Ela será direcionada a tudo que seja visto como ameaça, por isso, tudo que o aproxima do feminino, receberá, na maioria das vezes, os efeitos dessa violência. A firmeza moral determina as obrigações masculinas dentro dos estereótipos de gênero em seu “papel” social de provedor, cumprindo sua tarefa de “macho”, sem poder falhar ou apresentar qualquer nuance diferente dessas exigências. A potência sexual funciona como legitimador do seu poder viril, indicando que sua realização está no ato sexual e é a força de exercer a soberania masculina moldada com a centralidade no pênis, representando a figura de seu poder. Obviamente, é impossível isolar qualquer uma dessas características, porque elas estão atreladas e operam juntas às construções da virilidade.

A sombra do medo de falhar persegue o homem, sob o risco de não atingir todas as exigências da conduta viril e, portanto, de ter sua identidade contestada. Contudo, o fato de existir o medo e a negação, comprova, na verdade, existir a consciência de não conseguir exercer a masculinidade dentro do “ideal” do que se espera de um homem.

No exercício da masculinidade tradicional os homens perceberão que não é possível reproduzir essa virilidade plenamente. A constatação de não conseguir realizá-las - ser chefe de família, sustentar o lar, não ser passivo, ser agressivo e insensível e não falhar sexualmente – será determinante para fomentar as violências de gênero, em relação às mulheres ou aos outros homens.

A constatação dessa capacidade de não conseguir reproduzir completamente esse conceito de virilidade, juntamente com a emancipação feminina

e a mudança social mais libertária para os indivíduos, acabaram derrubando os mitos presentes na construção do masculino. No momento em que o feminismo e os estudos LGBT ganham força, com as mulheres buscando liberdade e igualdade nos direitos e a comunidade LGBT expondo e abrindo as portas para exercer livremente sua orientação sexual e identidade de gênero, a masculinidade começa a evidenciar a sua crise. Sócrates Nolasco, em seu artigo “Um homem de verdade”, publicado em 1997, acredita que as mudanças na intimidade, principalmente pelas conquistas do feminismo, e a própria modernidade, contribuíram para o surgimento dessa crise: “[...] a crise masculina se define dessa transição e pode ser compreendida como uma tentativa, uma possibilidade para os homens diferenciarem-se do padrão de masculinidade socialmente estabelecido para eles” (p.16).

Nos estudos de masculinidade, a crise masculina está longe de ser abordada por um único viés. Os posicionamentos acabam divergindo sobre a existência de uma crise, despertando, muitas vezes, a visão negativa de colocar o tom “vitimista” na figura masculina. No entanto, compreendemos que a crise masculina está longe de colocar o homem como vítima e muito menos indicar um acontecimento histórico como responsável pelo seu surgimento, afinal, “[...] antes de ser vítima, o homem é beneficiário do sistema de gênero vigente. Se há a possibilidade de enxergar opressão para os homens, isso ocorre devido ao fato de sempre existirem custos para se estar no topo” (OLIVEIRA, 2004, p.190).

Nossa posição diante da ideia de crise condiz com a apresentada por Marcelo Silva Ramos em “Um olhar sobre o masculino”, publicado em 2000, ao citar João Silvério Trevisan, salienta que o masculino não está em crise; ele, na verdade, sempre esteve, visto que

[...] o preço da masculinidade ([...] não é percebida como algo dado, devendo ser permanentemente conquistada pelos indivíduos do sexo masculino) é uma vigilância eterna das emoções, gestos, do próprio corpo, etc. (p.55).

Não existe um marco para o nascimento dessa crise. Ela simplesmente se tornou evidente, pois a construção do masculino, o ideal de uma conduta viril e o que determina ser homem, fazem parte de um longo e complexo percurso histórico, incapaz de apontar isoladamente um único acontecimento ou

movimento cultural como responsável por algo que se estende por toda a formação da nossa sociedade.

Para Claudine Haroche (2013) esse reconhecimento de uma impotência que será evidenciado pela crise, mostrará a insuficiência de conseguir exercer esses padrões de virilidade. Isso viabilizaria novos desdobramentos do comportamento masculino, distantes dos estereótipos do “macho” viril:

[...] Desfazer-se dos excessos da potência viril poderia muito bem significar voltar a reconhecer a impotência e admitir nela o caráter inevitável do destino masculino; [...] O reconhecimento da impotência supõe ou, pelo menos dá lugar à existência de uma relação com o seu limite, com a existência do outro; de alguma maneira, ela é o contrário da dominação ou ela tende a prevenir o seu exercício. (p.31)

Após essas breves considerações sobre a virilidade, iremos nos debruçar sobre os efeitos dela nas temáticas que envolvem a masculinidade e influenciam na sua construção. Luiz Carlos Simon, em “Fundamentos para pesquisas sobre masculinidades e Literatura no Brasil” (2016?), apresenta os desdobramentos dos subtemas presentes na temática das masculinidades, eles servem de norte para compreensão dessas estruturas e a necessidade de assimilar todos os pontos que fazem parte da vida do homem:

São eles: a) as masculinidades segundo o espaço geográfico; b) as masculinidades segundo contextos de época; c) o corpo; d) estudos de masculinidades e estudos feministas; e) as masculinidades e os gays; f) a violência; g) a paternidade; h) educação, infância e juventude; i) a heterossexualidade; j) masculinidades hegemônicas e subalternas; k) crise do homem ou das masculinidades e vitimização; l) virilidade, desempenho e honra; m) representações na mídia; n) questões de gênero – masculino, feminino, homens, mulheres; o) estereótipos e suas alternativas; p) relações familiares; e q) amor, afetos e emoções. (p.12)

Embora exista essa separação, devemos enfatizar a dependência existente em cada um desses temas, como, por exemplo, a violência e a heterossexualidade ou a paternidade e as questão de educação, infância e juventude, porém, vê-las separadamente pode servir de recorte para o desenvolvimento das pesquisas acadêmicas. Por isso, a partir deles, faremos o levantamento dos nossos próprios eixos temáticos que servirão de norte para as nossas análises.

O primeiro eixo que iremos trabalhar será a ideia de socialização dos meninos na infância, os primeiros contatos com a cobrança de exercer essa masculinidade e, conseqüentemente, sua relação com colegas e familiares. O segundo será a paternidade, nele teremos a retomada de estereótipos da representação masculina como pai e provedor do lar. O terceiro será tratar da sexualidade, buscando apontar os efeitos da ideia de potência sexual, o “dever” de ser ativo e não se aproximar do feminino, além de compreender o papel do corpo para o exercício de uma conduta viril. Por fim, abordar o amor, os afetos e as emoções, sabendo que essas três palavras se distanciam da virilidade e podem estar presentes na formação de novas maneiras de ser homem.

2.2 A socialização dos meninos na infância

Para discutir e compreender como a virilidade atinge os homens, devemos separar as etapas e buscar compreender, desde a socialização dos meninos, como são reproduzidos os comportamentos dentro do conceito de masculinidade. No artigo “Não se nasce viril, torna-se viril”, Arnaud Baubérot apresenta alguns recortes específicos sobre a fase do menino até a juventude, porém ele enfatiza a necessidade de lembrar que “[...] a virilidade é antes de tudo um atributo do homem maduro, esposo, pai e chefe de família” (2013, p.191). É importante considerar que a virilidade não é estabelecida de uma hora para outra, mas que faz parte de um processo de maturação iniciado na infância que “[...] leva o menino ao estado de homem adulto”, dentro de um “[...] lento e profundo trabalho de inculcação pela qual a sociedade o conduz a se conformar às características físicas e morais específicas do estado viril” (2013, p. 189).

Essa socialização do menino é feita, portanto, nos primeiros contatos com os pais, a relação com a mãe em contraponto à relação com o pai, em seguida a socialização com as outras crianças, partindo também para o convívio escolar, para chegar à juventude, com os primeiros contatos com a convivência adulta.

Antes de tudo, devemos retomar o peso da significação dos corpos. Quando o ser humano nasce, automaticamente será inserido dentro de um modelo histórico e social a partir de sua anatomia. Após essa determinação o sujeito receberá, ao longo de sua formação, uma série de “regras” para sua vivência em

sociedade. Essa ideia, no entanto, tem mudado e os corpos, embora ainda recebam esse “destino” social, estão cada vez mais distantes de segui-los, transformando-os em outras significações fora dos estereótipos de gênero. Apesar dessas mudanças, não podemos afirmar estarmos livres para reproduzir aquilo que quisermos. As rupturas que ocorrem, na maioria das vezes, são feitas quando os indivíduos começam a adquirir sua individualidade e independência, por isso, na infância, aceitando ou não, os estereótipos ainda irão perseguir esses corpos.

Marcelo Silva Ramos (2000) coloca que antes mesmo de aprender como deve ser

[...] o menino recebe mensagens sobre o que não deve ser (ou fazer). “Menino não chora!”, é um enunciado clássico que a infância de cada um preserva na memória e que constitui em uma das primeiras “tarefas” a serem cumpridas pelo menino a fim de tornar-se um “verdadeiro homem”. (p.45-46)

Recebendo os modelos “aceitáveis” e “inaceitáveis” de como deve ser um homem, eles são vigiados constantemente para exercer a “norma”, ameaçados de ter sua identidade colocada à prova quando não se enquadram nesses modelos.

Os primeiros modelos seguidos pelos meninos e meninas são reproduzidos pela figura do pai e da mãe. Nolasco (1995) cita os estudos de Guy Corneau para delimitar como são lidas as referências familiares pelos meninos, tendo no pai a relação de estranheza e com a mãe o sentimento de identificação, assim,

[...] [d]iante de um protótipo relacional descompensado (a mãe supre as necessidades afetivas e o pai, as materiais), o menino se distancia de suas demandas afetivas, tornando-as estranhas a ele mesmo, ligando-se a elas por meio de comportamentos agressivos e violentos. Socialmente, estes comportamentos são valorizados e reconhecidos como inerentes ao macho. (p.27)

Além desses sentimentos direcionados aos pais, o menino também terá os modelos presentes no convívio familiar dentro do espaço privado como referência para o seu desenvolvimento⁹. Os questionamentos sobre a divisão de

⁹ Dr. Sock, pediatra com trabalho voltado para o desenvolvimento da criança, afirma que “[...] entre 3 e 6 anos, o menino toma consciência de seu sexo e do fato de que ele se tornará um homem como seu pai. Ele observa, imita suas atitudes, adota jogos mais masculinos e se prepara, assim, ‘para assumir mais tarde seu papel de homem, tanto profissional quanto moral e social’”. (BAUBÉROT, 2013, p.208)

tarefas dentro do espaço doméstico de maneira igualitária é recente e ainda muito pouco reproduzida, embora existam avanços consideráveis nessas atribuições. No entanto, seria ingênuo de nossa parte não considerar o fato dessas tarefas ainda recaírem majoritariamente nos braços da mãe, enquanto ao pai fica destinado prover o sustento familiar. Mesmo com as mulheres conquistando o mercado de trabalho, os afazeres domésticos não são divididos e elas ainda são as que mais o exercem, tendo agora a duplicação do trabalho (público e privado).

Baubérot (2013) aborda também a diferença de tratamento entre os meninos e meninas já no primeiro ano de vida. Em 1970 em uma pesquisa, o autor tenta discutir como operavam os tratamentos das crianças já nos primeiros anos da vida. Ele se depara com a seguinte constatação:

[...] [v]inte e quatro horas após o nascimento, os meninos já são mais frequentemente qualificados enquanto “maiores” do que as meninas, que têm exatamente o mesmo tamanho e o peso deles. Suas mamadas duram mais, seus desmames e sua aprendizagem de higiene são mais tardios. [...] Elas permitem, entretanto, adiantar que é dentro da família, de forma ao mesmo tempo precoce e inconsciente, que se operam as primeiras diferenciações e que, antes mesmo de tomar consciência de sua condição de sexuado, a criança começa a interiorizar as normas que se referem a seu gênero. (p.192)

A formação motora e psíquica das crianças também é estimulada de maneira distinta entre os meninos e as meninas, os jogos e os brinquedos vão instigar o desenvolvimento da criança dentro dos estereótipos de gênero. É curioso analisar como funciona ainda hoje a indústria dos brinquedos, mesmo com alguns avanços, é comum chegarmos a uma loja e o primeiro questionamento recebido pelos atendentes ser: “é para menino ou menina?”. E encontrarmos uma loja dividida entre rosa e azul, bonecas, cópias de materiais domésticos, de um lado, carros de brinquedo, cópias de matérias de construção do outro. Dependendo da resposta para a pergunta, seremos levados pelos corredores comumente atribuídos ao que é de menino e de menina. Atualmente conseguimos encontrar alguns brinquedos característicos de determinado gênero disponível ao outro, mas, geralmente, essa separação não deixa de tentar resgatar o estereótipo de gênero: “temos essa bateria rosa”, “esse carrinho de controle da Barbie”, etc. Obviamente não queremos atribuir aos brinquedos e à divisão feita entre os gêneros como totalmente responsáveis pelo reforço dos estereótipos de feminino e masculino:

O fato é que, mesmo não sendo especificamente concebidos enquanto instrumentos de iniciação à virilidade, os brinquedos para meninos contribuem fortemente para a manutenção dos estereótipos dominantes e, em uma medida que permanece impossível de se avaliar, de fato, contribuem para a interiorização do hábito viril pelas crianças do sexo masculino. (BAUBÉROT, 2013, p.195)

Saindo do ambiente privado, o menino passa a ter os primeiros contatos com outras crianças. Nessa fase, quando contrapomos a liberdade do menino e da menina, percebemos que o menino conquista o espaço público mais rápido, formado em grupos, que eles começam a ter os primeiros “desafios” voltados para a conduta viril: competição, a curiosidade sobre a sexualidade, jogos violentos, a quebra de regras, a fraternidade masculina, etc. Os efeitos para os meninos que não seguem esse modelo acabam sendo o da exclusão, do bullying, ou seja, na medida em que não acompanhavam aquelas brincadeiras, as primeiras reproduções de opressão começam a aparecer. Essa convivência acompanhará o menino até a sua juventude, momento em que passa para a vida adulta e assume a reprodução de uma conduta viril.

No ambiente escolar temos uma imagem semelhante de reproduções comportamentais dos meninos, seguido daquilo que veem em casa e têm nos grupos com os outros meninos. É curioso pensar que a escola poderia intervir de alguma maneira nessa formação, no entanto, acaba sendo conivente com esse modelo. O bullying é ainda mais intenso seja com meninos que não se encaixam nesse modelo, seja com meninas que começam a ter o peso do olhar do opressor. Esse silêncio por parte da escola agrava cada vez mais o convívio desses alunos, por isso é necessário uma mudança em relação a essa abordagem, deixando de ignorar questões de gênero e sexualidade, para tentar de alguma maneira, desconstruir a reprodução desses estereótipos.

Debater questões de gênero na escola tem sido cada vez mais difícil, recentemente foi proposto o projeto de lei Nº 193, de 2016, pelo então senador Magno Malta, visando incluir entre as diretrizes e bases da educação nacional o "Programa Escola sem Partido". Já nas primeiras determinações temos

Parágrafo único. O Poder Público não se imiscuirá na opção sexual dos alunos nem permitirá qualquer prática capaz de comprometer, precipitar ou direcionar o natural amadurecimento e desenvolvimento de sua personalidade, em harmonia com a respectiva identidade

biológica de sexo, sendo vedada, especialmente, a aplicação dos postulados da teoria ou ideologia de gênero.

O texto trata de uma tentativa de frear qualquer discussão sobre gênero, partindo da afirmativa de “doutrinação ideológica” que partiria de ações dos próprios educadores. Fica evidente pelo uso dos termos “opção sexual” e “ideologia de gênero” tratar de uma proposta que pouco sabe realmente sobre os estudos de gênero e acaba reproduzindo certos preconceitos limitados ao senso comum. Esse projeto de lei ainda prossegue em debate para aprovação, no entanto, ele estimulou que as câmaras de vereadores propusessem algo semelhante, tentando aplicar a lei nos primeiros anos do ensino fundamental. Por se tratar de diretrizes educacionais, o STF sinalizou como inconstitucional qualquer tentativa dos estados ou prefeituras tentarem aprovar essa lei.

Quando observamos como a socialização de meninos e meninas é crucial para determinar como serão na vida adulta, deixar que a escola não trate de questões silenciadas e ainda reproduzidas fora do ambiente escolar, impede a tentativa de criarmos outras maneiras de formação da ideia de masculino e feminino.

O que percebemos durante essas reflexões é que mesmo com os avanços nas discussões de gênero e rupturas nos estereótipos de masculinidade e feminilidade, continuamos muito próximos de continuar reproduzindo essas condutas do que de rompê-las. Por isso, é necessário levar essas discussões para além do espaço acadêmico, mostrando outras maneiras de ser para os indivíduos.

2.3 A paternidade

Ao atingir a vida adulta, o homem alcança também o auge de sua virilidade, pois, como delimitamos, é nessa fase que as definições do que seria “ser viril” se reproduzem. Observar as consequências da socialização do menino na infância e como o meio familiar influencia na sua formação nos leva a refletir sobre a figura paterna não apenas enquanto modelo para o filho, mas, também, como referência de si mesmo dentro de uma masculinidade moldada para seguir – ou não - padrões de dentro do estereótipo de homem viril.

Devemos analisar, portanto, como paternidade se apresenta a partir dos moldes já apontados como determinantes para a formação da masculinidade

(força física, firmeza moral e potência sexual) e pensar em que medida isso afeta a relação de pais e filhos. Para Simon (2016)

[a] figura do pai é forte demais no imaginário para deixar de compor, individualmente, uma das possibilidades de pesquisa no plano das masculinidades. São muitas as articulações, procedências e facetas da questão, [...]. As preocupações sobre a paternidade multiplicam-se com a passagem do tempo e com ajustes que, gradativamente, se instalam nas relações de gêneros. (p.15)

Antes de tratarmos as novas maneiras de exercer a paternidade nos dias atuais, temos que retomar os conceitos reproduzidos nos estereótipos para compreender o embate diante das mudanças de gênero.

Ao contrapor a maternidade e a paternidade, Sócrates Nolasco (1995) considera que, na socialização das meninas, a maternidade sempre foi algo trabalhado dentro dos moldes de feminilidade, por isso, o cuidado dos filhos é tido como “natural”, parte da essência feminina, devido ao estereótipo de afetividade, sensibilidade e cuidado; ao contrário da socialização dos meninos, que ao se depararem com a paternidade não sabem ao certo quais as responsabilidades afetivas terá na relação com o filho. A falta de lugar nessa relação acabará gerando “[...] um sofrimento constantemente produzido pela incapacidade de construção de canais de expressão e reconhecimento, por parte do pai, das necessidades afetivas do filho” (NOLASCO, 1995, p.26).

Badinter (1993), em seu livro *XY: sobre a identidade masculina*, faz algumas considerações sobre as diferentes maneiras de ser pai no decorrer dos anos. Inicialmente ela apresenta a sociedade industrial como fator importante para impulsionar o distanciamento de pais e filhos, em seguida traz algumas pesquisas feitas pelas ciências humanas:

A constatação [...] é desalentadora. Viu-se pela pesquisa de Shere Hite a que ponto as boas relações entre pais e filhos eram raras. Espontaneamente, os filhos sentem dificuldade em falar do pai. Mas, num *tête-à-tête*, queixam-se das humilhações, das críticas, da ironia ou da arrogância paterna. (p.151)

A ideia do pai ausente, insensível, distante, sempre associada a comportamentos rígidos e sem emoções, acaba criando uma relação frustrada com o filho, que será marcado “[...] pelo medo (do ódio e da rejeição do pai) e o desprezo” (BADINTER, 1993, p.153), gerando conflito entre a busca de uma

aceitação inexistente, pois a silêncio da figura paterna não permitirá essa legitimação.

Na dissertação de Lucélia Canassa são feitas análises que mostram como os efeitos da criação viril na conduta do pai ocasionam dificuldades de interação com os filhos, constatando não apenas os estereótipos, mas o momento das “falhas” dessa virilidade, trazendo à tona outro modelo paterno. Um exemplo de como essa análise é feita está no conto “O corisco”, de Luiz Vilela. Narrado em 1ª pessoa, pelo filho do casal, percebemos a reprodução da divisão estereotipada do pai – como figura austera, dominadora, dura -, e da mãe – amável e protetora. O conto aborda a indiferença do pai em relação ao cachorro do filho, Corisco, sempre distante e tentando mostrar certa repulsa pelo animal, no entanto, apesar das constantes rejeições, fica evidente que por trás dessa indiferença havia no pai certo afeto pelo cachorro, seja comprando o remédio quando ele adocece, seja derrubando uma lágrima ao final do conto ao lembrar a presença do animal, que havia morrido. Canassa considera que

O pai do conto “Corisco” assemelha-se ao pai de “Eu estava ali deitado” no que diz respeito ao afeto e preocupação com o filho. São demonstrações contidas, mas que possuem significados. Aqui também há a dificuldade em lidar com os sentimentos, que afeta o relacionamento com o filho, porém, diferente do conto anterior, o pai age silenciosamente ao invés de tentar dialogar. Por mais que trabalhe na roça, exija da mulher os cuidados com a casa e mantenha um discurso de autoridade, ele se mostra incapaz de agir conforme os moldes viris e, dessa forma, é possível pensar em um pai em transição. Ele não consegue, ainda, expressar seus sentimentos verbalmente, aninhar o seu filho no momento de fragilidade ou entender que homem chora, sim, mas cede às vontades do filho, age sem receber créditos por isso e, enfim, não consegue segurar uma lágrima. (p.118-119)

É justamente nessa ruptura que encontramos outro olhar diante da representação paterna. Obviamente a figura explorada no conto é de um pai reafirmando os estereótipos de uma conduta viril, no entanto, ficam evidentes outros desdobramentos dessa masculinidade. Constata-se, portanto, que pensar na inexistência de qualquer demonstração diferente dessa ideia agressiva, insensível, dura, não será suficiente, indicando que a virilidade não será absoluta no comportamento masculino e que devemos evidenciar a existência de outras formas de ser homem, mesmo que, como no conto, encontremos o embate entre ser viril e

demonstrar emoções. São esses caminhos possíveis que podem modificar a ideia de único modelo de masculinidade.

2.4 A sexualidade

A ideia de “potência sexual” presente do ideal masculino, acaba centralizando um dos pontos essenciais para a definição de virilidade: o pênis. A ideia de falhar ou não cumprir as exigências da masculinidade, coloca em dúvida, na maioria das vezes, sua orientação sexual. Qualquer distanciamento fará com que o homem seja colocado no campo feminino e por isso inferior, se tratando de sexualidade e sexo. A ideia de ser passivo irá rondar os temores masculinos e desencadeará nos efeitos que o levam a manter a ideia de desempenho enquanto legitimador de sua identidade. Iremos perceber como a sexualidade é ponto importantíssimo para a compreensão das estruturas que mantêm a cobrança na vida dos homens em ser sempre ativo sexualmente.

Para analisarmos de que maneira o desempenho sexual interfere na socialização do homem, elencamos alguns fatores essenciais para a compreensão de sua sexualidade: o distanciamento de qualquer atividade que se aproxime ao comportamento dito feminino; o medo de ser passivo e, conseqüentemente, a homossexualidade; a potência sexual como prova de virilidade, influenciando na competição homosocial; a impotência sexual e o medo de falhar sexualmente.

No artigo “Ideologias masculinas: sexualidade e poder”, de 1995, Rafael L. Ramirez expõe que as relações assimétricas entre os gêneros se baseiam em diversos jogos e forças pertencentes à multiplicidade cultural da espécie humana, assim, os discursos masculinos “[...] são construídos com a intenção de subordinar a mulher e desvalorizar a esfera do feminino” (1995, p. 77). O discurso de superioridade não se restringe somente a oprimir o feminino, mas ao próprio masculino, se baseando em rivalidades e competições, responsáveis, muitas vezes, por gerarem conflitos. Esse jogo de poder busca a subordinação do outro, conseqüentemente, subordinar o outro “é situar o outro na esfera do feminino” (1995, p.77).

O homem deve saber exercer seu “papel de macho”. Na construção histórica da masculinidade, coube ao homem conquistar a esfera pública, enquanto

o privado foi destinado à mulher, por isso, a imagem de um homem que transite pelos dois espaços pode levar sua masculinidade a ser questionada. Além da separação de tarefas, o campo das emoções também era diferente entre o masculino e o feminino. Mary Del Priore (2011) afirma que

[n]a família, os homens tinham uma autoridade e poder sobre as mulheres e eram responsáveis pelo sustento da esposa e dos filhos. A mulher ideal era definida a partir dos modelos femininos tradicionais – ocupações domésticas e o cuidado dos filhos e do marido – e das características próprias da “feminilidade”, como instinto materno, pureza, resignação e doçura. Na prática, a moralidade favorecia as experiências sexuais masculinas enquanto procurava restringir a sexualidade feminina aos parâmetros do casamento convencional. (p.160)

Desde a denominação do sexo, ao determinar “papéis” a partir da genitália, os indivíduos são levados a seguir os modelos masculinos e femininos, evitando qualquer “desvio” de conduta que não “pertença” a essa divisão binária de gênero, ou seja, homens e mulheres deveriam se encaixar aos padrões, vivendo sob a orientação de segui-los. E era essa a ideia que dava alicerce às distinções e relações de poder entre os gêneros, enfraquecidos ou revelados como insustentáveis conforme os questionamentos sobre esses comportamentos.

Evitar demonstrar comportamentos ditos femininos interfere, como mencionamos, no modo com que as relações sexuais são praticadas, em que agir de forma passiva inferiorizaria esse homem frente aos outros. Por isso

[...] toda forma assumida de sexualidade que se distingue da heterossexualidade é desvalorizada e considerada diferente da opinião sobre sexo imposta como modelo do único. (WELZER-LANG, 2001, p. 120).

Os homens que almejam viver sua sexualidade fora da heterossexualidade “[...] são estigmatizados como não sendo homens normais, suspeitos de ser ‘passivos’ e ameaçados de ser assimilados e tratados como mulheres” (WELZER-LANG, 2001, p. 120). É importante destacar que muitos homens que têm relações homoafetivas não se consideram homossexuais por serem ativos. Ser homem corresponde a ser ativo, independentemente de com quem ele tenha relações, demonstrando como são compostas as relações de poder entre os sexos e marcando o comportamento feminino como indesejado. Assim

[...] o homem viril no modo de se apresentar e em suas práticas – portanto não efeminado -, ativo, dominante, pode aspirar aos privilégios de gênero. Os outros, os que se distinguem por uma razão ou outra, por causa de sua aparência ou de seus gostos sexuais “pelos” homens, representam uma forma de insubmissão ao gênero, à opinião de sexo, e são simbolicamente excluídos do grupo dos homens por pertencer aos “outros”, o grupo dos dominados/as formado pelas mulheres, pelas crianças e por todas as pessoas que não os homens normais. (WELZER-LANG, 2001, p. 121)

Na competição homosocial, os homens centralizam sua competição não apenas na superioridade econômica, na força e na quantidade de parceiras com que conseguem se relacionar, mas, principalmente, na materialização da genitália. Dentro da construção das masculinidades, acredita-se que o órgão sexual é símbolo de poder, ou seja, o pênis é valorizado de acordo com seu tamanho. Segundo Ramirez (1995) “[...] o pênis, os testículos e o sêmen ocupam posição de realce nos discursos de sexualidade e se constituem no centro do qual emana o poder” (p.78).

Acredita-se que o pênis é a potência masculina, e nele estão os maiores mitos da sexualidade. Para Barasch (1997) o mito de “quanto maior melhor” atormenta muitos homens, com frequência os mais inseguros e desinformados” (p.103), por isso o temor de ter pênis pequeno e dar e receber menos prazer que os outros. A autora afirma que isso não interfere no prazer, nem para os homens, nem para as mulheres, se trata mais de uma falácia que afeta os homens psicologicamente e não fisicamente.

Ramos (2000), ao analisar as respostas de homens em um questionário, constatou que as respostas eram majoritariamente otimistas em relação ao seu desempenho sexual. Os entrevistados afirmavam terem diversas parceiras sexuais, que a vida sexual era muito boa, ativa e heterossexual e reproduziam certa repulsa quando questionados sobre qualquer indicação de terem relações afetivas e sexuais com outros homens. O autor ainda destaca outro ponto interessantíssimo: os símbolos masculinos não devem trazer dúvidas, com a ideia de espada sendo desmoralizada, pois corta para os dois lados; “macho que é macho” deve ser punhal, sabre, facão, nada que possa cortar para os dois lados e que “[...] simboliza apenas o polo ativo na relação sexual, quem ‘come’” (RAMIREZ, 1995, p.49).

A busca do homem em reafirmar constantemente ser uma potência, de estar sempre preparado para o sexo, demonstra muito mais a necessidade de sustentar essa ideia do que de fato exercê-la. Segundo Sócrates Nolasco, em seu artigo “A desconstrução do masculino: uma contribuição crítica à análise do gênero”, “a apresentação social dos homens é constituída a partir do sexo, que se torna um dispositivo norteador para suas ações e intenções durante toda vida [...]” (1995, p.18).

O enaltecimento do falo transforma todas as outras genitálias em insignificantes, com um sentido transcendental. Badinter (1993) expõe que “[...] é, portanto, por seu sexo e pela atividade sexual que o homem toma consciência de sua identidade e virilidade” (p.141), transformando-o em uma máquina, não sendo apenas um órgão destinado ao prazer, mas como uma parte separada de seu corpo, muitas vezes parecendo ter vida própria. Sendo símbolo da força do homem e também de sua fraqueza, haja vista os inúmeros poderes presentes nele, o pênis se torna o “dono das obsessões” desencadeando uma série de doenças psíquicas.

Fonte de inúmeras frustrações, a ideia do falo, centro do poder do homem, ereto, pode ser considerada negativa, pois leva em conta que após o orgasmo o homem perde sua força e, o que sustenta sua capacidade viril, transformando em uma visível fragilidade. Assim, sustentar o pênis ereto é a expressão mais significativa de virilidade, ocasionando, muitas vezes, “[...] violências contra os outros e contra o próprio indivíduo” (BADINTER, 1993, p.143). Essas violências, por mais que não sejam universais e não estejam relacionadas somente ao desempenho sexual, desencadeiam as agressões contra os homossexuais, e os estupros e espancamentos em relação às mulheres e transexuais.

Inseridos em uma sociedade patriarcal, Badinter (1993) afirma que muitos homens estupradores acreditam que seus atos são uma patologia, e não uma expressão da virilidade. Contudo, é relevante destacar que o estupro é uma expressão simbólica do poder do homem. Existem posições

Mais radicais, Susan Brownmiller e Andrea Dworkin afirmam que o estupro é parte integrante da sexualidade masculina, necessária para assegurar a dominação masculina. Uma vez que o patriarcado é um dado universal, acaba-se imaginando que todos os homens são estupradores em potencial. (BADINTER, 1993, p.144)

Devemos considerar que não se trata da premissa de que todo homem é um esturador em potencial, mas sim, ao fato de que os homens estão inseridos em uma sociedade que possibilita que a construção do gênero masculino desenvolva comportamentos para assegurar e enaltecer sua virilidade e que essa busca pode afetar as relações entre os indivíduos.

Barasch (1997) acredita que dentre os mitos da sexualidade presente nas masculinidades, o fracasso sexual é outro peso que atormenta os homens. Sentindo-se responsável por dar prazer à mulher, o fato de não conseguir ereção ou a ejaculação precoce, funciona como influenciador em muitas disfunções sexuais, ou seja, para a autora, são os mitos sexuais que geram e sustentam os problemas sexuais. Essas questões levaram a psicologia e a própria medicina a buscar meios para evitar essas disfunções, “corrigindo” os possíveis problemas que afetem o desempenho sexual masculino.

A abordagem da medicina para a virilidade contribui para a compreensão do que é exigido para que ela se mantenha. No artigo “A virilidade diante da medicina”, presente no livro *História da virilidade: a virilidade em crise séculos XX e XXI*, publicado em 2013, Anne Carol afirma que

[...] A medicina define a virilidade por intermédio de dois critérios; por um lado ela solicita a masculinidade do indivíduo e, por outro lado, ela exige o desempenho sexual desse indivíduo masculino. Até o século XX, uma exigência assim estava ligada, *grosso modo*, a critérios simples: anatômicos para o macho (a presença de um aparelho genital adequado) e fisiológicos para a potência sexual (uma ereção que torne possível a penetração). (p.35)

Para a medicina o maior interesse está nas questões sexuais, devido ao fato de a impotência sexual ter se tornado um objeto de saúde pública. Curiosamente o artigo de Denise Bernuzzi de Sant’Anna, “Masculinidades e virilidade entre a Belle Époque e República”, traz abordagens de propagandas de remédios, destinados à potência sexual e capacidade reprodutiva. Tais produtos “[...] vendiam-se preparados com intenção ‘estimulante’, recomendava-se comer testículos de boi, fazer simpatias e amuletos” (p. 254), e ainda remédios com descrições, como “do célebre professor francês”, que prometiam “resultados seguros” e o fim da “debilidade sexual”. Ela acrescenta que nos espaços de

interação masculina “[...] cantava-se mais a vitória resultante de alguma conquista do que os meios forjados para consegui-las” (p.254). E conclui que

[...] Difícil para o sexo masculino a partilha do medo de falhar, como se o simples fato de dizê-lo fosse atestado de uma impotência invencível, de uma vergonha que pede um esconderijo a sete chaves. A solidão do homem diante de seu membro flácido contrasta, portanto, com a imagem do macho visivelmente pronto para o ataque. (p. 254)

Talvez seja na sexualidade, considerando esses apontamentos, que homem terá o maior obstáculo para se distanciar da “imposição” da virilidade masculina. A cobrança em ser uma potência sexual, centralizada no pênis, e que até pouco tempo atrás era visto como o “essencial” para determinar a diferença entre homens e mulheres, exercerá muito poder sobre a construção das masculinidades. Precisamos colocá-los diante de suas fraquezas para derrubar os mitos que mascaram essa reprodução de resumir sua identidade ao seu desempenho sexual.

2.5 Amores, Afetos e emoções (ou outras maneiras de ser homem)

Delimitar como a construção hegemônica afeta a vida dos indivíduos permitiu tirar da escuridão as representações masculinas distantes dos estereótipos tradicionais gênero. Por isso, conforme os estudos das masculinidades foram questionando os comportamentos viris, começamos a depreender a utilidade de apontar as outras maneiras de ser homem.

Barasch (1997) nomeia como “homem moderno” a representação masculina fruto dessas mudanças sociais que “obrigam”, de alguma maneira, os homens a se adaptarem. Ela aponta que para eles só resta “[...] uma opção: ou evolui, ou está fora. E fora em todos os sentidos, de todos os contextos e relações” (p.95).

Não compreendemos a ideia de “homem moderno” (ou “novo homem”) como algo marcadamente recente, efeito apenas dos questionamentos de gênero e conquistas das mulheres, mas como uma ideia que foi deixada de lado na busca por sustentar os privilégios da dominação masculina. Quando visualizamos essa construção social e histórica das masculinidades, constatamos que as recusas dos homens por esse comportamento viril sempre existiu, contudo, somente agora temos maior abertura para focalizar esses novos modelos.

Para os estudos de masculinidades, a conduta viril mantida pelos homens, na verdade, funciona como uma máscara para impedir que sejam descobertos em suas fragilidades. É o que explicita Rosely Gomes Costa (2002):

[...] A força é vista como uma máscara para a insegurança e a fragilidade masculinidades; assim essa fragilidade é um fato demonstrado justamente em situações onde a dominação se expressa. **Como contraponto (e solução para o que é considerado um problema) propõe-se a emergência de um “novo homem”, que seja capaz de expressar emoções e se libertar da opressão que o exercício da masculinidade hegemônica lhe impõe.** (grifo nosso. p.214-215)

A autora determina que a solução para os problemas da construção viril do masculino seria o surgimento desse conceito de “novo homem”, que destruiria a jaula em que foi colocado e abriria as portas para outras maneiras de existir. Embora ainda prevaleça o fantasma da masculinidade hegemônica que tenta a todo o momento impor padrões comportamentais, existem diversos homens que acompanharam as mudanças e buscam constantemente se distanciar desses modelos. Barasch (1997) coloca que

[a]lguns homens mais atentos, mais sensíveis e disponíveis as mudanças têm condições de acompanhar melhor esse novo quadro. Eles se tornam cúmplices da mulher e de seu desenvolvimento, complementam seus novos papéis e ainda fazem o uso disso como uma fonte de crescimento pessoal e mútuo. Para esses homens, a consciência da constância da mudança faz a busca ficar mais interessante e misteriosa. (p.97)

O momento agora é pontuar de que maneira se apresentam esses novos modelos, para teorizar e legitimar a existência desse “novo homem”. As crônicas de Antonio Prata tocam justamente nesse ponto e a partir delas conseguimos abrir ainda mais os caminhos possíveis nos estudos das masculinidades e, conseqüentemente, da crítica literária. Não se trata apenas de apresentar aquilo que já conhecemos, o estereótipo do “machão”, mas de ir a fundo nessas questões e mostrar que durante todo esse tempo poderíamos também reafirmar outras vivências para, quem sabe, conseguirmos derrubar esse modelo hegemônico. Afinal, como afirma Badinter, “[s]e a masculinidade se ensina e se constrói, não há dúvida de que ela pode mudar. [...] O que se construiu, pode, portanto, ser demolido para ser novamente construído” (1993, p.29)

3 MASCULINIDADES: OUTRAS MANEIRAS DE SER HOMEM NAS CRÔNICAS DE ANTONIO PRATA

Neste último capítulo teremos as análises das crônicas. Antes, contudo, destinaremos um tópico para falar sobre a vida e as publicações de Antonio Prata. Em seguida, abordaremos o primeiro grupo de análises com o subcapítulo “Eu ainda posso ser viril”, apresentando a seleção de crônicas que trazem a postura da figura masculina tentando se aproximar ou exercer uma conduta viril. O segundo grupo de análises será trabalhado do subcapítulo “Eu reconheço não ser viril”. Nele iremos tratar das crônicas com a perspectiva de um eu do cronista¹⁰ rompendo os padrões de virilidade, permitindo reflexões sobre o lugar do homem diante das mudanças ocorridas na sociedade contemporânea.

3.1 Antonio Prata

Antonio Prata nasceu em São Paulo, em 24/08/1977, é filho dos também escritores Mario Prata¹¹ e Marta Góes. Passou pelas faculdades de filosofia, na USP, de cinema, na FAAP, e ciências sociais, na PUC, porém não concluiu nenhum deles. O escritor declara ter começado sua carreira com quatorze anos, quando redigiu “[...] uma crônica sobre a casa da minha infância e vi minha mãe e minha irmã chorarem, ao lê-la”¹². O escritor é cronista, contista e roteirista, com contribuições para telenovelas, séries e cinema¹³.

Possui doze livros publicados: *Douglas e Outras Histórias* (2001), *Cabras, Caderno de Viagem* - com Paulo Werneck, Chico Mattoso e Zé Vicente da Veiga (2002), *Escola Viva* (2002), *Pernas da Tia Corália* (2003), *Estive Pensando* (2004) *O Inferno Atrás da Pia* (2004), *Adulterado* (2009), *Meio Intelectual, Meio de Esquerda* (2010), *Felizes Quase Sempre*, com Laerte Coutinho (2013), *Nu, de Botas* (2013), *Trinta e Poucos* (2016), *Jacaré, Não!* (2016). Foi finalista do Jabuti

¹⁰ Optamos usar a terminologia “eu do cronista”, pois como adverte Luiz Carlos Santos Simon, a crônica merece uma atenção especial: utilizar termos como narrador ou sujeito lírico, pode não expressar realmente o que sobressai na crônica, considerando que muitas vezes ela se torna uma mescla de narrativa, comentários e reflexões.

¹¹ Mario Prata ocupa lugar de destaque na história da literatura brasileira, principalmente na sua produção de crônicas.

¹² Retirado do texto autobiográfico publicado ao final do livro *Adulterado* (2009).

¹³ Roteiros em telenovelas: *Bang Bang* (2005/2006), *Avenida Brasil* (2012) e *A Regra do Jogo* (2015/2016); série “Os Experientes” (2015); cinema “Rio, eu te amo” (2013).

com os livros *Meio Intelectual*, *Meio de Esquerda e Nu, de Botas*, além de ter sido indicado também pela publicação de *Trinta e Poucos*.

Começou a carreira com uma coluna na revista *Capricho*, de 2001 a 2008, e no jornal *Estado de São Paulo*, de 2003 a 2009. Atualmente, publica crônicas na *Folha de São Paulo* aos domingos.

O cronista afirma, na tentativa de justificar sua escrita, que, desde as lágrimas de sua mãe e irmã, ele busca emocionar as mulheres, no entanto, consegue apenas fazê-las rir: “De lá pra cá, venho tentando repetir a experiência e levar mulheres às lágrimas com as minhas palavras, mas por algum mistério, desde aquela remota tarde, só as faço rir, quando faço”¹⁴. De fato, as crônicas de autor estão sempre carregadas de ironia, humor e leveza, no entanto, não menos recorrente, somos tocados pela sutileza do cronista em retratar o cotidiano unindo o simples ao lirismo, ocasionando olhos marejados vez ou outra durante a leitura.

3.2 Eu ainda posso ser viril

Nesse primeiro grupo de análises, como mencionado anteriormente, almejamos trazer as crônicas de Antonio Prata que resistem ou trazem os reflexos dessa virilidade e ainda tentam reproduzi-la, mesmo que de maneira discreta, sem que haja uma negação desse comportamento pelo eu do cronista. Analisaremos as crônicas: “Waldir, Juanito e Poloskei”, “Não quer dar uma olhada na água”, “Dupla personalidade” e “Coleta de material”.

3.2.1 “Waldir, Juanito e Poloskei”

A crônica “Waldir, Juanito e Poloskei”, retirada do livro *Nu, de botas*, trata do convívio dos meninos de um mesmo bairro. Na divisão das brincadeiras, eles começam a notar sinais de diferença a partir do poder aquisitivo de cada um deles, surgindo os primeiros sintomas da competitividade masculina.

No início, o eu do cronista comenta que todos da rua tinham o mesmo poder aquisitivo, “[...] os bens per capita se resumiam a uma bicicleta, uma bola de futebol e uma caixa onde se misturavam Playmobils, peças de montar e outras quinquilharias” (PRATA, 2013, p.95). Até mesmo a pequena diferença ao

¹⁴ Retirado do texto autobiográfico publicado ao final do livro *Adulterado* (2009).

comprar as figurinhas do álbum da copa de 82, em que uns compravam mais e outros menos, não ameaçava o “equilíbrio socioeconômico” (PRATA, 2013, p.95) que havia entre eles.

Ainda sobre as figurinhas do álbum, o eu do cronista menciona seis jogadores participantes da copa de 82, no entanto, com uma diferença entre aqueles que estavam em figurinhas mais raras e, conseqüentemente, mais importantes, Sócrates, Maradona e Paolo Rossi, e os mais comuns, com papéis de coadjuvantes, Waldir Peres, Juanito e Pölöskei. Curiosamente, essa comparação tem relação ao que é relatado nos trechos seguintes, Waldir Peres, Juanito e Pölöskei, além de dar nome à crônica, representam os meninos que se veem inferiores quando os colegas da rua começam a levar brinquedos responsáveis pelo desequilíbrio econômico:

[...] No fim das contas, sofrendo com a escassez das mais raras – Sócrates, Maradona e Paolo Rossi – e desprezando as repetidas – Waldir Peres, Juanito e Pölöskei -, todos aprendíamos a lei da oferta e da procura e compreendíamos os prazeres e as durezas da classe média. Até o dia em que o Rodrigo apareceu com o jipe de controle remoto. (PRATA, 2013, p.95).

Ao final desse trecho temos a marca do rompimento da igualdade entre eles quando Rodrigo chega com o jipe de controle remoto. O eu do cronista, na sequência, narra como a família de Rodrigo teve a ascensão econômica. Após muitos anos sendo sustentado apenas pela mulher, fonoaudióloga, o pai, que teve a carreira como tenista interrompida por conta de uma lesão, resolve abrir uma locadora de filmes pornográficos. O vídeo cassete acabava de ser inventado e, mesmo sabendo pouco sobre as possibilidades dessa criação, o negócio prospera. Alguns meses depois o poder econômico da família já havia mudando, o eu do cronista afirma que:

[...] Seis meses depois, quando chegou o natal, ainda não estava rico, mas já tinha dinheiro suficiente para, por exemplo, dar ao filho um jipe de controle remoto, 4x4 – abalando assim, pela primeira vez e definitivamente, a paridade socioeconômica entre os meninos da rua.” (grifo nosso. PRATA, 2013, p.97)

Outra família do bairro também começa a enriquecer, “o pai do Henrique” herdou uma loja de tapetes do avô e depois de algum tempo conseguiu engatar as vendas e abriu uma nova filial. Com isso, as diferenças vão surgindo e o tom competitivo entre os meninos vai aumentando. Após o deslumbre dos meninos com o jipe de Rodrigo, Henrique chega com um novo brinquedo: “[...] Quando nos

viramos, demos com o Henrique, de óculos escuros e farda bege, montado numa motinho elétrica, cópia fiel daquela usada pelos CHiPs, os guardas rodoviários do seriado” (PRATA, 2013, p.98). O que nos chama atenção é a maneira em que o “eu” descreve a reação dos meninos; Henrique, ao chegar com a motinha elétrica, ignorou os colegas,

Sem dizer nada, acelerou e passou reto por nós. Foi até o jardim no fim da rua, que chamávamos de Matão, depois voltou, **altivo e sereno** como os patrulheiros Jon Baker ou Frank Poncherello, no programa da Televisão. (grifo nosso. PRATA, 2013, p.98)

O ar de superioridade aliado à tranquilidade de estar satisfeito representado, principalmente, na escolha dos termos “altivo” e “sereno” demonstra a satisfação do menino ao exibir o novo brinquedo. Não bastando apenas a exibição, o menino, ao compartilhar a motinha elétrica, impõe seu poder ao limitar o uso do brinquedo, “[...] [à]s vezes, o Henrique deixava um de nós dirigi-la, mas só às vezes, e mesmo assim ficava correndo ao lado: ‘Não acelera muito, senão quebra!’, ‘Cuidado com o buraco’, ‘Só até a árvore, depois devolve!’” (PRATA, 2013, p.98). Enquanto isso, Rodrigo, vendo o fim do seu reinado, finge indiferença em relação ao novo brinquedo, “[...] O Rodrigo fingiu que não era com ele, mas quando bateu a figurinha, Fillol ficou colado ao suor de sua mão” (PRATA, 2013, p.98). Nesses comportamentos dos meninos conseguimos enxergar os primeiros indícios de atitudes que serão refletidas na vida adulta: o jogo de poder, tentando se reafirmar, servirá para “impor” e inferiorizar o outro. Essa “necessidade” de estar acima de todos, confere uma posição confortável nas masculinidades, pois ela afasta os questionamos e dúvidas sobre homens estarem – ou não – exercendo o “esperando” de uma conduta masculina.

O tom competitivo seguirá durante toda a crônica e revelará a necessidade de cada menino em se mostrar superior em relação aos colegas de grupo. Henrique e Rodrigo, únicos com condições de desbancar os colegas, travam uma competição e sentem-se satisfeitos quando alcançam o poder de ter o melhor brinquedo. Podemos atrelar esse comportamento dos meninos ao próprio sistema capitalista, incentivando o consumo excessivo e se fazendo presente já nos anos iniciais da vida dos indivíduos. No entanto, esse incentivo à competição faz parte da socialização do menino, segundo Müller (2013)

[...] Meninos crescem estimulados a serem livres e independentes, a contar vantagens e alardear seus méritos, desenvolvendo o senso de competitividade como uma das principais características úteis à sobrevivência na vida adulta. (Müller, 2013, p.303)

Na crônica temos a reprodução dessa competitividade precoce entre os meninos. Essa competição será refletida na vida adulta como uma das exigências de masculinidade. Não devemos esquecer também de ressaltar o papel dos pais nessa “disputa”, afinal, são eles que compram e entregam aos filhos os brinquedos, assumindo, portanto, ações determinantes na formação desses meninos. As interferências dos pais na socialização dos meninos fazem parte dos mecanismos que contribuem para a distinção entre meninos e meninas. Afinal, para se tornar homem, é realizado um

[...] lento trabalho de maturação biológica, as instituições que participam de sua socialização encarregam-se de transmitir-lhe o hábito viril, isto é, o conjunto de disposições físicas e psíquicas que lhe permitirão desempenhar seu papel de homem uma vez chegada a maturidade. (BAUBÉROT, 2013, p. 190)

Esse lento processo de maturação dos homens, com a busca de “repassar” os conceitos de virilidade, estão refletidos no relato da vivência desses meninos. Embora existam as mudanças sociais dentro da própria realidade econômica dessas famílias, há um contexto na educação dos pais e no convívio entre os meninos, que apresentam e reforçam atitudes que permitirão o exercício do “papel” masculino na chegada da vida adulta desses futuros homens.

O eu do cronista enfatiza que “[o] reinado do Henrique durou vários meses e não parecia ameaçado [...]” (PRATA, 2013, p.98), contudo, Rodrigo consegue desbancar o colega novamente. Ele narra mais uma queda do “primeiro colocado” com certo exagero ao descrever o som que os meninos, durante uma brincadeira, começam a ouvir: “[...] seria inútil tentar compará-lo ao zumbido de abelhas, ainda que fossem grandes como tigres: o que ouvimos era o estrépito inconfundível de um motor a explosão” (PRATA, 2013, p.99). Devemos destacar esse exagero como característico da visão das crianças. Mesmo sendo um “eu” adulto lembrando um episódio de sua infância, ele não deixa de explorar os sentimentos da maneira que interpretava na infância.

Esse som “explosivo” silenciou o “murmúrio elétrico da motinha” de Henrique, foi quando se depararam com Rodrigo:

[...] nos viramos e demos com Rodrigo, de capacete e luvas, a bordo de um minibus Fapinha, vermelho. (Dizer que o minibus estava para a infância como a Ferrari está para a idade adulta é um equívoco, porque depois de crescidos nem todos nos interessamos por carros, mas não havia um único menino entre os cinco e os dez anos que não sonhasse com um Fapinha; não exagero, portanto, ao afirmar que não existiu nem existirá objeto mais cobiçado por todos os homens nascidos na década de 60 do século passado) (PRATA, 2013, p.99).

O menino alcança o auge hierárquico ao aparecer com o brinquedo mais desejado pelos meninos nascidos na década de 60. O eu do cronista tenta medir a grandeza de um minibus tentando se aproximar da realidade adulta, para isso menciona a Ferrari, carro que faria, supostamente, parte do desejo dos homens. Curiosamente ele quebra a ideia que atrela a figura masculina aos carros, afirmando que, ao crescer, nem todos os homens terão esse desejo e por isso a comparação não seria equivalente. Somente na infância o real valor simbólico daquele brinquedo poderia ser mensurado.

A competição homosocial masculina é recorrente e estimulada na socialização dos homens em sociedade. É comum vermos essa competição refletida em bens materiais, levando a “superioridade” a partir do poder aquisitivo. Na crônica, os brinquedos “[...] encorajam o menino a manifestar, nos jogos, qualidades e comportamentos propriamente viris” (BAUBÉROT, 2013, p.194). É interessante observar como os desempenhos desses meninos se encaixam aos modelos reproduzidos na vida adulta, independentemente de relativizarmos, ou não, o fato de ainda serem crianças. Não é possível separar o conceito que define a masculinidade dessas ações.

Após Rodrigo atingir o ápice com o “minibus”, Henrique e o “eu” da crônica começam a planejar uma vingança depois de terem sua moral “ferida”. Os dois meninos planejavam quebrar a vidraça da porta para entrar na casa de Rodrigo, que estava viajando, não para pegar o “minibus”, mas para roubar o objeto que havia dado fim à igualdade entre eles: o jipe de controle remoto.

[...] Havia perdido a guerra, sabia disso, e a vingança seria capturar, um ano após o início das hostilidades, o estopim do conflito, seu maior símbolo, que nos aguardava no segundo andar, no fundo de um armário no quarto de Rodrigo: o jipe de controle remoto. Talvez Henrique o escondesse embaixo de sua cama, talvez o destruísse a marteladas e enterrasse os restos no Matão, não sei: o importante era roubá-lo.

Tive medo de participar e ainda mais medo de tentar impedi-lo e parecer covarde, de forma que fiquei ali, parado, enquanto ele investia contra o vidro da porta, usando o cabo de vassoura como aríete. (PRATA, 2013, p.100-101)

Além da palavra “moral”, citada antes da organização do plano, temos também os termos “vingança” e “covarde”, que unidas reforçam alguns sentimentos da socialização masculina. Essas três expressões sustentam, muitas vezes, as atitudes agressivas dos homens. Quando a moral é abalada, ou seja, quando eles são colocados como inferiores nas relações com os outros indivíduos, há uma “permissão” para revidar na tentativa de reestabelecer essa moral. A vingança estaria atrelada à necessidade constante de provar algo, não podendo aceitar esses ataques sem reagir, correndo os riscos de terem sua postura de homens questionada. Por isso, os meninos são instigados a buscar a vingança pela derrota na tentativa de reestabelecer a moral afetada. Não buscar essa vingança serviria para classificá-los como “covardes”.

Henrique, principal adversário na competição, organiza o plano de vingança tentando quebrar a vidraça da casa para roubar o jipe de controle remoto. Quando retomamos o ideal de virilidade apresentado por Sócrates Nolasco (1995) (força física, firmeza moral e potência sexual), percebemos que dois deles são responsáveis pelas atitudes dos meninos em seu plano de vingança: com a *moral* enfraquecida, usam a *força física* para quebrar a vidraça da casa de Rodrigo. O ataque afeta as bases daquilo que faz parte da socialização masculina.

Podemos destacar ainda a postura do eu do cronista assumido que o medo de parecer covarde era maior do que o de ser pego. Encontramos aqui, mais uma vez, a representação da ideia de que os homens temem serem descobertos em suas fraquezas. O problema maior não está no sentir medo, o “eu” reconhece isso, mas sim de “parecer covarde” aos olhos dos outros.

Para não ser “covarde” é preciso ser “corajoso”. Denise Bernuzzi Sant’Anna classifica a coragem como algo obrigatório na formação do “verdadeiro macho”. Segundo ela

A coragem se constrói diariamente ao lado de inúmeras precauções. Se para as mulheres essa qualidade tende a ser um acréscimo bem-vindo, para os homens ela é historicamente considerada obrigatória, o elemento central na formação de um verdadeiro macho. (2013, p.246)

Essa “obrigatoriedade” masculina em ser corajoso se espelha na atitude do eu do cronista em não transparecer para o colega que, por trás do apoio no plano de vingança, ele estava, na verdade, com medo e não queria realizar o ato.

O plano não dá certo. Ao quebrarem o vidro os meninos saem correndo, pois o medo silenciado vem à tona. Mesmo com a fuga, os meninos são responsabilizados e os pais arcam com as despesas do conserto. O eu do cronista acaba tendo outra oportunidade algumas semanas depois, pois a família de Rodrigo acaba indo embora do bairro. Ele vê a oportunidade de entrar na casa na esperança de encontrar o jipe de controle remoto. Ao entrar ele relata ter encontrado “[...] um pé de meia azul, um Playmobil careca e algumas figurinhas da Copa de 82: duas do Waldir Peres, três do Juanito e dezessete do Pölöskei” (PRATA, 2013, p.101).

O “eu” não consegue encontrar o objeto que poderia restabelecer sua moral e levá-lo, talvez, a conhecer a sensação dos colegas de exercerem o poder através dos brinquedos. Contudo, a única coisa que encontra são as figurinhas “indesejadas” na colação do álbum de figurinhas. Ao final, essa retomada nos nomes do futebol serve de espelho para representar os sentimentos dos meninos durante a crônica: com a ascensão econômica dos colegas, os meninos percebem o distanciamento entre eles por nem todos terem as mesmas condições, por isso, a classificação entre as figurinhas servem pra representar a divisão entre eles. Enquanto uns são mais prestigiados - Sócrates, Maradona e Paolo Rossi – outros vão se contentar em serem “inferiores” na disputa - Waldir Peres, Juanito e Pölöskei.

O contexto histórico da crônica data um período de mudanças, principalmente, pelo avanço tecnológico e como as vidas das pessoas foram se enquadrando aos novos estilos de vida. O ponto chave da crônica, e que merece um olhar mais cuidadoso, é o impacto econômico na vida dessas famílias. No capítulo II, ao falarmos sobre masculinidade hegemônica, mencionamos como é necessário considerarmos outros pontos que podem interferir na construção das masculinidades, entre eles estava a classe social. A partir dos relatos das experiências vividas por esses meninos, conseguimos visualizar como cada experiência foi diferente. Mesmo retratando ainda um contexto de uma classe social com privilégios econômicos, a diferença de poder aquisitivo entre eles interfere

diretamente nas experiências vivenciadas na infância e, conseqüente, interferindo construção de identidade desses meninos.

A crônica “Waldir, Juanito e Poloskei” proporciona um olhar detalhado sobre essa socialização dos meninos. Nela constatamos a reprodução na infância dos estereótipos de masculinidades desde cedo, permitindo o diálogo com aquilo que discutimos no segundo capítulo, sobre como os meninos podem apresentar comportamentos muito próximos das exigências masculinas da vida adulta.

3.2.2 “Não quer dar uma olhada na água?”

A crônica “Não quer dar uma olhada na água?” retrata o retorno de viagem de um casal. Na volta, ao pararem para abastecer e calibrar os pneus, a mulher sugere ao parceiro que ele veja como está o nível da água. Diante dessa situação, o homem prefere mentir sobre seus conhecimentos limitados em mecânica de automóveis, do que assumir e colocar sua masculinidade a prova diante da parceira.

O relacionamento durava cerca de dois meses e o eu do cronista estava na dúvida sobre o interesse da mulher em relação à durabilidade do envolvimento. Segundo ele “[...] a moça era dura na queda e, apesar de dar alguns sinais de interesse, ainda não parecia convencida de que eu fosse um bom investimento a longo prazo” (PRATA, 2016, p. 24). Essa incerteza no início do namoro acaba motivando certas atitudes do “eu”, que busca impressioná-la a partir de reproduções de ações legitimadoras de um modelo de virilidade.

Ao pararem para abastecer, ele resolve calibrar os pneus do carro. Curiosamente, há ênfase no fato de escolher – mesmo sem a necessidade - “[...] calibrar pessoalmente os pneus”, justamente por acreditar existir nesse ato “[...] certo charme viril” (PRATA, 2016, p. 24). Mesmo tentando exibir a virilidade, o eu do cronista considera pouco viril um homem que deposita na calibragem de pneu um exercício de sedução. Ele faz a comparação entre duas figuras do cinema que podem simbolizar o sentido desse “ato viril”: “[...] um cara que vê na calibragem de pneus certo charme viril está mais para um Woody Allen do que, digamos, para um John Wayne” (PRATA, 2016, p. 24). O trecho é marcado pela ironia, representando

a consciência do “eu” sobre de fato não haver nada de charmoso nessa tentativa, mas mesmo assim decide continuar com a “ideia” e não correr riscos.

A ironia utilizada pelo cronista aparece em toda a crônica. Ela irá marcar, principalmente, esses momentos de desconforto diante da busca em provar sua masculinidade. É curioso, pois iremos perceber que, muitas vezes, por trás do humor, há uma crítica a sua própria tentativa de se aproximar desses modelos masculinos.

Trazer como referência as figuras de Allen e Wayne consegue sintetizar como era a representação de masculinidade que deveria ser seguida pelos homens. No artigo “Projeções: a virilidade na tela”, de Antoine de Baecque, há um subcapítulo – “O westerner: virilidade feita e desfeita” – que aborda uma breve história da representação dos homens no cinema. O autor indica os atores responsáveis por estampar a figura do homem “westerner”: Gary Cooper, John Wayne, Randolph Scott, Robert Mitchum, Richard Widmark, Burt Lancaster. E complementa:

O herói do western possui essa virilidade imponente e séria, robusta e dominada, suscetível de se estender a todo o espaço do ar livre e de morrer se for preciso. Ele tem as prerrogativas corporais do semideus sem deixar encarnar os valores pudicos e a crença na ação próprias à filosofia do homem comum americano. (2013, p. 533-534)

Quando o eu do cronista menciona John Wayne como alvo de sua performance de masculinidade, ele traz todo esse conceito de virilidade presente nas personagens do ator, simbolizando o auge viril de um homem, desenhado como o “[h]omem de ação, atleta do cavalo, quase-homem-centauro, vivendo de sua força física [...]”(BACQUE, 2013, p. 533-534). Contudo, percebemos o distanciamento dessa figura, quando o “eu” assume estar mais para um Woody Allen, ao acreditar que calibrar os pneus seja, de fato, uma atitude marcadamente viril, do que a imagem apresentada por John Wayne. Obviamente, no capítulo de Baecque, não há menção aos personagens de Woody Allen, por conta de seus personagens não pertencerem ao “western”. Isso evidencia também o distanciamento de Allen como referência de conduta viril.

A afirmação do cronista ressalta o desejo ainda presente de tentar se aproximar de modelos masculinos sustentados por figuras como John Wayne.

Mesmo reconhecendo estar distante dessa representação, ele assume: “[a]gachado ali, contudo, me sentia um caubói a ajustar as ferraduras de meu cavalo e quase mascava um fumo imaginário [...]” (PRATA, 2016, p. 24). No imaginário do eu do cronista, ele está exercendo, ao trocar os pneus, uma forma de virilidade próxima a dos “quase-homem-centauro” abordada nos filmes de ação. O desenrolar da crônica, no entanto, acaba quebrando essa satisfação do “eu”, pois a parceira acaba sugerindo que ele olhasse também a água do carro, trazendo-o de volta para sua realidade: Woody Allen.

Eu não poderia jamais “dar uma olhada na água”, pois não tinha a menor ideia de onde ficava a água, pra que servia a água e, mesmo que a encontrasse, seria incapaz de avaliar seu nível, dando “uma olhada”. A pergunta, no entanto, me trouxe a incômoda suspeita de que ela estivesse acostumada a sair com caras que sabiam ‘dar uma olhada na água’. (PRATA, 2016, p. 24-25).

O eu do cronista rompe a ideia muitas vezes atribuídas ao masculino de dominar o conhecimento sobre a mecânica de carros, assumindo não saber nada a respeito, mas isso é ignorado por ele, que prefere mentir a revelar não fazer parte desse “grupo”. Devemos ainda considerar quais são os fatores marcados como legitimadores dessa masculinidade exercida pelo “eu” e que incentivam seus comportamentos: a presença da mulher e o convívio dela com outros homens.

Percebemos existir certa satisfação do cronista ao calibrar os pneus, dada à proximidade com as figuras viris tidas como referência na construção de sua masculinidade, mas, acima dessa satisfação, há uma necessidade de mostrar ser “macho” aos olhos do outro. A mulher é a principal motivadora dessa performance de virilidade; é a ela que deve provar sua masculinidade. Conseqüentemente, os outros homens com quem ela conviveu também são trazidos à tona – “[...] me trouxe a incômoda suspeita de que ela estivesse acostumada a sair com caras que sabiam ‘dar uma olhada na água’” (PRATA, 2016, p. 25).

Miriam Goldemberg destina um subcapítulo intitulado “A grande vilã da crise do macho”, presente no artigo “O macho em crise: um tema em debate dentro e fora da academia”, retratando a influência da mulher nas mudanças nos comportamentos dos homens. Nesse capítulo ela reproduz uma série de publicações dos meios de comunicação tentando analisar essas transformações na intimidade dos indivíduos, constatando a recorrência com que tratavam a emancipação e maior

liberdade feminina como fator determinante para essas mudanças. Nos chamam atenção as palavras utilizadas nas matérias para “definir” o sentimento dos homens diante da “nova mulher”: “inseguros”, “ameaçados”, “assustados”. Esses sentimentos também estão presentes na fala do eu do cronista, fazendo com que minta para manter as aparências diante da parceira. Afinal, antes de tudo, é mais importante, no jogo hegemônico de dominação, parecer ser “macho”, mesmo não sendo (MÜLLER, 2013).

A manutenção dos estereótipos de masculinidades vinculados à conduta viril fica evidente nessa crônica, pois percebemos os constantes resgates às personagens do cinema representantes da virilidade e, também, às inseguranças do “eu” em relações aos outros homens. Isso fica evidente no trecho seguinte, quando busca em sua memória a imagem de Marlon Brando, em *Um bonde chamado desejo*, “[...] de calça jeans e camiseta justa, que voltava pro carro limpando as mãos num pedaço de estopa e ascendendo o fósforo na sola da bota” (PRATA, 2016, p. 25). O eu do cronista resgata a figura de Brando justamente ao imaginar quais eram os homens com quem a parceira tinha se relacionado, gerando, assim, a insegurança de não conseguir reproduzir esse modelo viril. Seguindo a necessidade de “parecer ser macho”, o “eu” começa a reproduzir uma série de atitudes para sustentar a virilidade que acredita ser obrigatória diante da parceira: “[...] De modo que só me restou fazer uma cara de profissional, responder, resolutivo, ‘claro!’ e abrir imediatamente – depois de uns dois minutos de infrutíferas tentativas - o capô” (PRATA, 2016, p. 25).

Contudo, no restante da crônica, ele acaba reforçando sua masculinidade mais próxima a personagem – temida – de Woody Allen. No trecho seguinte, o uso do humor utilizado pelo cronista fica ainda mais evidente na tentativa de relatar a aventura de descobrir onde e como colocar água no carro:

Após infinitos segundos perscrutando o labirinto do motor em busca de alguma pista, finalmente encontrei algo que parecia auspicioso: uma tampinha sobre um pequeno recipiente cúbico, com um desenho que assemelhava a um regador de jardim. Do bico da figura, gotejava um líquido. Como ao lado da bomba de gasolina havia um regador muito semelhante ao do desenho, fiz uma óbvia conexão mental, enchi o troço até a boca, desrosqueei a tampinha e entornei uns cinco litros pelo orifício

Só na estrada, já subindo a serra, é que a brotoeja da dúvida começou a coçar. E se aquele galão não fosse o lugar da água? Mas a questão surgiu e, aterrorizado, descobri a resposta, na forma de um pequeno luminoso acendendo no painel: o mesmo regadorzinho do motor, mas dessa vez, com a legenda sinistra a piscar: “Óleo”. (PRATA, 2016, p. 25).

O fracasso do “eu” depositando a água no recipiente errado, constata, em uma metáfora, os riscos enfrentados no exercício da masculinidade na busca em provar reproduzir um modelo idealizado de como “deve” ser um homem. Para Sócrates Nolasco, “[a] ação, o fazer, o realizar e o desempenho colocam os homens continuamente diante da questão do uso e da legitimidade de seus comportamentos” (1995, p. 25). Assumir não saber olhar a água do carro não é considerado pelo “eu”, pois isso deslegitimaria sua identidade, que é norteadada pela imposição de ser viril.

Mesmo sabendo do erro, o eu do cronista não o reconhece e prefere seguir viagem, sob o risco de o carro parar de funcionar e eles terem de chamar um guincho. Para o “eu” “[a]ssumir o erro era impensável”, uma vez que essas seriam suas últimas palavras para a bela moça, que descobriria sua mentira e, conseqüentemente, a falsa identidade. Para ele, “[...] entre perder o carro e a moça, preferia perder o carro, claro” (PRATA, 2016, p. 25). As afirmações do cronista reforçam ainda mais o medo de ser pego em seu “desvio” de conduta, além de reforçar, ainda mais, como a mulher, nesse caso, legítima sua virilidade.

Ao afirmar ser “impensável” assumir o fracasso, ele vai ao encontro do que é apresentado por Barasch (1997): “[o] homem é indivisível, isto é, os fatos de sucesso ou fracasso de sua vida interferem de uma maneira ou de outra em todos os outros aspectos da sua personalidade” (p.97). Por isso, sustentar até o fim sua farsa é necessário para que não o descubram em suas fraquezas, impensáveis no modelo hegemônico de masculinidade.

Por fim, após duas horas, o carro consegue chegar ao destino final sem problemas, “[...] graças a Deus – e aos engenheiros da Ford, a quem mando aqui meus sinceros cumprimentos – [...]” (PRATA, 2016, p. 25). Marcado pela ironia, o trecho demonstra o alívio do “eu” por conseguir evitar a perda da parceira – considerando que, a todo o momento, ele acredita ser o único desfeito caso ela

descobrisse seu despreparo para mecânica de carros, tarefa “imaneante” às masculinidades.

O último parágrafo da crônica fecha com a cronista indicando ser justamente essas obrigações o grande problema causado pela condição masculina.

Imagino que tenho corrido o risco de ficar pelo acostamento, quem sabe até de fundir meu carro, mas não me arrependo: **faz parte da condição masculina enfrentar os perigos com os olhos fechados e a cabeça erguida. Inclusive – e, talvez, principalmente - aqueles perigos em que nós mesmos nos metemos por conta de nossa obtusa hombridade.** No fim das contas, convenhamos, valeu a pena: hoje a moça mora comigo e somos felizes - ou éramos, pelo menos, até a publicação desta crônica. (grifo nosso. PRATA, 2016, p. 26).

Constatar ser inerente ao macho enfrentar todos os obstáculos “de olhos fechados e cabeça erguida”, reproduzem as pressões do exercício da virilidade atribuída aos homens. Mesmo indicando estar consciente dessa condição, o eu do cronista não se opõe a ela e a apresenta como algo inseparável da masculinidade. Afirmando, ainda, ser esse o motivo de os homens serem propensos a situações de perigo, nessa busca constante de provar a obtusa hombridade. Badinter (1993), ao tecer comentários sobre a condição viril, alega que:

[...] De tanto ser promovida, esta imagem inacessível da virilidade acaba suscitando nos homens a percepção dolorosa de que são incompletos. Para lutar contra o permanente sentimento de insegurança, alguns acreditam encontrar remédio na promoção da hipervirilidade. De fato, eles se encontram prisioneiros de uma masculinidade obsessiva e compulsiva, que nunca os deixa em paz. Ao contrário, deixar cair a máscara é uma fonte de autodestruição e de agressividade contra todos os que ameaçam. (p. 137)

O que vimos na crônica “Não quer dar uma olhada na água” retrata exatamente as inquietações diante do medo da possibilidade da máscara dos homens caírem. Desde o início, as referências masculinas são estereótipos de uma hipervirilidade, performática e inalcançável, moldando um padrão que, na realidade, está longe de existir. Esse estereótipo assombra os homens e os “obriga” a seguir essa busca obsessiva e compulsiva de virilidade, mesmo sabendo ser essa, apenas uma máscara que esconde, por exemplo, o desconhecimento do “eu” em não ter conhecimentos sobre mecânica de carros. O único caminho possível é sustentar a mentira diante de qualquer ameaça que posso colocar sua identidade à prova.

3.2.3 “Coleta de material”

Em “Coleta de material” o eu do cronista relata a experiência de se submeter a um espermograma. No momento da coleta, ele acaba tendo dificuldades para realizar a masturbação. Com isso, começa a ser assombrado pelo medo de falhar e não conseguir fazer o exame, podendo tornar seu fracasso público ao devolver o pote vazio. Além da apreensão diante da situação que colocaria sua figura masculina à prova, também teremos referências de figuras do cinema, simbolizando a busca por incentivo para a realização do ato.

O tema se torna ainda mais interessante por dialogar de maneira mais direta aos homens (cis). Ao discorrer sobre a experiência de ter que fazer um espermograma, o cronista utiliza um recurso próprio do gênero crônica – tratar um acontecimento cotidiano, banal -, para aproximar de algo típico da vivência masculina.

A primeira frase da crônica nos apresenta a situação em que se encontra o “eu”: “Éramos eu, um potinho de plástico e a Bruna Surfistinha”. Com certo constrangimento, reproduz as falas da funcionária e descreve a sala em tom melancólico, criando um ambiente, no mínimo, desconfortável: “[...] ‘Se precisar de estímulo, tem umas revistas naquela gaveta’ haviam sido as últimas palavras da funcionária do laboratório, antes de me abandonar à solidão das quadro paredes bege” (PRATA, 2016, p. 76). Ao explicar o motivo do exame, ele vai sutilmente revelando a pressão e o medo da responsabilidade pela coleta de material estar, única e literalmente, em suas mãos. Ver-se diante do risco da infertilidade passará a atormentar sua condição masculina.

Enquanto estava trancado no “quarto bege”, ele começa a ter dificuldades para realizar o ato. Assim como na crônica “Não quer dar uma olhada na água?”, também teremos as referências cinematográficas para resgatar ou enfatizar a representação dos homens. Woody Allen é lembrado por uma frase dita em um dos seus filmes, “[...] disse em algum filme que não deveríamos nos envergonhar da masturbação, afinal, trata-se de sexo com a pessoa que você mais ama”. Entretanto, o “eu” questiona sobre a validade disso quando o ambiente é constituído pelo cheiro de álcool, ouvindo bip de senhas no painel, com quinze pessoas na sala de espera sabendo o que estava prestes a fazer. Toda essa

divagação aumenta ainda mais a pressão e dificulta cada vez mais a realização do exame. Há ainda ênfase no fato de a recepcionista não manter a discrição no momento em que chamou para realizar o exame – “Sr. Antonio, espermograma!!!” -, explicitar esse momento evidencia o incômodo por todos saberem o que fora fazer na clínica. Somos levados juntos com o cronista ao desconforto da sala e todo esse “peso” presente nela. Essa descrição parece uma tentativa de justificar sua possível falha.

A construção das masculinidades desde cedo, como apontamos no capítulo II, incentiva os meninos a exercerem a sexualidade e resumem o “poder” da virilidade no pênis, por isso, o ato sexual representa o auge do desempenho da condição viril. Nolasco (1993) reitera que “[...] o temor de um homem já está definido e é determinado pelo fracasso sexual [...] fracassar sexualmente é fracassar como um homem” (p.25). Podemos associar essas “obrigações” na determinação do que é “ser homem” ao constrangimento e incômodo apresentado na crônica, tanto no fato de precisar fazer um exame de fertilidade – trazendo a desconfiança em sua “missão biológica” de reprodução -, quanto nos possíveis olhares julgadores de outros.

O eu do cronista vai intensificando seu discurso inseguro e os medos vão ficando mais fortes:

Talvez fosse o cheiro de álcool, quem sabe a turma lá fora ou a **obrigação de cumprir com o dever**, mas assim que tranquei a porta me veio aquela dúvida que um homem **jamais deve** deixar brotar diante do sexo, seja com outra pessoa, com várias ou consigo mesmo: e se eu não conseguir? E se for incapaz de – hm, hm – performar a coleta? Seria a mais humilhante de todas as brochadas, uma inédita brochada solitária, diante da qual eu poderia dizer, **sem mentir**: isso nunca me aconteceu antes!” (grifo nosso. PRATA, 2016, p.77).

Verificamos no trecho acima como o eu do cronista encara o exame, enfatizando ser uma “obrigação”, um “dever” a ser cumprido. O problema não estava apenas em se masturbar naquele ambiente, mas, também, no fato de o resultado ser negativo, atestando não poder cumprir com o “dever” biológico da reprodução.

O medo de “brochar” também começa a assombrá-lo em suas divagações para o que seria “a mais humilhante de todas as brochadas, uma inédita brochada solitária”. Essa “brochada solitária”, como ele mesmo destacou, seria também pública, afinal, todos na sala de espera haviam escutado a chamada do

exame e veriam o recipiente vazio. Com isso, a pressão de realizar o ato aumentava ainda mais. Não se tratava de falhar consigo mesmo, como tornar público algo compartilhado, na maioria das vezes, no ambiente privado.

Para compreender os motivos que o fazem encarar essa “brochada” como a mais humilhante, temos que resgatar a frase de Woody Allen apresentada no início da crônica, sobre a masturbação ser o sexo com a pessoa que você mais ama. Por isso, assumir essa falha teria um peso ainda maior, simbolizando uma recusa a si mesmo. Para os homens “[...] qualquer dificuldade com seu pênis é uma fonte de profunda humilhação e desespero, um indício da perda da masculinidade” (BADINTER, 1993, p.142).

Ainda no mesmo trecho o “eu” destaca ser a primeira vez que, de fato, não precisaria mentir caso algo assim acontecesse. Além do medo de fracassar sexualmente, os homens recusam assumir e tratam o “brochar” como tabu. Assim, quando acontece, a justificativa é de que isso nunca havia acontecido, afinal, ronda sobre os homens o temor de falhar sexualmente e assumir isso coloca em risco sua identidade viril. Para se isentar da responsabilidade, ele imagina, na entrega do pote vazio, uma série de frases conhecidas de homens que se encontram na situação de “brochar”: “Olha, não são vocês, sou eu! Tô um pouco nervoso. Será que não dava pra eu ler umas *Caras* velhas antes? Tomar um cafezinho? [...]” (PRATA, 2016, p.77).

Prestes a desistir e aceitar a derrota, ele, ironicamente, busca inspiração em uma figura masculina:

Estava prestes a aceitar a derrota quando, do fundo de minha acuada masculinidade, uma voz ecoou. Não era a voz de Deus, mas de Van Damme em *O grande dragão branco*: ‘Retroceder, nunca, render-se jamais!’. Eu não podia me deixar vencer pelo medo. [...] Falhar, naquele instante, não seria um ato de fraqueza, mas de egoísmo: um desrespeito com o futuro da espécie humana, uma afronta à minha missão biológica. E foi este sentimento cívico, humanitário, este ancestral chamado da natureza que me trouxe de volta a confiança, fez o coração pulsar o sangue em minhas veias e...bom, vamos parar por aqui. Certas intimidades, melhor ficarem entre mim, as quatro paredes bege, o potinho plástico e a Bruna Surfistinha [...] (PRATA, 2016, p.77).

Reconhecendo sua masculinidade como “acuada” por toda a situação enfrentada, o “eu” relembra a frase de Jean-Claude Van Damme para

resgatar sua virilidade e conseguir realizar o ato. O personagem de *O grande dragão branco* carrega toda uma representação de força física, agressividade e potência sexual; um filme de artes marciais, com a superação do herói vencendo todos os adversários. Essa figura sintetiza o modelo de virilidade que irá funcionar como combustível para impulsionar a “masculinidade acuada” do eu do cronista. Não podemos ignorar a ironia presente no trecho que impulsiona o “eu” a realizar o ato ser motivado pela figura de Van Damme. A “Bruna Surfistinha” foi deixada de lado, para que viesse à tona o exemplo de virilidade necessário para reacender o seu desempenho. O cronista utiliza a ironia e o humor para enfrentar – e superar - as pressões na masculinidade. Esses recursos operam ora como crítica aos pensamentos do “eu”, ora como crítica a própria cobrança viril.

Além dessa ironia, devemos ressaltar como as relações dos homens são mantidas. Haroche (2013)

Isto porque as fraternidades revelam os elementos essenciais do dispositivo viril: o dispositivo, como se terá pressentido, da exclusão das mulheres, aquele também do processo de formação de uma solidariedade compacta entre homens-irmãos, indissociável de uma hierarquização entre iguais e, a partir daí traços de modelo patriarcal autoritário. (p.22-23)

Esse jogo de resgate de figuras representativas de virilidade não deixa de retratar, de alguma maneira, essas fraternidades masculinas. Como vimos na crônica e na afirmação de Haroche, essa formação das masculinidades servem para reproduzir e manter o desempenho da conduta viril, por isso os “modelos” são resgatados e compartilhados entre os homens. Eles compõem um lugar comum de compreensão do “peso” das cobranças masculinas.

Devemos ainda nos atentar ao fato de a voz que o trouxe de volta não ser a de Deus, como enfatiza, mas a de Van Damme. Ou seja, a figura transcende a representação divina ou se equipara a ela. Após essa recordação da fala do personagem, o constrangimento e o medo são substituídos por um sentimento de grandeza, afinal ele tinha a responsabilidade com o futuro da espécie humana. Essa nova maneira de olhar para situação reproduz a ideia falocêntrica não apenas presentes nas performances masculinas, mas na sociedade como um todo. A ideia de ter o futuro da espécie humana nas mãos é uma metáfora da representação masculina em nossa sociedade durante os anos.

O tom irônico presente durante toda a crônica, principalmente, ao substituir o medo do fracasso por uma motivação grandiosa (o futuro da humanidade), reflete a postura do cronista ao reproduzir esses estereótipos masculinos, demonstrando, na verdade, a fragilidade dos homens perante as obrigações dessa condição viril. Todo o momento o “eu” tenta encontrar caminhos para encontrar a força que o levará a realização do ato, por isso ele recorre aos discursos de motivação, inspirados por figuras – como a da Van Damme – que atualmente estão cada vez mais distantes da realidade masculina.

Na crônica “Coleta de material” temos, assim como em “Não quer dar uma olhada na água?”, um indicativo de como as masculinidades buscam encontrar caminhos para sobreviver diante das (novas) configurações das relações de gênero. O que elas deixam mais evidente é a existência de uma figura masculina que tem consciência de não fazer parte dos modelos tradicionais, mas tenta resistir resgatando e seguindo padrões que determinam o que é ser viril.

3.2.4 “Dupla personalidade”

A crônica “Dupla personalidade” aborda um diálogo de um homem com o terapeuta. Esse diálogo, na verdade, soa mais como um monólogo, em que percebemos o interlocutor somente nos usos do vocativo “doutor” presentes durante seu discurso. Nesse “monólogo”, o cronista relata sua dificuldade em controlar as vontades do pênis, que parece ter vontade própria, gerando uma “dupla personalidade”, separando o desejo sexual de sua personalidade.

Logo no primeiro parágrafo temos a síntese do que será tratado na crônica:

Eu descobri, doutor, eu finalmente entendi por que os meus namoros não dão certo. O problema... O problema é que eu e o meu pinto não temos a mesma formação. Não, muito pelo contrário, são duas visões de mundo radicalmente diferentes. (PRATA, 2016, p. 89)

Somos levados a partir do uso do vocativo “doutor” para uma consulta médica e, conseqüentemente, a busca por uma cura para um problema de saúde. O eu do cronista revela que a sua dificuldade está na separação entre o pênis e a personalidade, sem que ambos entrem em um consenso. Ao desassociar o pênis do restante do corpo e indicar sua independência, somos instigados a refletir sobre a relação da masculinidade com o falo. No capítulo II, quando discorreremos

sobre sexualidade e o desempenho sexual masculino, destacamos como o pênis é determinante para a manutenção dessa potência viril, norteador das atitudes dos homens. Para Badinter (1993), essa atitude de enaltecimento do falo juntamente com a separação do órgão em relação ao restante do corpo opera como um elemento performático: “[...] Inúmeros são os homens que, obcecados pela virilidade, não mais consideram o sexo verdadeiramente como um órgão de prazer, mas como uma ferramenta, o instrumentos da performance, uma coisa separada deles”. (p.141)

O “eu” explica quais fatores vão diferenciar sua personalidade e o desejo sexual (pênis):

Eu sou professor universitário, sou fã de Truffaut, voto no PSOL, já o meu pinto... ele gosta de umas mulheres de argolão dourado, salto alto e muito perfume. Umas mulheres que eu não consigo aguentar por três meses e que me acham um mala, também. Eu sou de esquerda, doutor, mas o meu pinto, tenho que admitir, é de direita. (PRATA, 2016, p. 89)

A justificativa para o descompasso entre eles é feita pelo viés político. Enquanto ele, professor universitário, eleitor do PSOL, é de esquerda, o pênis é de direita. É recorrente nas publicações de Antonio Prata, encontrarmos referências políticas, como o livro *Meio intelectual, meio de esquerda* (2010), caracterizando um “eu” intelectual e de esquerda. O que nos chama atenção é a forma com que os estereótipos são indicados, afinal, o desejo sexual é instigado por mulheres “de argolão dourado, salto alto e muito perfume” e, ele, homem de esquerda, dificilmente conseguirá se relacionar com mulheres desse perfil, assim como elas também não se atrairiam por ele.

Devemos analisar com certo cuidado a maneira com que são colocados os estereótipos dos homens e mulheres de esquerda e direita, assim como analisar o discurso em 1ª pessoa marcado pelo sexismo “velado” classificando as mulheres a partir do seu tipo físico. Antes de considerarmos como a afirmação do “eu” indica a questão acadêmica como fator determinante para ser de esquerda, há, também, uma nítida distinção de classe social. Isso ficará ainda mais evidente no restante da crônica:

É como se, tipo, todo dia, durante a infância e a adolescência, antes de eu pegar a peruca e ir pra Waldorf, a escola antroposófica em que eu estudei, meu pinto tivesse sido desatarraxado de mim, tivesse entrando em outra peruca escolar, tipo uma peruzinha de controle

remoto, só pra pintos, e ido estudar no Dante, no Bandeirantes ou, sei lá, no Santo Américo. Só pode ser doutor. (PRATA, 2016, p. 89)

Essa segregação é usada pra validar a diferença de “comportamentos” entre o “eu” e o pênis. O desejo sexual por essas mulheres somente poderia existir em uma realidade diferente da qual foi criado, ou seja, um homem com a sua formação não poderia se interessar por “[...] Waleskas ou Jéssicas ou Tábathas [...]”. Assim, colocar o pênis como independente parece mais fácil para justificar esse interesse. Os dois parágrafos seguintes evidenciam esse enquadramento de mulheres em dois “tipos”

Quantas vezes eu já não apresentei mulheres pra ele, mulheres bacanas, eu disse, amigão, **essa é pra casar**, pra ter uma filha chamada Luiza, pra comprar o pacote completo da Mostra e ir até na animação muda do Uzbequistão, domingo de manhã, mas ele se finge de morto, nem tchuns.

Aí eu vou no Shopping trocar um presente que eu ganhei de aniversário, chega a vendedora de unha vermelha, rabão de cavalo loiro, dia “bom dia, eu sou a Kátia, posso tá te ajudando?” e pronto, ele parece um cachorrinho quando os donos voltam de viagem. (grifo nosso. PRATA, 2016, p. 90)

A mulher “ideal” seria a que tivesse o mesmo gosto por assuntos com certo prestígio cultural. O uso da expressão “essa é pra casar”, embora seja aplicada em um contexto diferente, ainda carrega o peso histórico e social que sempre classificou as mulheres ou para o casamento ou para o sexo. Mesmo o eu do cronista indicando ser a mulher “para casar”, aquela que aceitasse sua personalidade e também compartilhasse das mesmas vontades, não podemos ignorar a existência, por trás desse discurso, da influência da construção de opressão do feminino, marcando a mulher como “[...] naturalmente frágil, bonita, sedutora, boa mãe, submissa e doce” (DEL PRIORE, 2011, p. 90).

O preconceito de classe fica evidente quando o “eu” relata que uma ida ao shopping para trocar um sapato é o suficiente para seu desejo sexual – a ereção – aparecer. Ao reproduzir a fala da vendedora “bom dia, eu sou a Kátia, posso tá te ajudando?”, o uso do gerúndio, marca de linguagem coloquial, serve como possível fator para se distanciar da realidade de um professor universitário. Contudo, devemos nos atentar ao fato de que em toda crônica existem marcas de linguagem coloquial, “nem tchuns”, “Aí eu vou no Shopping”, reproduzidas pelo próprio cronista. A linguagem na crônica tende a ser mais leve, próxima a fala do

cotidiano, mas o apelo no discurso do “eu” sobre ser professor e de uma elite intelectual nos faz refletir e questionar se todo esse estranhamento diante dessas mulheres de outra classe social é, de fato, real.

A incompatibilidade entre eles pode ser um fator, contudo, tanto nos estereótipos masculinos quanto nos femininos. Verifica-se que os homens, diante das mudanças sociais, estão se sentindo ameaçados. Um dos pontos centrais da manutenção da masculinidade hegemônica é subordinar o outro, principalmente, tudo que vai se aproximar do feminino. Mary Del Priore (2011) esclarece que

[...] [o] homem tenta fazer da mulher uma criatura tão diferente dele quanto possível. Ele, o sexo forte, ela, o fraco; ele, o sexo nobre, ela, o belo. O culto pela mulher frágil, que se reflete nessa etiqueta e na literatura e também no erotismo de músicas açucaradas, de pinturas românticas; esse culto pela mulher é, segundo ele, um culto narcisista de homem patriarcal, de sexo dominante que se serve do oprimido – dos pés, das mãos, das tranças, do pescoço, das ancas, das coxas – como de alguma coisa quente e doce que lhe amacie, excite e aumente a voluptuosidade e o gozo. Nele, o homem aprecia a fragilidade feminina para sentir-se mais forte, mais dominador. [...] (p.72)

Apesar dessa separação do pênis do restante do corpo ser uma característica comum nas performances de masculinidade, devemos considerar também os fatores ameaçadores da condição viril. As mulheres, como mencionamos, ao adquirir maior liberdade e independência levaram, os homens a se sentirem perdidos. Com isso, podemos atrelar a busca por mulheres distantes da realidade do eu do cronista a uma forma de preservar sua conduta viril. Evitando ser posto em uma posição de risco diante de uma mulher com os mesmos conhecimentos que os dele.

O eu do cronista, seguindo o desabafo, assume a culpa por ter essas duas personalidades. Ele relembra como foi a iniciação ainda na adolescência:

Quem eu tô querendo enganar, doutor? O erro foi meu, claro. Fui eu que eduquei o meu pinto e eu sei o que ele leu na juventude. Leu Playboy e Sexy e Penthouse. E como eram as mulheres na Playboy na sexy e na Penthouse? Tinham cara de quem quer ter filha chamada Luzia em homenagem ao Tom e ir na Mostra ver animação muda do Uzbequistão? Não, eram todas loiras platinadas, com unha vermelha e rabão de cavalo, tinham cara é de quem quer ir pra Vegas andar de conversível vermelho. Vegas, Doutor! Conversível!

Eu nem tenho carro! Eu tenho uma bicicleta com adesivo do Greenpeace! (PRATA, 2016, p. 90-91)

Como mencionamos no capítulo II, os meninos são incentivados desde cedo à vivência sexual. Isso os leva a descobrir, mais cedo do que as meninas, os prazeres, os desejos, a masturbação, abrindo as portas para o contato precoce com o sexo. Muitas vezes é na pornografia que a realização dessa sexualidade começa a ser iniciada.

Essa precoce descoberta aparece na crônica “Patos”, presente no livro *Nu, de botas*. Um garoto relata o primeiro contato – visual - com o corpo feminino através das “revistas de sacanagem”. O acesso às revistas é mediado por um garoto dois anos mais velho que tenta demonstrar conhecer tudo sobre sexo. Fica evidente, porém, o desconhecimento e estranhamento dos meninos ao verem nas revistas os corpos desnudos de mulheres: “Eu nunca tinha ouvido falar em ‘revistas de sacanagem’, mas pelo nome deduzi do que se tratava: uma publicação, provavelmente ilustrada, dedicada à arte de sacanear os outros” (PRATA, 2013, p.129), “Fiquei duplamente curioso. Primeiro: para que serviam revistas com fotos de pessoas fazendo sexo? Segundo: por que eram chamadas ‘de sacanagem’?” (PRATA, 2013, p.131), “[...] tomei coragem e fiz a pergunta que, à boca pequena, me sussurravam aqueles grandes lábios: as xoxotas das nossas mães, das nossas tias e professoras também eram como aquelas” (PRATA, 2013, p.131).

Esses trechos contrastam com as falas do primo, que tenta reproduzir expressões estigmatizadas no sexo para aparentar dominar o assunto: “[...] o Augusto começou a comentar as fotos. Falou de uns homens que ‘fodiam’ as mulheres e ‘gozavam na cara delas’ (PRATA, 2013, p.129), “[...] ‘Olha só como ele fode essa aqui!’, ‘Eles tão mandando ver na ruiva!’, ‘Olha que vagabunda, essa loira!’ (PRATA, 2013, p.131).

Na crônica “Patos”, temos a exposição de como os meninos começam a estabelecer os padrões de corpos femininos, de relações sexuais e tratamentos direcionados às mulheres. É essa “educação” que é lembrada pelo “eu” na crônica “Dupla personalidade”, em que tenta justificar seu desempenho sexual diante de mulheres de determinado padrão estético, por conta da sua educação sexual na infância. Por mais que haja um posicionamento político de esquerda, declarado por ele, desde o início da crônica, o pênis, de direita, continua

reproduzindo discursos construídos pela masculinidade hegemônica. Esse embate tende a ser mais comum na vida dos homens, pois toda a construção hegemônica baseada em uma conduta viril tem sido cada vez mais questionada, perdendo seu lugar social e sendo vista negativamente. Os homens, agora, precisam lidar com essa “nova” realidade. Para Bernardo Jablonski (1995)

Na verdade, o dinossauro que ainda persiste em cada um de nós não foi extinto, nem aqui nem nada China, nem em Nova York, nem em Paris. Esta constatação não se limita, como dissemos, a bolsões machistas radicais de setores de classes sociais menos sofisticados (choferes de táxi, policiais, porteiros, torcedores do Vasco, proletários em geral, etc.). Nós mesmos, profissionais liberais, progressistas, humanistas, urbanos pós-modernos, pós-graduados, pós-tantas coisas, precisamos ter consciência de que ainda não extinguímos de todo o boçalossauro que já à espreita em cada um de nós, pronto a rugir e a explodir diante de, por vezes, mínima provocação. (p.160)

A “dupla personalidade” descrita na crônica pode ser vista não apenas pelo viés de masculinidade que focaliza o pênis no centro das ações dos homens, mas também como uma metáfora do embate entre os resquícios da exigência viril diante das mudanças sociais dos indivíduos. Esse embate ressalta a divisão presente na personalidade desse “eu”, permitindo encontrar como a figura do “boçalossauro” – o “machão” que ainda assombra os homens - coexiste com a tentativa de se distanciar dos discursos tradicionais de masculinidade.

3.3 Eu reconheço não ser viril

No segundo grupo de análises, iremos destacar como, de alguma maneira, o eu do cronista tenta romper esse ideal de virilidade, mostrando ser algo distante da masculinidade exibida por outros homens. Nas análises encontraremos ainda mais marcadamente as novas configurações de gênero, possibilitando discussões sobre as construções contemporâneas de masculinidades. As crônicas são: “Mulher pelada” (*Nu, de Botas*), “Eu ela e o Keith” (*Trinta e Poucos*), “Socorro, sou fofo!” (*Adulterado*) e “Carta pra Daniel” (*Trinta e Poucos*).

3.3.1 “Mulher Pelada”

A primeira crônica, “Mulher pelada”¹⁵, apresenta um episódio do eu do cronista lembrando o momento em que descobre a presença de mulheres nuas nos bares noturnos. Essa informação será revelada com naturalidade pelo pai após

¹⁵ Também aparece no livro *Adulterado* (2009), em uma versão reduzida, por isso a escolha de analisá-la por *Nu, de botas* (2013).

os questionamentos do filho. Há ainda o embate entre a inocência da infância com o “eu” presente, que recorda as impressões do menino de cinco anos. No decorrer do texto, teremos a aproximação dos estereótipos femininos e masculinos pelas figuras do pai e da mãe, além da ruptura de uma representação viril na postura do “eu” na vida adulta. É importante tomar certos cuidados ao observarmos certas reações retratadas na infância, afinal, ela é repassada não pela perspectiva da criança, mas pela de um adulto que recorda a infância. Assim, muitas vezes, as impressões passam por interferências desse olhar do presente, do menino que hoje é homem.

No início, percebemos que os pais do “eu” são separados, pois “[t]oda sexta-feira, lá pelas seis da tarde[...]” o pai passava para buscar os filhos para levá-los a “algum restaurante ou bar, onde ele encontrava os amigos e a namorada” (PRATA, 2013, p.64). Fica claro que, na divisão do cuidado dos filhos, a mãe era a responsável durante a semana:

[...] nos esbaldávamos misturando Coca-Cola com Sukita, comendo frango à passarinho com batata frita e mandando pra cucuia, em meia hora, toda a harmonia nutricional que minha mãe havia conquistado, a duras penas, ao longo da semana. (PRATA, 2013, p.64)

O eu do cronista relata que com o pai eles comiam e bebiam o que quisessem, acabando com o esforço da mãe de manter durante a semana uma alimentação saudável dos filhos. Essa divisão de papéis é muito característica dos primeiros avanços da vida privada, principalmente, após a revolução sexual da década de 60. Mesmo com a maior aceitação do divórcio, a divisão familiar de maneira igualitária entre homens e mulheres nas tarefas domésticas e nos cuidados dos filhos ainda era recente, por isso, na maioria das vezes, a mãe ficava com a maior – ou toda - responsabilidade. Fica evidente que a figura paterna, quando estava com as crianças, às sextas-feiras, não demonstrava preocupação como as da mãe e permitia a realização de todas as vontades dos filhos.

O eu do cronista destaca o seu contato com o teatro devido ao pai escrever e dirigir peças, informando que quando “[...] o pai tinha alguma peça em cartaz [...]” (PRATA, 2013, p. 64) ele costumava passar no teatro, antes das idas aos bares, para verificar se estava tudo certo. O menino informa que aos cinco anos e pai teve uma peça de grande sucesso, *Besame mucho*:

Foi o maior sucesso do meu pai – coisa para três, quatro pipoqueiros -, mas eu não o considerava um homem realizado: muito pelo contrário. É que, aos olhos de uma criança, aquele teatro, embora

um marco arquitetônico paulistano, era incapaz de competir com a exuberância de kitsch das casas de strip adjacentes. Que apelo tinha um painel de pastilhas do Di Cavalcanti diante de neons em forma de dançarinas de canção, levantando e abaixando as pernas, bocas abrindo e fechando, luas cheias, crescentes e minguantes, cometas espichando as caudas, estrelas acendendo e apagando? O que poria o projeto modernista de Rino Levi entre fachadas imitando castelo medieval, gruta rochosa e chalé de alpino, com portas espelhadas, douradas, prateadas, forradas de couro preto, branco ou vermelho? Por aquelas portas pude ver de relance, uma ou duas vezes, os palcos esfumaçados, o pisca-pisca da luz estrobo, as prateleiras repletas de garrafas coloridas e, assim, confirmar a suspeita de que o teatro do meu pai era o estabelecimento mais desanimado da região. (PRATA, 2013, p.65)

É curioso como há a mistura de passado e presente no discurso do eu do cronista. Percebemos o olhar da criança ao medir o sucesso da peça do pai pela quantidade de pipoqueiros no teatro, “coisa de três, quatro pipoqueiros”, ou ao lembrar sua visão diante das casas noturnas, “pisca-pisca da luz”, “garrafas coloridas”. Quanto à interferência do presente, do “eu” adulto, temos diversas referências sobre arte que uma criança aos cinco anos não teria: “um painel de pastilhas do Di Cavalcanti”, “o projeto modernista de Levi imitando um castelo medieval”.

No trecho acima temos também a abordagem do ponto central da crônica: o olhar curioso do menino para as casas noturnas repleta de luzes, efeitos especiais, sempre frequentadas por uma grande quantidade de pessoas. Para o eu do cronista, “aos olhos de uma criança”, nada poderia competir com aquilo, por isso não considerava seu pai um homem realizado. A grande questão levantada está no mistério oferecido por aquele lugar, que fazia do teatro do seu pai algo tão inferior. O que o impedia de perguntar sobre o que havia naquelas casas, era o medo de magoar o pai por reforçar a “simplicidade do seu teatro”: “[...] [e]u morria de vontade de saber mais sobre aquela Disneylândia noturna, mas não abria a boca, com receio de magoar meu pai, lembrando-lhe da simplicidade de seu teatro” (PRATA, 2013, p.65)

Ao olhar o pai como um homem não realizado profissionalmente, a visão do filho questiona a ideia da representação paterna ser vista como modelo a seguir durante a sua formação até a vida adulta. A resistência do menino em não questionar o pai, carrega certo tom de compaixão pelo seu “fracasso”, recusando confrontá-lo para não magoar seus sentimentos. Obviamente, não podemos desconsiderar se tratar do olhar de uma criança encantada com todas as luzes e

cores, que tendem a chamar atenção, acarretando a interpretação do teatro do pai ser um fracasso.

Embora tenha revelado o medo de magoá-lo, o menino acaba cedendo após ficar “hipnotizado pelos neons” em mais um passeio com o pai:

[...] a curiosidade venceu o pudor e perguntei: por que aqueles teatros eram tão mais incrementados que o dele? Por que o dele, mesmo fazendo tanto sucesso, não investia em luzes e decoração, adequando-se ao nível da vizinhança? **Sem aparentar nenhum ressentimento**, meu pai explicou que as casas por trás dos luminosos não eram teatros, mas bares. Estranho. Eu conhecia muitos bares; o que me tornava aqueles tão diferentes dos outros, em que comíamos frango à passarinho com batatas fritas e misturávamos Coca com Sukita? Com a maior naturalidade, meu pai respondeu: **“Mulheres peladas”**. (grifo nosso, PRATA, 2013, p. 65)

Nesse diálogo temos novamente a reprodução do estereótipo do pai ditado pela sombra de virilidade. Enquanto no menino temos o excesso de perguntas, típicas da fala de crianças, o pai interage de maneira breve, seca, e direta, mesmo que esteja direcionando suas respostas ao filho de cinco anos. Há também a quebra da ideia mantida pelo menino de talvez magoar o pai, ao perceber as respostas à reação “sem ressentimentos”. Essa reprodução da postura masculina já foi abordada no subcapítulo 2.3, sobre paternidade, quando mencionamos a abordagem de Nolasco (1995) ao afirmar existir uma dificuldade de se criarem canais de expressão e afetividade com os filhos, ou ainda com que afirma Badinter (1993) ao mencionar as pesquisas que traziam depoimentos relatando a impressão dos filhos em relação ao pai¹⁶, além de apresentar o conceito de pai inabordável “[...] que parece fugir de uma conversa a dois com o filho” (p.153).

Ao responder ao filho “mulheres peladas”, sem se importar como ele iria assimilar essa afirmação, o pai acaba caindo no estereótipo que os estudos de masculinidade marcam como problemáticos aos homens e a socialização dos filhos na infância, baseando no modelo que “[...] recusa a expressão de sentimentos de ternura” (BADINTER, 1993, p.153). Devemos considerar também a aproximação precoce do menino com a ideia de mulheres peladas estarem “disponíveis” dentro de um espaço público frequentado por homens. Essa postura está relacionada à “naturalização” da inserção precoce dos meninos no âmbito da sexualidade, tendo que aprender desde cedo a “tarefa” de potência sexual. Afinal,

¹⁶ Badinter (1993) cita um trecho da pesquisa da psicóloga Phyllis Chesler: “Os filhos entrevistados na pesquisa empenham-se em reencontrar para mim a lembrança desse estranho, o pai deles, ao mesmo tempo que manifestam uma espécie de indiferença embaraçada”. (p.151)

[...] [a] criança, quando aprende as primeiras lições, passa a incorporar definições pré-estabelecidas tradicionalmente: homem não chora, menina não diz palavrão, menino não brinca com boneca e sim de carrinho, menina não trepa em árvore como os meninos, mulheres são frágeis e dóceis, homens são fortes e duros. (MÜLLER, 2013, p.302)

Se na vida adulta os homens devem ser sexualmente disponíveis para o sexo, desde a infância as lições aprendidas nortearam a construção de sua masculinidade, internalizando desde cedo quais modelos deve seguir. Essa espontaneidade do pai ao tratar dos assuntos com o filho nos aproxima dessas definições pré-estabelecidas tradicionalmente pelos estereótipos de gênero.

Encontramos outro exemplo dessa postura paterna na crônica “Blowing in the Wind”, presente no mesmo livro, quando os filhos veem a cena, durante um passeio, de uma mulher fazendo sexo oral em um homem no banco de trás de um carro. Isso é motivo de piada e repulsa pelas crianças. O pai, porém, como descreve o próprio eu do cronista, com “[...] naturalidade de quem discute amenidades com senhores de cinquenta anos [...]” (PRATA, 2013, p.92) pergunta “o que é que tem?”, além de completar que todos fazem aquilo:

[...] A Sonia chupa meu pinto. A sua mãe chupa o pinto do marido dela. Sua avó chupa o pinto do seu avô. A tia Lourdes chupa o pinto do Augusto, [...] ah!, os homens que namoram homens, então, como o Miltinho e o Ivan, chupam muito o pinto um do outro, porque eles são homens e não tem xoxota, todo mundo que namora faz isso. E é muito gostoso. Não tem porque rir. (PRATA, 2013, p.93)

No fim da crônica temos as crianças chegando em casa e deixando a mãe com “os olhos esbugalhados” diante de diversos questionamentos sobre sexo oral. Constatamos que o pai, com a sua naturalidade para tratar dos assuntos, não consegue ter a sensibilidade de adaptar suas respostas para passá-las de outra maneira aos filhos.

Retomando a análise da crônica “Mulher pelada”, após descobrir que o “mistério” por trás do sucesso dos lugares melhores que o teatro do seu pai era por conta da presença das mulheres nuas, o menino começa a questionar o que havia de tão interessante nisso. Isso acontece porque a única imagem que tem de “mulheres nuas” é a da mãe enrolada na toalha após o banho. Ele passa a fazer alguns questionamentos: “[...] o que levaria mulheres a tomar banho num bar? Por que permaneceriam peladas depois da ducha? Qual seria a graça de comer frango à passarinho com a bunda de fora?” (PRATA, 2013, p. 66). O estranhamento do

menino quanto à situação se agrava após o pai explicar que as mulheres estavam lá para... os homens que não tinham namoradas: “De novo, impossível ligar causas e efeito: por que um homem sem namorada ia querer ver uma mulher pelada? Ainda mais num bar?” (PRATA, 2013, p. 66).

O eu do cronista cria então a imagem desse homem que frequenta esse espaço:

Enquanto rumávamos para o restaurante, subindo a Consolação, fiquei imaginando os tais **sujeitos solitários, com cabelos desgrenhados e barbas por fazer, a bebericar tristemente seus chopes** enquanto mães nuas iam e vinham com toalhas enroladas na cabeça, parando eventualmente entre as mesas para, apoiando o pé no assento de uma cadeira, passar cera depilatória. (grifo nosso, PRATA, 2013, p. 66)

O humor aparece no trecho acima ao ser criado pelo cronista a imagem das mulheres nos bares semelhante com a que o menino tem em casa, retratando cenas cotidianas de mulheres se depilando no banho, muito distante de qualquer sensualidade presente nas performances das “mulheres nuas” dessas casas noturnas.

As impressões acima, embora estejam na perspectiva do menino, são interpeladas pelo olhar adulto que está recordando esse episódio, conseguimos identificar a presença do “eu” no presente, pela maneira com que descreve a imagem criada sobre esses homens.

Distante do universo infantil, a ideia do homem em busca do sexo e de alimentar seu desejo sexual é visto como positivo dentro do conceito de virilidade, pois, como mencionamos, “o sentimento de identidade masculina está fortemente relacionado ao desempenho sexual” (GOLDEMBERG, 2000, p. 32). No entanto, a descrição desses homens é a de solidão, tristeza e desleixo (“cabelos desgrenhados e barbas por fazer”).

Incrédulo, tentando imaginar a situação, ele resolve pedir ao pai que o levasse a um desses bares, mas recebe a resposta da proibição de crianças frequentarem esse espaço:

[...] Então, pela primeira vez naquela noite, alguma lógica apareceu: a proibição deveria ser para evitar que víssemos os tais homens sem namorada, sofrendo em meio ao vapor, aos neons e às toucas de banho. Aceitei a situação com certo alívio, até: o **teatro do meu pai não era, afinal de contas, o estabelecimento mais triste da região.**

Só quase vinte anos mais tarde atravessei uma daquelas portas espelhadas: as mulheres eram diferentes do que eu havia imaginado, **mas os homens estavam lá, bem como eu os havia pintado.** (grifo nosso, PRATA, 2013, p. 66)

Ao final da crônica temos novamente a mistura entre o “eu” do passado com o “eu” do presente. O menino volta a relacionar a ideia dos homens que frequentam esses bares de “mulher pelada” ao sofrimento e tristeza, colocando esses estabelecimentos como os mais tristes da região e não o teatro de seu pai, como havia dito anteriormente. A ruptura ocorre quando, ao atingir a vida adulta, aquele olhar da infância não é substituído pelo modelo de virilidade que viabiliza os homens a frequentarem esses espaços como forma de legitimar sua masculinidade. O “eu” do presente continua com a mesma imagem dos homens que tinha aos cinco anos. Ao ter a oportunidade de visitar esses bares e finalmente desvendar o mistério que atraía tanta gente e deixava o teatro de seu pai menos atrativo, o eu do cronista se surpreende não pelas mulheres serem diferentes do que havia imaginado, mas pelos homens serem os mesmos desenhados por ele na infância.

A crônica retrata justamente esse distanciamento da figura masculina aos modelos de virilidade presentes na construção do masculino. Ao classificar os homens que frequentam esses bares como solitários e tristes, o “eu” se coloca distante dessa representação, contrariado a ideia de que esses homens poderiam estar cumprindo seu “papel” e exercendo o que foi ensinado a eles. Ao efetuar essa ruptura, temos a representação de (novas) figuras masculinas distantes dos modelos de virilidade que possibilitam visualizarmos outras formas de exercer as masculinidades.

3.3.2 “Eu ela e o Keith”

A crônica “Eu ela e o Keith” aborda os ciúmes do parceiro ao perceber que a esposa estava apaixonada pelo músico Keith Richards, após começar a ler a sua biografia. O ciúme surge, principalmente, ao constatar as diferenças entre ele e o músico – a imagem de roqueiro destemido, violento e popular -, causando espanto por descobrir que a mulher sentiria atração por uma figura masculina tão distante da sua.

O eu do cronista inicia afirmando estar “tudo péssimo”, pois já “[...] faz um mês que a minha mulher se apaixonou pelo Keith Richards” (PRATA, 2016, p. 61). Ele fica surpreso porque nunca imaginaria que a mulher – “[...] uma moça

fina, discreta e, até então, equilibrada” (PRATA, 2016, p. 61) - fosse se apaixonar pelo “mais feio do Rolling Stones, aquele ex-pirata bexiguento” (PRATA, 2016, p. 61). O incômodo aparece ao se referir a ambos, insinuando, ironicamente, que a mulher era equilibrada até o surgimento daquela paixão, além de ofender, indicando um ego ferido, o integrante da banda.

É interessante reproduzirmos a fala da esposa na descrição de Keith Richards, para compreendermos melhor como esse perfil intensificará o incômodo do “eu”:

[...] No começo, ela ficou chocada. Enquanto lia, esticada no sofá, fazia caretas: “Nossa, que horror, ele comprou meio quilo de heroína!”, “UAU, que imbecil, ele jogou uma faca no produtor!”, “Que isso?! Ele deu um tiro no chão do hotel, porque o Charlie Watts tava fazendo barulho no quarto de baixo!”.

Aos poucos, contudo, vi em seu rosto o asco se transformando em graça, a irresponsabilidade sendo interpretada como desprendimento, a delinquência como libertação. “Olha isso: eles voltavam de uma festa, muito loucos, lá na França, pegavam o veleiro do Keith e iam tomar café da manhã numa ilha!”, “Putz, ele não tinha casa, morava cada semana com uma groupie diferente!”. (PRATA, 2016, p. 62)

Na descrição da imagem de Keith Richards, notamos a representação de uma masculinidade próxima ao discurso hegemônico, dialogando com os padrões tradicionais masculinos. A figura do músico, seguindo suas atitudes, é construída como destemida, agressiva, desapegada e inconstante, caracterizando tipicamente o homem “[...] muito másculo – isto é, sexualmente voraz, bestialmente violento, incapaz de controlar desejos carnis – [...]” (KIMMEL, 1998, p.113). Há ainda o peso midiático por trás de uma das bandas de rock mais conhecidas. A figura do roqueiro rebelde é cultuada pela mídia, sendo reconhecida e exaltada mundialmente. Todos os fatores intensificam ainda mais a insegurança do “eu” diante do músico.

Ao contrário do que vimos nas análises do primeiro grupo, a figura masculina nessa crônica não vai servir como inspiração ou objeto de desejo performático do eu do cronista. Iremos notar, na verdade, um distanciamento dessa figura e o reconhecimento de exercer uma masculinidade fora desse modelo:

[...] Eu, da minha poltrona, um livro aberto no colo, um copo de Coca Zero na mão, **a léguas de distância** de groupies, heroína, facas e veleiros, apenas ouvia, apreensivo.

Veja: ninguém é menos Keith Richards do que eu. Nunca briguei. Não discuto nem com flanelinha. Aventura, pra mim, é ir até o Parque do Carmo num domingo de manhã, assistir à Jazz Sinfônica. Se minha mulher caísse de amores por um escritor, por um arquiteto, um advogado, eu teria uma margem de manobra, talvez conseguisse mostrar que sou mais legal do que o outro, mas como competir com um cara que, aos setenta, quebra a cabeça caindo de um coqueiro – e leva uma semana pra se dar conta do estrago? (grifo nosso. PRATA, 2016, p.62)

O trecho acima proporciona diversas reflexões sobre os rumos não apenas sobre o que é considerado ser homem nas recentes discussões sobre masculinidades, mas um espelho das novas mudanças estruturais ocorridas nos “papéis de gênero”.

Repleto de humor e ironia, o eu do cronista afirma estar “léguas de distância” das atitudes do músico. O uso do verbo “ver” no imperativo, seguido de exclamação, marca a abertura de um diálogo/desabafo com o leitor, em que o “eu” revela o porquê de ninguém ser menos Keith Richards do que ele. Assim, somos levados a observar dois momentos na crônica pertinentes para nossas discussões: o primeiro está no fato de sentir ciúmes e se ver ameaçado por tudo que representava a figura músico; o segundo é a certeza de exercer uma masculinidade distante desse modelo.

O ciúme apresentado revela a sombra da insegurança e os temores dos homens presente nos dias atuais. O conceito de virilidade construído e reproduzido durante séculos é cada vez menos aceito socialmente, assim, o embate tem sido nessa adequação da condição masculina. Ou seja, ainda há essa inquietação quando se constata estar distante dos modelos tradicionais da masculinidade. Contudo, como percebemos na crônica, Keith Richards é praticamente visto como uma exceção. O eu do cronista “teria uma margem de manobra” com um escritor, um arquiteto, um advogado, mas competir com aquela representação era impossível. O “[...] modelo masculino baseado na competição homosocial” (KIMMEL, 1998, p. 109) ainda é reproduzido neste momento da crônica, porém, temos um indicativo de que ele venceria, pois estaria ou em pé de igualdade ou conseguiria alguma vantagem em relação a eles. O que ele não sabe é como vencer o resgate dessa figura masculina “ultrapassada”, Keith Richards.

Isso revela, na verdade, que a indicação de Bernardo Jablonski (1995) sobre o boçalossauro que habita nos homens ainda é verossímil. Esse “monstro” está presente na figura destemida do músico, entretanto, o “eu” assume

ser impossível “[...] competir com um cara que, aos setenta, quebra a cabeça caindo de um coqueiro – e leva uma semana pra se dar conta do estrago?” (PRATA, 2016, p. 62). Essa consciência do “eu” também nos leva a refletir sobre algumas discussões sobre a crise do masculino. Nós já enfatizamos no capítulo II nossa postura diante do assunto, contudo, devemos nos atentar para os conflitos presente na crônica e o que ele sugere.

O lugar ocupado pelo “eu” se aproxima muito da ideia de “crise” masculina. Confuso ao se deparar com esses novos modelos “[...] devido à flexibilização de certos aspectos da vida social – os sujeitos se tornaram mais ‘plásticos’ e as identidades, conseqüentemente, mais ‘flexíveis e plurais’ [...]” (RAMOS, 2000, p.58). Assim, o conflito aparece quando o “novo” modelo é “combatido” pelo exercício pleno de uma vida viril, como a de Keith Richard.

O segundo ponto que devemos destacar é o total distanciamento dessa representação masculina. Ao afirmar não ser como o “padrão” reproduzido pelo músico, mesmo que tenha uma sensação de impotência ou inferioridade, esse discurso possibilita vislumbrarmos e materializarmos outras representações da masculinidade. Courtine (2013) indica que no “[...] começo do século XXI, a virilidade parece se dissociar do corpo masculino, de que ela foi durante tanto tempo emblema, mercadoria, desempenho, disfarce ou paródia [...]” (p.10) tendo, com isso,

[u]m paradoxo da virilidade na época contemporânea: [...] [e] que o paradoxo no qual ele acaba por se tornar um problema é o efeito de uma contradição entre o ‘modelo arcaico dominante’ e o conjunto das transformações políticas, sociais e culturais que reclamaram, ao longo do século, dos homens assim como das mulheres, uma redefinição das identidades sexuais que desse lugar à igualdade e à partilha. Pois tudo indica, na nossa atualidade mais recente, que as formas tradicionais de dominação masculina e o seu quinhão de violências habituais, caso não tenham desaparecido, encontram menos facilmente do que outrora o abrigo dos silêncios complacentes e das indiferenças coniventes. (COURTINE, 2013, p.11)

A afirmação acima não se refere à opressão masculina em si, ainda reproduzida e mantida entre as estruturas sociais, mas a um afastamento naturalizado da virilidade ao corpo dos homens. Isso abrange outros comportamentos e torna mais acessível a multiplicidade das identidades e afasta gradativamente os padrões tradicionais de masculinidades. Por isso, é possível encontrarmos na crônica a representação de alguém que não “veste” um disfarce de identidade, assumindo ser e ter vivências diferentes e distantes da virilidade.

O estranhamento do “eu” continua:

Será que era **esse o tipo de homem** que ela esperava que eu fosse desde que nos conhecemos, há muitos anos? Será que, enquanto eu me esforçava pra usar corretamente os talheres e não falar com a boca cheia, ela sonhava com brigas de cadeirada e moshes de três metros de altura? (grifo nosso. PRATA, 2013, p.62)

Usar a expressão destacada no trecho acima, além de apresentar ironia e desdém, ressalta essa multiplicidade nas identidades masculinas contemporâneas. O cuidado demonstrado parece sempre ter sido para estar distante desse comportamento violento e mais próximo de certa delicadeza e educação. Por isso, o “eu” enfatiza com algo tão simples, do dia a dia, que sempre se esforçou para se portar à mesa com educação. Utilizar uma situação cotidiana, como saber se portar à mesa, parece reforçar que não é comum aos homens conseguir se comportar e seguir regras básicas de etiqueta social. A ironia aqui, ao utilizar essa situação, ressalta ainda mais a crítica aos modelos tradicionais que impedem que os homens saibam exercer algo tão simples do dia a dia. Essa atenção com os talheres serve também de metáfora para visualizarmos os novos modelos masculinos mais atentos, sensíveis e aptos às mudanças que conseguem acompanhar as – ainda - recentes transformações (BARASCH, 1997).

Com passar dos dias, ele cria coragem e, após virar a “[...] Coca num gole, como se fosse um shot de Jack Daniels [...]” (PRATA, 2016, p.62), pergunta a esposa se ela estava apaixonada pelo músico. Ela revela estar “um pouquinho”. Os amigos tentam consolá-lo afirmando ser normal o surgimento de paixões platônicas, confessando já terem se apaixonado por Lady Gaga, Lídia Brondi, e enfatizando que poderia ser pior e no lugar de Keith Richards estar o Capitão Nascimento¹⁷.

Por fim, ele aceita a paixão da esposa, reconhece (e torce) que ao final da leitura da biografia isso desaparecerá: “Torço pra que isso aconteça. (Ou pra que Keith Richards resolva, qualquer dia desses, subir novamente num coqueiro)” (PRATA, 2016, p. 63). A ironia vem novamente para salientar o tom competitivo travado pelo “eu” em relação ao músico. O “desejo” de que ocorra um acidente e até mesmo morte do rival sentencia o destino dos padrões que ainda seguem essa reprodução de virilidade, indicando haver um risco em alimentá-lo.

¹⁷ Capitão Nascimento foi interpretado por Wagner Moura nos filmes Tropa de Elite 1 e 2. Capitão do BOPE, a personagem era extremamente violenta, reproduzindo um perfil marcadamente “assustador” da polícia no Brasil.

As reflexões feitas na análise de crônica “Eu, ela e Keith” nos levaram a perceber que a referência de conduta viril não era retratada no sentido de aproximação ou legitimador de masculinidade, como vimos no primeiro grupo de análises¹⁸, mas como algo cada vez mais distante. Essa ruptura permite reconhecer outras identidades e maneiras de exercer as masculinidades, proporcionando colocar em evidência um discurso fora das reproduções hegemônicas de gênero.

3.3.3 “Socorro, sou fofo!”

Em “Socorro, sou fofo!” o eu do cronista, ao contrário do que parece no título, não irá buscar maneiras de evitar expressar ser fofo, muito pelo contrário, ele sustentará a ideia de aceitação e benefícios dessa característica de sua personalidade. Ele detém consciência de que sua vida seria mais fácil se tivesse características mais viris, contudo demonstrará compreender que não seria possível ser de outra maneira.

No primeiro parágrafo, ele afirma que

“[n]ão adianta negar, fingir é inútil, de nada vale lutar contra os fatos. Uma hora na vida a gente tem que assumir, se contentar com o que tem, olhar diante do espelho e aceitar o que ele nos devolve: sou fofo mesmo, e daí?” (PRATA, 2009, p. 98)

Nesse início, a afirmação do cronista nos apresenta uma quebra no discurso que busca manter a virilidade imanente aos homens. Pois, como comentamos, o modelo hegemônico não consegue ser exercido plenamente, tornando a virilidade um conceito a ser alcançado e provado. Temos na primeira frase a constatação de que “fingir” ser algo é inútil, demonstrando uma consciência dessa pluralidade de identidades masculinas, além de indicar ser positivo ser o que se é: “sou fofo mesmo, e daí?”.

Assim como na crônica anterior, “Eu, ele e o Keith”, é possível notar certo desconforto representado na fala do cronista, indicando que mesmo aceitando sua condição, a sombra do modelo hegemônico ainda afeta sua identidade:

Se eu pudesse escolher, eu não seria. Queria ser um cara irresistível, musculoso, alto, desses que fazem as mulheres suspirarem quando passam e cochicharem vermelhinhas: “Nossa, que homem!”. Eu poria no bolso as que escolhesse, esnobaria as outras, e elas sempre voltariam, derretidas. (PRATA, 2009, p.98)

¹⁸ John Wayne, Marlon Brando, Jean-Claude Van Damme.

O desejo intrínseco desse homem, na verdade, ainda era estar dentro de um estereótipo viril. Estando dentro desse modelo, ele gozaria dos privilégios¹⁹ e se sentiria mais seguro. Os estereótipos sexuais voltam a aparecer, assim como a mulher como legitimadora da masculinidade. A idealização aqui está em sustentar sua virilidade, principalmente, pela quantidade de parceiras conquistadas.

Outro ponto importante que podemos destacar é a idealização de um “corpo másculo” distante de uma personalidade que demonstrasse sensibilidade. Embora não seja o caso do “eu”, o corpo masculino, além do pênis, passou a ser objeto de reprodução viril. O interesse pela musculação aumentou e o corpo definido passou a ser visto como um “padrão” desejável masculino. Em alguns casos, esse culto ao corpo é apontado como uma ferramenta de substituição de uma incapacidade de exercer a virilidade após as transformações nos “papéis” de gênero:

Entre a multidão de transeuntes, os body-builders denunciam seus modos de andar: braços estendidos, cabeça terrada no pescoço, peito saliente, passo rígido, balanceado mecânico. [...] Por que o homem viril não caminha; ele move seu corpo. (COURTINE, 2013, p. 559)

Esse enaltecimento do corpo como ferramenta da prática viril, justifica, por exemplo, o fato do eu do cronista idealizar uma vida mais satisfatória se fosse “[...] musculoso, alto, desses que fazem as mulheres suspirarem quando passam e cochicharem vermelhinhas” (PRATA, 2009, p. 98). Devemos ressaltar, novamente, que a figura feminina é vista como legitimadora da virilidade masculina, devido ao fato do “eu” acreditar ser esse padrão viril o mais desejado por elas.

Um exemplo sobre essa idealização e desejo de possuir um corpo definido por músculos está na crônica “A gostosa”, presente no livro *Meio intelectual, meio de esquerda* (2011). Ela retrata esse culto ao corpo não apenas dos homens, como também das mulheres. Nessa crônica, o eu do cronista descreve como sempre encontra em ambientes públicos “a gostosa”, com um padrão de beleza incompatível a maioria dos homens, combinando apenas com homens – “o gostoso” - que exercitam e cultivam um corpo musculoso.

¹⁹ Sabemos que somente o fato de “ser fofo” não impede que os homens gozem dos privilégios masculinos em relação aos outros gêneros.

Mesmo sugerindo preferir ter outra estrutura corporal que pudesse beneficiar sua postura viril, o eu do cronista rompe rapidamente esse discurso para retratar seu conformismo com a situação:

Infelizmente, a natureza não me deu os traços, os bíceps, a altura, a voz e outros requisitos necessários para me candidatar a um cargo de Rodrigo Santoro, de Du Moscovis ou Brad Pitt. **Não bastassem as deficiências genéticas, uma boa educação acabou de vez com a possibilidade de uma personalidade canalha, uma postura cafajeste ou, no mínimo, uma arrogância esnobe.** (grifo nosso. PRATA, 2009, p. 98).

Se até o momento ainda considerávamos a insatisfação do “eu” por demonstrar sensibilidade, no trecho acima fica evidente, pela ironia apresentada, que ele não considera positivo ser um “canalha”, “cafajeste” e “esnobe”. Ao se referir a sua incapacidade em ter músculos definidos, comparando-se aos galãs Rodrigo Santoro, Du Moscovis e Brad Pitti, ele destaca que, por ter tido “uma boa educação”, não poderia reproduzir atitudes comumente atreladas aos “machões musculosos”.

No subcapítulo 2.2, tratamos da socialização dos meninos e elencamos diversos fatores instigados desde cedo na construção de uma conduta viril. Incentivados a competir entre si desde cedo, a terem comportamentos agressivos e evitar demonstrarem qualquer fraqueza. Mesmo com diversas discussões buscando quebrar esses padrões, ainda tem sido difícil combater esses estereótipos de gênero perpetrados na vida de meninos e meninas. Contudo, ao que parece, a socialização do eu do cronista na infância foi diferente. Quando apresenta sua “defesa” por demonstrar sensibilidade, ele referencia sua socialização masculina como uma “boa educação”. Nesse momento fica evidente a posição do cronista sobre suas impressões negativas – afinal, somente segue esse caminho quem não teve boa educação – a respeito dos homens viris.

Ele continua tratando com ironia o fato de ser “obrigado” a recorrer, no jogo da sedução, a ter atitudes minimamente positivas, tendo que “apelar para técnicas mais complexas de persuasão, como a gentileza, o bom papo, as piadas e outras compensações” (PRATA, 2009, p. 98). O caminho escolhido pelo cronista para elaborar a crônica é curioso, pois, ao utilizar as figuras de linguagem para retratar sua condição, ele acaba transformando o discurso de “vítima” em algo que está subvertendo e repudiando as atitudes atreladas aos homens. Além de mostrar ser mais despojado desenvolver atitudes que são – e deveriam - fazer parte da vida dos indivíduos.

No início, quando começaram a chamá-lo de “fofo”, ele revela ter tido resistência em aceitar, reclamava e soltava palavrões e

[...] diante da possibilidade de ser visto como ursinho de pelúcia, [...] afastava quaisquer equívocos apertando a opção “Conan, o Bárbaro” no meu batcinto. [...]

Aos poucos, no entanto, fui vendo que ser fofo não era o fim do caminho. Não seria necessário entrar numa clínica de recuperação (FA, Fofos Anônimos) ou numa academia de ginástica. Havia mulheres que valorizavam um bom ‘fofo’ (PRATA, 2009, p. 99).

Quando era apontado e reconhecido em sua sensibilidade, havia uma tentativa de resgatar o “Conan, o Bárbaro”²⁰ que havia dentro dele, na tentativa de reverter essa imagem. Contudo, com o tempo, ele parou de se incomodar com esse aspecto de sua identidade. Mesmo almejando esquivar-se da figura sensível, ele consegue superar esse “outro” lugar em que é colocado, distante de modelo hegemônico masculino, e passa a vê-lo como algo valorizado. Nolasco (1995) indica que as generalizações em relação aos homens – “todo homem é...” – não é mais suficiente e a “[...] expressão de um desempenho viril, dominador e possessivo deixa de ser legítima quando refere-se a todo e qualquer homem” (p.23). Na medida em que essas outras masculinidades são legitimadas e deixam de ser vistas como inferiores, o discurso hegemônico é quebrado para dar espaço a outros. Afinal há um “orgulho”, mesmo que tímido, em se reconhecer diferente dos modelos tradicionais.

Como não pode escolher ter nascido com “[...] 1,85 de altura, jaqueta de couro, barba por fazer, bronzado e com a voz de dublador de protagonista de filme de ação” (PRATA, 2009, p. 99), ele reconhece que o único caminho possível é

[...] aceitar a (ai que horror!) ‘fofura’ em mim supostamente contida, como, mais ainda, tentar acentuá-la. Como neste contexto aqui, em que exponho minhas fraquezas, frustrações e angústias a todos vocês. Modéstia e orgulho à parte, não é uma atitude fofa? (PRATA, 2009, p. 99)

O último parágrafo da crônica sintetiza as indagações despertadas pelas afirmações do cronista. Mesmo reconhecendo estar “à margem” frente aos outros padrões masculinos, o “eu” volta a ser positivo e salienta que sua “fofura” ainda é acentuada por ele. Usando as “artimanhas” para mostrar como expor sua

²⁰ Novamente podemos relacionar a terminologia do “boçalossauro” proposta por Sócrates Nolasco (1995) aparecendo aqui na representação viril de “Conan, o Bárbaro”.

sensibilidade é edificante, ressalta como reconhecer as fraquezas, frustrações e angústias também englobam a atitude de ser “fofo”.

Além de romper a reprodução hegemônica masculina aceitando sua sensibilidade, temos que destacar também o reconhecimento de suas fraquezas. Devemos olhar com certo cuidado para essa exposição, mas não podemos negar que ela é muito mais positiva do que negativa. Embora seja importante consideramos que isso faz parte dos recursos utilizados para convencer suas conquistas – e o leitor – como algo benéfico e até melhor que as outras representações masculinas. Esse discurso nos apresenta o que poderia ser uma nova forma assumida pelos homens para serem reconhecidos e legitimados: mostrar que ser sensível, demonstrar fraquezas, faz parte da identidade e não deve ser visto como algo a ser inferiorizado.

A crônica “Socorro, sou fofo!” nos leva a analisar novamente como são feitas as relações entre os modelos tradicionais e os outros modelos masculinos. Cada vez mais libertos das raízes da virilidade, as “novas” masculinidades começam a se mostrar como positivas. A posição do cronista, na construção da crônica, demonstra, também, visualizar de maneira negativa a postura dos homens ainda escorados em seus privilégios e que permanecem reproduzindo o discurso hegemônico de masculinidade.

3.3.4 “Carta pra Daniel”

A última crônica elencada para análise é a que menos tem referências diretas, como vimos nas outras, aos estereótipos viris ou a renúncia do eu do cronista sobre os padrões de masculinidade. “Carta pra Daniel” é, indiretamente, a crônica mais expressiva em relação a nossa proposta de análise, pois ela é uma manifestação materializada do exercício de uma masculinidade fruto, possivelmente, de todas as transformações ocorridas nas estruturas de gênero nas últimas décadas.

Sem ironias ou humor e repleta de lirismo, essa crônica irá retratar os sentimentos do pai em relação às experiências compartilhadas no cuidado do filho. A crônica ganha o ar de carta, pois o “eu” espera que o filho leia no futuro.

Essa crônica é sobre uma praça, sim, sobre uma tarde que a gente passou na praça, no dia 5 de abril de 2016 (ontem). Não é nenhuma história extraordinária a que vou te contar. É uma história simples, feita de elementos simples como é feita a maior parte da vida da

gente, esses 99% de que a gente desdenha, sempre esperando por acontecimentos extraordinários. Mas acontecimentos extraordinários são raros, como a própria palavra *extraordinário* já diz, aí a vida passa e a gente não aproveitou. Pois hoje você me fez aproveitar a vida, Daniel, por isso resolvi te escrever, agradecendo. (PRATA, 2016, p.221)

A crônica é marcada por retratar o simples, o cotidiano, e transformá-lo em algo maior, seja pelo humor ou pelo lirismo. No trecho acima, ao se referir sobre os acontecimentos da vida, encontramos uma metáfora que dialoga com essas características da própria crônica. Pensar na vida como 99% de acontecimentos que desdenhamos à espera daquele 1% extraordinário, reflete a ideia de enxergar todos os momentos da vida da mesma maneira, sem esperar pelo extraordinário, pois ele pode aparecer justamente nos momentos que não estamos prestando atenção. A crônica, retratando o cotidiano, transforma todos esses 99% de vivência simples em algo extraordinário. É isso que ocorre com o “eu” ao esclarecer relatar algo trivial, que faz parte do dia-a-dia, mas, na verdade, ao final, assume ter se transformado em um desses momentos extraordinários.

Outro ponto importante está no tom nostálgico ao relatar as sensações despertadas no passeio na praça. O lirismo marca todo o trecho, finalizando com a justificativa de escrever para o filho como forma de agradecimento. Em seguida começa a narrar o que havia acontecido no dia anterior:

Eu estava lá em casa, triste com os rumos do país, triste com outras questões paralelas inteiramente irrelevantes para a pátria, mas especialmente doloridas para este patricio, então você cruzou a sala no colo da Jéssica, e me deu uma vontade louca de passarmos um tempo juntos. Falei, “Queca, dá esse menino aqui, a gente vai na praça, eu e ele, vamos, Dani? Só os homens?”. Eu te botei no carrinho, descemos pelo elevador e ganhamos a rua. (PRATA, 2016, p.221-222)

A crônica foi escrita em abril de 2016, ano em que o país passava por uma das suas maiores crises políticas desde a época da democratização. Sucumbido pelas inúmeras denúncias de corrupção, o Brasil chegava ao limite da instabilidade econômica, e a oposição do governo de Dilma Rousseff encaminhava o pedido de impeachment da presidenta. Toda essa crise, iniciada logo após a reeleição de Dilma, ocasionou uma enorme insatisfação tanto da direita, quanto da esquerda (mais precisamente da esquerda, vendo a presidenta eleita “pagar o preço” pela crise política presente em todos os setores do governo).

Os problemas políticos são relatados pelo “eu” do cronista, mostrando sua insatisfação perante essa realidade. Sabemos que devemos ter certo cuidado, mas não podemos ignorar, por exemplo, outras crônicas do autor, com a clara referência a sua posição política, como no livro *Meio intelectual, meio de esquerda* (2010), com a publicação da crônica “Bar ruim é lindo, bicho”. Nessa crônica temos a posição de um “eu” declarando seu viés partidário.

Diante de todo esse sentimento de frustração e tristeza declarado pelo eu do cronista, ele vê no filho uma motivação para “fugir” desses sentimentos. Quando o filho passa pela sala e abre um sorriso, o pai decide passar um tempo com o filho: “[...] eu e ele, vamos, Dani? Só os homens?” (PRATA, 2016, p. 222).

Connell e Pearse (2015) apontam como as relações familiares são “fortemente generificadas” e as atribuições de homens e mulheres sempre foram distintas:

No padrão hegemônico globalmente, o cuidado e o vínculo com as crianças pequenas são questões das mulheres, especialmente das mães, enquanto se espera que os pais, como provedores, sejam emocionalmente distantes. Esse padrão também está sendo desafiado com ideias sobre a “nova paternidade” que surge. (p. 170-171)

No capítulo II exploramos essas atribuições familiares, destacando, principalmente, a figura paterna. Embora a construção das masculinidades e as divisões domésticas tenham provocado o distanciamento do pai da educação e contato mais íntimo na vida dos filhos, após as constantes mudanças e questionamentos dos estereótipos de gênero, começam a surgir outras identidades e maneiras de ser pai. Podemos considerar que os reflexos dessa “nova paternidade” estão presentes na crônica, pois nos é apresentada uma figura paterna disposta a compartilhar momentos com o filho e diminuir ou acabar com esse distanciamento emocional.

Essa aproximação fica ainda mais evidente no restante da crônica. O eu do cronista começa a descrever, fascinado, todas as ações do filho:

[...] As pessoas que a gente cruzava abriam sorrisos pra você e depois pra mim. Nós sorriamos de volta, **eu por orgulho**, você por simpatia – você é assim desde que nasceu, de bem com a vida, tão diferente deste teu pai, sempre angustiado, aflito, procurando cabelo em ovo.

Chegamos na praça. [...] Te coloquei numa ponta do túnel, fui andando em direção à outra, sumi de vista por uns segundos e você deu uma resmungada, achando que eu ia te abandonar ali, mas

então me agachei e apareci do outro lado. Você achou aquilo hilário – “O cara tava aqui, sumiu e apareceu lá!” -, deu uma gargalhada e veio engatinhando até mim. (grifo nosso. PRATA, 2016, p.222)

Ao narrar os acontecimentos, percebemos o tom encantado do “eu”, repleto de orgulho pelo filho simpático que tem. Mesmo ainda bebê, o fato de rir para todos, ser simpático, é o suficiente para o pai constatar a diferença entre os dois. O modo como reage, corrobora para acreditarmos que o filho é superior a ele, que está sempre angustiado e aflito. A atitude do bebê é comum, eles reagem às estimulações visuais, sons, etc., assim como as pessoas, na maioria das vezes, ficam mais sensíveis e afetuosas a eles. Contudo, esses fatos parecem serem incomuns no retrato pintado pelo pai e o filho parece único e especial, dando uma amostra do que chamamos popularmente de “pai babão”.

É pertinente resgatarmos também a figura paterna presente nas crônicas mencionadas no início desse subcapítulo. “Mulher pelada” e “Blowing in the Wind”. Narradas na perspectiva do adulto resgatando sua memória de infância, temos um pai que se enquadra nos moldes tradicionais: distante, com pouca ligação emocional e habilidade para lidar com os filhos. Em “Carta pro Daniel”, a partir da perspectiva do pai, encontramos um modelo lidando com a paternidade de maneira diferente, quebrando a barreira emocional e permitindo um contato mais intenso com o filho. Isso é intensificado ao perceber ter perdido a noção do tempo, “hipnotizado” pelo momento compartilhado com o filho, os problemas ainda existiam, mas tudo aquilo havia o deixado “[...] como diria o poeta, comovido como o diabo” (PRATA, 2016, p. 222).

A crônica finaliza com o pai e o filho em casa deitados na cama, prontos para dormir. O pai supõe os pensamentos do filho, antes de pegar no sono, sobre as experiências tidas juntos naquele dia, enquanto ele tenta, em meio aos problemas políticos do Brasil e por também não se sentir bem, focalizar sua atenção no filho. O filho é a certeza, aquilo que reconforta e alimenta a esperança de que tudo ficaria bem, independentemente dos problemas externos:

De noite, deitado na cama, eu me consolava: esse mundo é uma tragédia, o Brasil tá ferrado e eu também não me sinto muito legal, mas eu tenho um filho que põe sorrisos no rosto de quem passa e que com algumas gargalhadas reconforta o meu coração. Enquanto isso, no quarto ao lado, você estaria se perguntando: “O cara sumia de um lado, aparecia do outro, como será que ele faz? É truque? É

mágica?” Depois dormiríamos acreditando que tudo ficaria bem. (PRATA, 2016, P.222-223)

Compreendemos o contexto da crônica e como ela foi construída a partir do olhar de um pai diante do filho. E que somente com isso não é possível afirmarmos termos em “Carta pro Daniel” a representação dessa “nova figura paterna”²¹. Afinal, ela é complexa e precisa ser analisada de modo mais amplo, englobando outros aspectos da vida doméstica e a relação de cuidados dos filhos entre homens e mulheres. Não caberia interpretar esse momento no parque como reflexo dessas transformações nas estruturas de gênero. No entanto, não podemos ignorar e considerar essa exposição como uma característica de mudança nos comportamentos masculinos, intensificados a partir do “[...] projeto político de reforma da masculinidade [...]” (CONNELL; PEARSE, 2015, p. 203) em busca da igualdade de gênero.

CONSIDERAÇÕES

O caminho percorrido na elaboração desse trabalho tentou corroborar para as recentes discussões de gênero e os estudos das masculinidades. Partimos, então, da premissa que deveríamos mostrar o espaço das masculinidades na literatura e, ainda, de que maneira os textos literários refletem as estruturas de gênero e instigam discussões sobre as identidades dos indivíduos em nossa sociedade.

A literatura é um objeto de análise muito amplo e sabemos sua complexidade, por isso, tivemos certo cuidado para compreender e demonstrar a possibilidade de tratar os estudos das masculinidades no texto literário. Em virtude disso, o capítulo I foi elaborado com um olhar mais atento para a crítica literária, mostrando o percurso percorrido por ela e como, cada vez mais, diversas frentes teóricas tem assumido temas que ampliam o olhar de análises das obras. O capítulo contribuiu também na tentativa de situar e mostrar o ainda ineditismo dos estudos das masculinidades na literatura.

O capítulo II dispõe um caráter mais teórico sobre as discussões sobre a construção dos discursos presentes no masculino. O principal objetivo desse

²¹ Outras crônicas, presentes no livro *Trinta e poucos* (2016,), vão retratar a figura mais próxima aos modelos dessa “nova paternidade”, como: “Mexeriqueira em flor”, “Daniel”, “Dormir é para os fracos”, “Indo embora”.

capítulo foi trazer os principais pontos trabalhados nos estudos das masculinidades, que seriam referências para as análises do capítulo III. De maneira objetiva, tentamos dar um panorama sobre as masculinidades, ainda que seja um tema denso e complexo.

A escolha para as análises das crônicas de Antonio Prata foi feita a partir da percepção de leitura que encontrou um sujeito ora tentando se aproximar dos estereótipos tradicionais da masculinidade hegemônica, ora distante desses padrões, apresentando uma perspectiva que contribui para observar as “novas” maneiras de “ser” homem.

Devemos considerar como a escolha do gênero crônica contribuiu para as reflexões sobre os discursos contemporâneos de masculinidade. É característica do gênero caminhar lado a lado com o tempo, retratar o cotidiano e dialogar com o aqui e o agora. Abarcar todas essas questões comuns do dia a dia, traz um olhar íntimo sobre a relação dos indivíduos em sociedade, retratando de maneira intensa, mesmo com sua leveza, diversas questões, como as reconfigurações de gênero, emergentes na contemporaneidade.

No primeiro grupo, “Eu ainda posso ser viril”, encontramos a reprodução da figura masculina ainda no “momento de contestação” (CONNELL; PEARSE, 2015, p.203). Esse momento trata da transição e adequação desses indivíduos diante dos efeitos que evidenciaram a desigualdade de gênero e colocaram em xeque os padrões performativos de homens e mulheres.

As análises desse grupo nos mostraram a reafirmação de certos estereótipos de gênero, seja pela socialização dos meninos na infância, com a crônica “Waldir, Juanito e Poloskei”, seja com as crônicas “Não quer dar uma olhada na água”, “Coleta de material” e “Dupla personalidade”, com o resgate de referências viris, na tentativa de sustentar uma ideia de como deveria ser exercida a masculinidade. As quatro crônicas conseguem dialogar com as principais questões presentes no masculino, destacadas no capítulo II, abordando a relação dos homens frente às mulheres e a outros homens. Verificamos nas análises como a identidade masculina ainda é assombrada pelas “cobranças” da virilidade. Mesmo com maior liberdade, há uma resistência em abrir mão desse modelo fora da hegemonia. Essa resistência não deixa de estar atrelada aos benefícios e privilégios que o patriarcado ordenou em nossa sociedade e que os homens têm – e terão - dificuldades em

“abrir mão”.

Na segunda parte das análises, “Eu reconheço não ser viril”, as crônicas nos levam a outra, e mais importante, discussão: as masculinidades plurais representando a fuga dos modelos tradicionais. Durante as leituras das crônicas, visualizamos uma figura masculina renegando e assumindo estar fora do estereótipo viril, e isso não é tratado como um problema, nem ocasiona uma crise no sujeito. Essa (nova) postura está relacionada ao modo com que são “julgadas” todas as questões presentes no conceito de virilidade. Para Badinter (1993)

[...] O sonho igualitário desmantelou a masculinidade tradicional e pôs fim ao seu prestígio. Isso traduziu numa recusa dos valores masculinos e na idealização dos valores femininos. (p.148)

Antonio Prata apresenta, então, um “eu” conformado com esse “outro” lugar. Em “Mulher pelada”, há o choque de passado com o presente, mostrando a continuidade das impressões da infância até a chegada da vida adulta, sem se enquadrar nas imposições de gênero pré-determinadas. Em “Eu, ela e Keith” e “Socorro, sou fofo!”, temos sujeitos seguindo outro caminho na prática das masculinidades. E na última crônica, “Carta pra Daniel”, a naturalidade em apresentar sentimentos e emoções.

No conjunto das análises temos alguns pontos em comum que enriqueceram a construção das crônicas e o tom crítico presente nelas: o humor e o caráter confessional. O humor foi utilizado pelo cronista em praticamente todas as crônicas analisadas. Esse recurso era utilizado como ferramenta para enfrentar as pressões das masculinidades, desencadeado, conseqüentemente, uma crítica aos modelos tradicionais masculinos. O caráter confessional deu um tom mais íntimo e particular aos relatos trazidos nas crônicas, isso, além de nos aproximar das experiências do “eu”, também demonstrou uma figura masculina disposta a revelar suas fragilidades e inseguranças. Esse conjunto de características presentes nas crônicas de Antonio Prata permitiu, em nossas análises, um olhar ainda mais atento para identificar como se manifestam as reconfigurações dos indivíduos em nossa sociedade.

As discussões levantadas em cada capítulo não buscaram datar um momento histórico ou cultural como marca para mudanças e rupturas na construção do masculino e do feminino. Mesmo com os estudos das masculinidades se

solidificando na década de 70 juntamente com as outras pesquisas relacionadas ao gênero, devemos considerar que, historicamente, nunca houve um único modelo seguido por homens e mulheres. Com o passar dos anos, as transformações foram ocorrendo e cada vez mais foram evidenciadas as desigualdades, assim como o reconhecimento das estruturas sociais e culturais mantenedoras desse discurso. O que acreditamos contribuir, de fato, para as reflexões sobre o percurso contemporâneo do exercício das masculinidades está ligado à ideia enraizada do que é “ser” homem. Quando verificamos nas análises o distanciamento e uma constante negação ao discurso hegemônico, identificamos como os indivíduos estão cada vez mais distantes – se é que algum dia estiverem próximos – de aceitar as imposições encaixotadas de gênero.

Muitas vezes somos levados a acreditar que essas determinações são dadas e recebidas naturalmente. Os sujeitos, a partir do sexo biológico, são divididos em dois grupos – masculino e feminino - e a partir disso devem seguir um roteiro pré-estabelecido. Na verdade, os corpos, ou “aprendizes”, como apresentam Connell & Pearse (2015), “[...] são ativos, não passivos” (p.199). Assim, não podemos considerar que será apenas uma constante relação de submissão às normas.

Esses corpos ativos são encontrados nas crônicas de Antonio Prata. Não podemos enxergar em nenhuma das análises um perfil se reconhecendo no discurso da masculinidade hegemônica, podendo, muitas vezes, até tentar se aproximar dela, mas sem expressar, de fato, ser algo inerente a sua identidade. Desde a socialização de meninos e meninas, não conseguimos encontrar o exercício pleno dessas “generificações” dos corpos, demonstrando como essas “[...] fronteiras não são lá muito estáveis” (CONNELL; PEARSE, 2015, p. 41). Na medida em que essas fronteiras vão ficando (in)visíveis,

[...] [q]uando não se pode mais falar de um único modelo hegemônico de ser homem e ser mulher, do qual uma simples classificação binária (masculino *versus* feminino) dava conta, essa parece ser uma boa “técnica” para “restaurar” a classificação de gênero, mesmo às avessas. (RAMOS, 2000, p. 59)

Assim, percebemos como as análises das crônicas nos levaram a muito mais perto dessas quebras e apagamentos de fronteiras. Podendo visualizar, de maneira mais clara, como os modelos hegemônicos figuram mais na teoria do

que na prática. Nosso foco não é transformar os textos de Prata em meros representativos desse conceito de “novo homem”, mas de refletir sobre como, de maneira geral, não conseguimos classificar esse indivíduos em um único modelo, muito menos afirmar que ele derruba todas os estereótipos de gênero.

As discussões sobre gênero estão ocupando cada vez mais espaço e já romperam as paredes da academia. O contato das pessoas com o tema tem aumentado e isso tem permitido que os indivíduos com identidades vistas como fora da “norma” ganhem visibilidade. Contudo, essa força ainda continua prevalecendo mais fortemente entre as mulheres e os grupos LGBT, e os homens continuam recusando falar de si. Kimmel (1998) reconhece que para os homens, por conta do seu privilégio, as desigualdades de gênero são invisíveis:

[...] a masculinidade como uma construção imersa em relações de poder é frequentemente algo invisível aos homens cuja ordem de gênero é mais privilegiada com relação àqueles que são menos privilegiados por ela e aos quais isto é mais visível. Como dizem os chineses, os peixes são os últimos a descobrir o oceano. (p.105)

Por isso, devemos evidenciar a importância de tratar desses estudos em nossas pesquisas. Seja na academia ou fora dela, precisamos falar sobre as masculinidades, pois as discussões sobre gênero somente conseguirão seguir e se aprofundar se todos fizerem parte. Antes de homens e mulheres, temos, portanto, corpos ativos interagindo com as estruturas sociais e culturais em que estão inseridos. As questões de gênero devem, portanto, contemplar todos os indivíduos, somente assim, conseguiremos continuar balançando as bases que as mantêm.

REFERÊNCIAS

ALÓS, Anselmo Peres. *A letra, o corpo e o desejo: masculinidades subversivas no romance latino-americano*. Florianópolis: Mulheres, 2012.

ARRUDA, Renata Beloni de. *Crônica, Ensino e Masculinidades: articulações possíveis*. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Estadual de Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Letras, 2017.

BADINTER, Elisabeth. *XY: sobre a identidade masculina*. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

BARACH, Mara. “Sexo e afeto no cotidiano do homem”. In: CALDAS, Dario (org.). *Homens*. São Paulo: Senac, 1997.

BAUBÉROT, Arnaud. Não se nasce viril, torna-se viril. In: COURTINE, Jean-Jacques (Org.). *História da virilidade*. vol. 3: a virilidade em crise?. Trad. Noéli C. de Melo e Thiago A. L. Florêncio. Petrópolis: Vozes, 2013.

BEAVOUIR, Simone. *O segundo sexo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009. v2.

BONOMO, Letícia Ueno. *As crônicas de Elaine Brum e as masculinidades na vida (extra) ordinária*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual de Londrina, centro de Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Letras, 2017.

BONNICI, T.; ZOLIN, L. O. (Orgs.). *Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. 3. ed. Maringá: Eduem, 2009.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Trad. Renato Aguiar. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

CANASSA, Lucélia. *Pais e filhos em contos de Luiz Vilela: as representações das masculinidades*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual de Londrina, centro de Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Letras, 2018.

CARPINEJAR, Fabrício. *Borracheiro: minha viagem pela casa*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

CECCHETTO, Fátima Regina. *Violência e estilos de masculinidade*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

CONNELL, Robert; MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. *Estudos feministas*, vol. 21, n. 1, p. 241-282, 2013.

CONNELL, Raewyn; PEARSE, Rebecca. *Gênero: uma perspectiva global*. São Paulo: nVersos, 2015.

CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. *História da virilidade*. 3 vol. Trad. Noéli C. de Melo e Thiago A. L. Florêncio. Petrópolis: Vozes, 2013.

COSTA, Rosely Gomes. “Mediando oposições: sobre as críticas aos estudos de masculinidades”. In: ALMEIDA, H. B. D.; COSTA, R. G. ET AL. (Ed.). *Gênero em matizes*. Bragança Paulista: Editora da Universidade São Francisco, 2002.

COURTINE, Jean-Jacques “Robustez na cultura: mito viril e potência muscular”. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. *História da virilidade*. 3 vol. Trad. Noéli C. de Melo e Thiago A. L. Florêncio. Petrópolis: Vozes, 2013.

CULLER, Jonathan. *Teoria literária: uma introdução*. São Paulo: Beca Produções Culturais Ltda, 1999.

_____. *Sobre a desconstrução: teoria e crítica do pós-estruturalismo*. Tradução P. Burrowes. Rio de Janeiro: Rosa dos Ventos, 1997.

DEL PRIORE, Mary. *Histórias íntimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil*. São Paulo: Planeta, 2011.

DEL PRIORE, Mary; AMANTINO, Marcia. (Orgs.). *História dos homens no Brasil*. São Paulo: Editora UNESP, 2013.

DERRIDA, J. *A escritura e a diferença*. Trad. Maria Beatriz Marques Nizza da Silva. São Paulo: Perspectiva, 2002.

EAGLETON, T. *Teoria da literatura: uma introdução*. 5. ed. Trad. Waltensir Dutra. São Paulo, Martins Fontes, 2003.

Glossário de Derrida; trabalho realizado pelo Departamento de Letras da PUC/RJ, supervisão geral de Silvano Santiago. Rio de Janeiro, F. Alves, 1996.

HAROCHE, Claudine. “Antropologia da virilidade: o medo da impotência”. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. *História da virilidade*. 3 vol. Trad. Noéli C. de Melo e Thiago A. L. Florêncio. Petrópolis: Vozes, 2013.

JABLONSKI, Bernardo. “A difícil extinção do Boçalossauro”. In: NOLASCO, Sócrates (org.) *A desconstrução do masculino*. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

KIMMEL, Michael S. “A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas”. In: *Horizontes antropológicos*. Porto Alegre: no. 9. 1998.

MACHADO, Lia Zanotta. Masculinidades e violências: gênero e mal-estar na sociedade contemporânea. In: SCHPUN, Mônica Raisal (Org.). *Masculinidades*. São Paulo: Boitempo; SantaCruz do Sul: EDUNISC, 2004.

MEDRADO, Benedito; LYRA, Jorge. Por uma matriz feminista de gênero para os estudos sobre homens e masculinidades. In: *Estudos feministas*. 2008. Vol. 16. nº 3.

MILLINGTON, Mark. *Hombres in/visibles: la representación de la masculinidad en la ficción latino-americana, 1920-1980*. Bogotá: Fondo de Cultura Económica, 2007.

MONTEIRO, Marko. “Masculinidades em revista: 1960-1990”. In: DEL PRIORE, Mary. *História dos homens no Brasil*. São Paulo: Unesp, 2013.

GOLDENBERG, Mirian. *O macho em crise: um tema em debate dentro e fora da academia*. In: GOLDENBERG, Mirian. (Org.). *Os novos desejos: das academias de musculação às agências de encontros*. Rio de Janeiro: Record, 2000.

MISKOLCI, Richard. “O vértice do triângulo – a paranoia de Dom Casmurro e os espectros da elite brasileira finissecular”. In: PENTEADO, Fernando Marques; GATTI, José (Orgs.). *Masculinidades: teoria, crítica e artes*. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2011.

_____. *O desejo da nação: masculinidade e branquitude no Brasil de fins do XIX*. / Richard Miskolci. São Paulo: Annablume, 2013.

MÜLLER, Angélica. “Não se nasce viril, torna-se: Juventude e virilidade nos ‘anos 1968’”. In: DEL PRIORE, Mary. *História dos homens no Brasil*. São Paulo: Unesp, 2013.

NOLASCO, Sócrates. *De Tarzan a Homer Simpson: banalização da violência masculina em sociedades contemporâneas ocidentais*. Rio de Janeiro, Rocco, 2001.

NOLASCO, Sócrates (org.). *A desconstrução do masculino*. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

NOLASCO, Sócrates. “Um homem de verdade”. In: CALDAS, Dario (org.). *Homens*. São Paulo: Senac, 1997.

NOVAES, Joana de Vilhena. “Aqui tem homem de verdade’: Violência, força e virilidade nas arenas de MMA.” In: DEL PRIORE, Mary. *História dos homens no Brasil*. São Paulo: Unesp, 2013.

OLIVEIRA, Mateus Fernando de. *Desgraçados e mal-amados: as masculinidades em contos de João Antônio*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual de Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Letras, 2017.

OLIVEIRA, Pedro Paulo de. *A construção social da masculinidade*. Belo Horizonte: UFMG; Rio de Janeiro: Luperj, 2004.

PELLIZZARI, Thamiris Yuri Silveira. *A homossexualidade em contos brasileiros da década de 1980*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual de Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-graduação e Letras, 2018.

PEREIRA, Carlos Alberto Messeder. “Que homem é esse? O masculino em questão”. In: NOLASCO, Sócrates (org.) *A desconstrução do masculino*. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. Que fim levou a crítica literária? Folha de São Paulo. São Paulo: Grupo Folha, 1996. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/1996/8/25/mais!/14.html>>. Acesso em: 21 jul. 2017.

PRATA, Antonio. *Douglas e outras histórias*. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2001.

_____. *Estive Pensando*. São Paulo: Marco Zero, 2003.

_____. *Adulterado: crônicas*. São Paulo: Moderna, 2009.

_____. *Meio intelectual, meio esquerda*. São Paulo: Editora 34, 2010.

_____. *Nu, de botas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

_____. *Trinta e poucos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

RAMIREZ, Rafael L. “Ideologias masculinas: sexualidade e poder”. In: NOLASCO, Sócrates (org.) *A desconstrução do masculino*. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

RAMOS, Marcelo Silva. “Um olhar sobre o masculino: reflexões sobre os papéis e representações sociais do homem na atualidade”. In: GOLDENBERG, Mirian. (Org.). *Os novos desejos: das academias de musculação às agências de encontros*. Rio de Janeiro: Record, 2000.

Sant’Anna, Denise Bernuzzi de. “Masculinidade e virilidade entre a Belle Époque e a República”. In: DEL PRIORE, Mary. *História dos homens no Brasil*. São Paulo: Unesp, 2013.

SANTIAGO, Silvano. “Arte masculina?”. In: NOLASCO, Sócrates (org.) *A desconstrução do masculino*. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

SÁ, Xico. *Modos de Macho Modinhas de Fêmea: a Educação Sentimental do Homem*. Rio de Janeiro: Record, 2003.

_____. *Os machões dançaram: Crônicas de amor e sexo em tempos de homens vacilões*. Rio de Janeiro: Record, 2015.

SELDEN, R.; WIDDOWSON, P. *A reader 's guide to contemporary literary theory*. 3ed. Lexington: The University Press ofKentucky, 1993.

SIMON, Luiz Carlos Santos. Fundamentos para pesquisas sobre masculinidades e Literatura no Brasil. *Estação Literária*, Londrina, Volume 16, p. 8-28, jun 2016.

TADIÉ, Jean-Yves. *A crítica literária no século XX*. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1992.

WELZER-LANG, Daniel. "Os homens e o masculino numa perspectiva de relações sociais de sexo". In: SCHPUN, Mônica Raisa (Org.). *Masculinidades*. São Paulo: Boitempo; SantaCruz do Sul: EDUNISC, 2004.

ANEXOS

ANEXO A - Waldir Peres, Juani e Polöskei

De início, todos na rua tinham o mesmo poder aquisitivo e os bens per capita se resumiam a uma bicicleta, uma bola de futebol e uma caixa onde se misturavam Playmonils, peças de montar e outras quinquilharias. Com o lançamento do álbum de figurinhas da Copa de 82, contudo, percebemos uma ligeira diferença na distribuição de renda: uns recebiam cinco pacotinhos por dia, outros tinham direito a dez, mas nada que ameaçasse nosso equilíbrio socioeconômico. No fim das contas, sofrendo com a escassez das mais raras - Sócrates, Maradona e Paolo Rossi – e desprezando as repetidas – Waldir Peres, Juanito e Polöskei -, todos aprendíamos a lei da oferta e da procura e compreendíamos os prazeres e as durezas da classe média. Até o dia em que o Rodrigo apareceu com o jipe de controle remoto.

O pai de Rodrigo, meu vizinho de esquerda, era tenista. Dos doze aos dezenove, levou tudo o que disputou e os atendidos diziam que ele seria um dos maiores jogadores da história, mas no seu vigésimo aniversário teve um acidente de moto, machucou o ombro e nunc mais pôde competir. Desde então, passava os dias em casa, fumando maconha e escutando rock progressivo. A família era sustentada pela mulher, fonoaudióloga. Nenhum dos vizinhos botou muita fé, portanto, quando o pai de Rodrigo os chamou, um a um, para falar de negócios.

Toda noite, durante uma semana, a cena se repetiu. Ele recebia o possível sócio na sala de TV, oferecia uma cerveja e puxava um papo sobre o futebol, que parecia ser apenas aquecimento para o assunto principal. Então, como quem não quer nada, perguntava ao vizinho se tinha visto o jogo do Corinthians, no domingo anterior. Qualquer que fosse a resposta, emendava: “Pois eu não vi, mas vou assistir agora”. A expressão de curiosidade do interlocutor era a deixa para que subisse o pano – uma toalha velha, sob a qual se escondia um objeto retangular, prateado, em cima da televisão: “Isso aqui é um aparelho de videocassete”, explicava, apontando a novidade recém-trazida dos Estados Unidos por seu cunhado. “Grava programas e roda filmes que você pode comprar ou alugar em qualquer esquina, hoje, nos Estados Unidos.” A demonstração começava pelo jogo do último domingo, passava por uns trechos de Star Wars e tinha o clímax, apropriadamente, em *Garganta Profunda*, trazido pelo cunhado na mesma viagem. “Em pouco tempo”, dizia, “todo mundo vai ter um videocassete. Todo mundo! E qual

é tipo mais lucrativo dessa indústria?” - perguntava o ex-tenista, abanando-se, não muito discretamente, com a capa da fita pornô. Se cada um dos vizinhos entrasse com 10 mil cruzeiros (o preço de uma geladeira, na época), abriram uma locadora de “filmes adultos” e, em um ano, jurava, estariam ricos.

Nenhum dos moradores da rua topou. Uns por pudor, outros porque a ideia vinha de um cara que passava os dias chapado, no sofá de casa, ouvindo Jethro Tull e solando guitarras imaginárias. Uma noite, naquela semana, ouvi o pai do Henrique, meu vizinho da direita, comentar com a mulher: “Até que é legal a traquitana, mas é coisa de gringo, vai por mim, por aqui essa moda não pega”.

O pai de Rodrigo, contudo, não de abalou: conseguiu dinheiro com o cunhado, pegou mais algum banco, convenceu a esposa a vender o carro e abriu a locadora. Seis meses depois, quando chegou o Natal, ainda não estava rico, mas já tinha dinheiro suficiente para, por exemplo, dar ao filho um jipe de controle remoto, 4x4 – abalando assim, pela primeira vez e definitivamente, a paridade socioeconômica entre os meninos da rua.

No dia 25 de dezembro, enquanto os adultos comiam os restos de peru de Natal, as crianças estreavam pelas calçadas os presentes recebidos na véspera. Eu estava concentrado, tentando desencaixar o cabelo de um Playmobil, quando surgiu o zumbido – o barulho que fazia uma abelha, caso tivesse o tamanho de um gato. A um metro de nós, encarando-nos como um animal prestes a dar o bote, estava o jipe, de uns quarenta centímetros. Foi um pouco para trás, fez uma curva para a esquerda e começou a nos circundar. Quando voltou ao ponto de partida, o Rodrigo apareceu detrás de uma árvore, com o controle remoto na mão e um indisfarçável orgulho no rosto. Veio andando até nós, a ponto da língua no canto da boca, fazendo o jipe dar uns cavalos de pau. Chegando à nossa frente, tirou os olhos do controle, nos encarou com infinita superioridade e disse apenas: “É americano”.

Contemplamos o brinquedo por um bom tempo, enquanto o Rodrigo contemplava o poder do brinquedo sobre nós. Foi o Henrique quem teve coragem de fazer a pergunta que estava na cabeça de todos ali: “Posso brincar?”. Era a deixa pela qual o Rodrigo esperava: “Não, você não sabe, vai quebrar”. Dito isso, virou as costas e saiu andando pra casa, o carrinho ao lado, acompanhando seu passo, como um cachorro bem treinado. O jipe seria um evento isolado na rua, apenas a

ascensão social de uma das famílias, que logo se mudaria para outro bairro, deixando para trás algumas lembranças e uma ponta de inveja, se o pai do Henrique não tivesse também, por aquela época, começando a ganhar dinheiro.

O pai do Henrique era professor universitário, mas tinha abandonado a faculdade dois anos antes para tocar uma loja de tapetes herdada do avô, libanês. No começo, pensou para entender como a coisa toda funcionava, quase teve que fechar, mas, depois de um ano ralando, as vendas começaram a melhorar, ele abriu uma filial num shopping novo, na Zona Norte, e o primeiro sinal da prosperidade chegou à rua seis meses depois do Natal do jipe, no aniversário do Henrique.

Era um fim de tarde, em junho. Eu e o Rodrigo disputávamos no bafo uma figurinha do Fillol, goleiro da Argentina, enquanto os outros nos observaram, de pé ou sentados nos bancos de suas bicicletas. Foi quando ouvimos o zumbido, muito mais alto que o jipe do Rodrigo – era o barulho que fariam três abelhas se tivessem o tamanho de três gatos. Quando nos viramos, demos com o Henrique, de óculos escuros e farda bege, montando numa motinho elétrica, cópia fiel daquela usada pelos CHiPs, os guardas rodoviários do seriado. Sem dizer nada, acelerou e passou reto por nós. Foi até o jardim no fim da rua, que chamávamos de Matão, depois voltou, altivo e sereno como os patrulheiros Jon Baker ou Frank Poncherello, no programa da televisão. O Rodrigo fingiu que não era com ele, mas quando bateu na figurinha, Fillol ficou colado ao suor de sua mão.

Dali em diante, ninguém mais queria saber do jipe, só pensávamos em andar na moto dos CHiPs. Às vezes, o Henrique deixava um de nós dirigi-la, mas só às vezes, e mesmo assim ficava correndo ao lado: “Não acelera muito, senão quebra!”, “Cuidado com o buraco!”, “Só até a árvore, depois devolve!”.

O reinado do Henrique durou vários meses e não parecia ameaçado antes do Natal, mas no começo dos anos 90 a indústria pornô ia de vento em popa: já em setembro, portanto, numa quarta-feira sem nada de especial, veio a resposta de Rodrigo.

Era por volta do meio-dia e realizávamos o serviço fúnebre do Fonseca, periquito-australiano do Ernesto, um menino ruivo que morava no início da rua. Periquitos-australianos não tinham o status de cachorros e gatos, nem mesmo de tartarugas ou hamsters, e o Ernesto havia organizado a solenidade mesmo por

apego ao pássaro, que amanhecera duro no fundo da gaiola, do que pelas possibilidades lúdicas do enterro. O funeral seguia a pé da casa do Ernesto até o Matão, uns quarenta metros adiante, onde nos esperava uma pequena cova, já aberta com gravetos e palitos de sorvete, num canteiro de violetas. O defunto ia numa caixa de sapato, a moto do Henrique fazendo as vezes de rabeção. O Ernesto caminhava ao lado, com a mão no guidão, controlando a velocidade – uma regalia que o Henrique lhe havia concedido, não sei se por respeito à sua condição de enlutado ou como garantia para que o finado fosse na motoca.

Já estávamos quase chegando ao Matão quando o murmúrio elétrico da motinho foi solapado por um ronco alto, tão alto que seria inútil tentar compará-lo ao zumbido de abelhas, ainda que fossem grandes como tigres: o que ouvimos era o estrépito inconfundível de um motor a explosão. O féretro estancou, nos viramos e demos com o Rodrigo, de capacete e luvas, a bordo de um minibus Fapinha, vermelho. (Dizer que o minibus estava para a infância como a Ferrari está para a idade adulta é um equívoco, porque depois de crescidos nem todos nos interessamos por carros, mas não havia um único menino entre os cinco e os dez anos que não sonhasse com um Fapinha; não exagero, portanto, ao afirmar que não existiu nem existirá objeto mais cobiçado por todos os homens nascidos na década de 60 do século passado.)

Bastava ao Rodrigo passar ao lado do enterro e já seria suficiente para acabar com os dias de glória da motoca do Henrique, mas ele queria mais, ele vinha amargando a derrocada de seu jipe e a imagem do outro pra cima e pra baixo vestido de CHiPs fazia mais de três meses: não só deu carona a todos na traseira do carrinho, quase arriando o minibus recém-tirado da loja, como ofereceu o banco do passageiro para levar Fonseca, o ex-periquito. Henrique foi atrás, sozinho em sua moto, respirando a fumaça. Depois disso, andou quieto por semanas, chutando pedregulhos, quebrando gravetos, partindo minhocas e esmagando formigas. Ele sabia que a competição tinha chegado ao fim. O que seu pai poderia comprar? Um mini-helicóptero? Um minis-submarino? Não havia mais para onde ir, o teto fora atingido: o único caminho a trilhar, a partir de agora, era para baixo.

No dia 23 de dezembro, depois de jantar, o Henrique apareceu lá em casa, ansioso. Eu ainda estava à mesa e minha mãe havia acabado de ir para a

cozinha, levando os pratos. “Tenho um plano”, ele cochichou, olhando lá pra dentro, com medo de ser ouvido, e fez um sinal para que o seguisse até a nua.

Paramos em frente à casa do Rodrigo. Eu lembrei ao Henrique que nosso vizinho estava viajando. Tinha ido com a família passar o Natal em Bariloche. Henrique sorriu de leve. “Por isso mesmo”, disse, pegando a porta da casa: uma armação de ferro com quatro retângulos de vidro opaco, dispostos um sobre o outro. “Se a gente quebra, dá pra entrar.” Não entendi. O espaço sem o vidro seria suficiente para que nos esgueirássemos para dentro da casa, mas jamais para que trouxéssemos o bugue. “Não é o bugue”, ele murmurou, entre os dentes. Só então compreendi: o que meu amigo pretendia era um ataque de efeito moral. Havia perdido a guerra, sabia disso, e a vingança seria capturar, um ano após o início das hostilidades, o estopim do conflito, seu maior símbolo, que nos aguardava no segundo andar, no fundo de um armário no quarto do Rodrigo: o jipe de controle remoto. Talvez Henrique o escondesse embaixo de sua cama, talvez o destruísse a marteladas e enterrasse os restos no Matão, não sei: o importante era roubá-lo.

Tive medo de participar e ainda mais medo de tentar impedi-lo e parecer covarde, de forma que fique ali, parado, enquanto ele investia contra o vidro da porta, usando o cabo de vassoura como aríete. Da primeira vez, não aconteceu nada. Da segunda, tampouco. Então ele recuou até a calçada, tomou impulso e, aí sim, conseguiu o que queria. Ou quase: pois assim que o vidro se espatifou em milhares de caquinhos, o barulho reverberou pela rua e saímos correndo, cada um para sua casa. Não sei bem como, mas fomos descobertos, enquadraram-me como cúmplice e o conserto da porta foi rachado entre os meus pais e os do Henrique.

No mês seguinte, a família de Henrique, com lojas de tapetes espalhadas por toda a cidade, mudou-se para uma cobertura no Morumbi. Não muito depois, Rodrigo e os pais também partiram, para uma casa com piscina no Jardim América – tinham então sete locadoras pornôns em São Paulo, duas no Rio e outro em Brasília.

Uma semana após a mudança do Rodrigo, apareceu na rua um corretor de imóveis, acompanhado por um casal. Mostrou a casa aos possíveis compradores e, ao sair, o vi escondendo a chave no quadro de luz. Tarde naquela noite, sem acordar meus pais, escapuli da cama, peguei a chave e entre na casa

vazia. Cruzei a sala, no escuro, para não chamar a atenção dos vizinhos, onde ficava o jipe. Sabia que a probabilidade era mínima, quase nula, mas o que custava?

Encontrei um pé de meia azul, um Playmobil careca e algumas figurinhas da Copa 82: duas do Waldir Peres, três do Juanito e dezessete do Pölöskei.

ANEXO B - Não quer dar uma olhada na água?

Eu e ela voltávamos de nossa primeira viagem juntos, um fim de semana em Ubatuba. Vínhamos saindo havia dois meses, mas o jogo nem de perto estava ganho: a moça era dura na queda e, apesar de dar alguns sinais de interesse, ainda não parecia convencida de que eu fosse um bom investimento a longo prazo.

Paramos para abastecer e resolvi calibrar pessoalmente os pneus - menos por necessidade do que pelo gesto, que a meu ver envolvia certo charme viril. Acho que não preciso dizer, mas um cara que vê na calibragem dos pneus certo charme viril está mais pra um Woody Allen do que, digamos, para um John Wayne. Agachado ali, contudo, me sentia um caubói a ajustar as ferraduras de meu cavalo e quase mascava um fumo imaginário quando ouvi, assustado, a pergunta que me trouxe de volta à realidade: "Você não quer dar uma olhada na água?".

Eu não poderia jamais "dar uma olhada na água", pois não tinha a menor ideia de onde ficava a água, pra que servia a água e, mesmo que a encontrasse, seria incapaz de avaliar seu nível, dando "uma olhada". A pergunta, no entanto, me trouxe a incômoda suspeita de que ela estivesse acostumada a sair com caras que sabiam "dar uma olhada na água". Marlon Brandos em *Um Bonde Chamado Desejo*, de calça jeans e camiseta justa, que voltavam pro carro limpando as mãos num pedaço de estopa e acendendo fósforos na sola da bota. De modo que só me restou fazer uma cara de profissional, responder, resolutivo, "claro!" e abrir imediatamente – depois de uns dois minutos de infrutíferas tentativas – o capô.

Após infinitos segundos perscrutando o labirinto do motor em busca de alguma pista, finalmente encontrei algo que parecia auspicioso: uma tampinha sobre um pequeno recipiente cúbico, com um desenho que se assemelhava a um regador de jardim. Do bico da figura, gotejava um líquido. Como ao lado da bomba de gasolina havia um regador, muito semelhante ao do desenho, fiz a óbvia conexão mental, enchi o troço até a boca, desrosqueei a tampinha e entornei uns cinco litros pelo orifício.

Só na estrada, já subindo a serra, é que a brotoeja da dúvida começou a coçar. E se aquele galão não fosse o lugar da água? Mal a questão surgiu e, aterrorizado, descobri a resposta, na forma de um pequeno luminoso

acendendo no painel: o mesmo regadorzinho do motor, mas, dessa vez, com legenda: "óleo!".

Assumir o erro era impensável. Não queria, de forma alguma, que minhas últimas palavras para aquela bela moça fossem "Desculpa, reguei o motor. Acho melhor chamarmos um guincho". (Entre perder a moça ou o carro, preferia perder o carro, claro.) O jeito era seguir em frente. E foi o que eu fiz, até que, duas horas depois, graças a Deus - e aos engenheiros da Ford, a quem mando aqui meus sinceros cumprimentos -, chegamos a São Paulo.

Imagino que tenha corrido o risco de ficar pelo acostamento, quem sabe até de fundir meu carro, mas não me arrependo: faz parte da condição masculina enfrentar os perigos olhos fechados e a cabeça erguida. Inclusive – e talvez, principalmente - aqueles perigos que nós mesmos nos metemos, por conta de nossa obtusa hombridade. No fim das contas, convenhamos, valeu a pena: hoje a moça mora comigo e somos felizes - ou pelo menos éramos, até a publicação desta crônica.

ANEXO C - Coleta de material

Éramos eu, um potinho de plástico e a Bruna Surfistinha - "Se precisar de estímulo, tem umas revistas naquela gaveta" haviam sido as últimas palavras da funcionária do laboratório, antes de me abandonar à solidão das quatro paredes beges. Eu estava ali para realizar um espermograma, exame a que, após alguns meses de infrutíferas investidas fecundatórias, resolvi me submeter - embora "submeter" não seja o verbo mais adequado se pensarmos que a responsabilidade pela "coleta do material" recaía, única e literalmente, em minhas mãos.

Woody Allen disse em algum filme que não deveríamos nos envergonhar da masturbação, afinal, trata-se de sexo com a pessoa que você mais ama. Concordo: num domingo chuvoso, no recesso do lar, entre um brownie e um seriado de TV; mas no décimo primeiro andar de um edifício na rua Itapeva, constrangido pelo cheiro de álcool, pelo bip das senhas no painel, incapaz de me esquecer das quinze pessoas que, do lado de lá da diáfana porta de fórmica, sabiam muito bem o que eu estava prestes a fazer (discrição claramente não havia sido a prioridade da mocinha ao urrar "Sr. Antonio, espermograma!!!"), a coisa fica um pouco diferente.

Talvez fosse o cheiro de álcool, quem sabe a turma lá fora ou a obrigação de cumprir com o dever, mas assim que tranquei a porta me veio aquela dúvida que um homem jamais deve deixar brotar diante do sexo, seja com outra pessoa, com várias ou consigo mesmo: e se eu não conseguir? E se for incapaz de - hum, hum - performar a coleta? Seria a mais humilhante de todas as brochadas, uma inédita brochada solitária, diante da qual eu poderia dizer, sem mentir: isso nunca me aconteceu antes!

Me imaginei chegando ao balcão, depositando o potinho vazio - transbordante de fracasso - e dizendo: "Olha, não são vocês, sou eu. Tô um pouco nervoso. Será que não dava pra eu ler umas *Caras* velhas antes? Tomar um cafezinho? Quem sabe se eu começar por um hemograma básico, sei lá, um colesterol e triglicérides, depois passar pra uma ressonância - aquele escurinho, aquele ronronar...- e só então formos aos finalmentes, hein?".

Estava prestes a aceitar a derrota quando, do fundo de minha acuada masculinidade, uma voz ecoou. Não era a voz de Deus, mas de Van Damme

em o *Grande Dragão Branco*: "Retroceder, nunca; render-se, jamais!". Eu não podia me deixar vencer pelo medo. Eu fora até ali por uma razão clara: pelo filho que pretendo ter. Pra saber se está tudo bem comigo (ou, deveria dizer, com eles?) antes de gastar um ano em malogradas -embora nada sofridas- tentativas. Falhar, naquele instante, não seria um ato de fraqueza, mas de egoísmo: um desrespeito com o futuro da espécie humana, uma afronta à minha missão biológica. E foi este sentimento cívico, humanitário, este ancestral chamado da natureza que me trouxe de volta a confiança, fez o coração pulsar o sangue em minhas veias e... Bom, vamos parar por aqui. Certas intimidades, melhor fiquem entre mim, as quatro paredes beges, entre mim, o potinho de plástico e a Bruna Surfistinha - que, sem nem suspeitar, no décimo primeiro andar da rua Itapeva, no fundo de uma gaveta, vem ajudando a povoar este Brasil varonil. Com licença - e desculpe qualquer coisa.

ANEXO D - Dupla personalidade

Eu descobri, doutor, eu finalmente entendi por que os meus namoros não dão certo. O problema... O problema é que eu e o meu pinto não temos a mesma formação. Não, muito pelo contrário, são duas visões de mundo radicalmente diferentes.

Eu sou professor universitário, sou fã do Truffaut, voto no PSOL, já o meu pinto... Ele gosta de umas mulheres de argolão dourado, salto alto e muito perfume. Umas mulheres que eu não consigo aguentar por três meses e que me acham um mala, também. Eu sou de esquerda, doutor, mas o meu pinto, tenho que admitir, é de direita.

É como se, tipo, todo dia, durante a infância e a adolescência, antes de eu pegar a perua e ir pra Waldorf, a escola antroposófica em que eu estudei, meu pinto tivesse entrado em outra perua escolar, tipo uma peruazinha de controle remoto, só pra pintos, e ido estudado no Dante, no Bandeirantes ou, sei lá, no Santo Américo. Só pode ser, doutor. Senão, como é que explica?

Pra você ver como a gente é diferente: um dia, se eu tiver uma filha, eu quero que ela chame de Luiza, em homenagem ao Tom Jobim. Mas as mulheres que o meu pinto escolhe são todas Waleskas ou Jéssica ou Tábatas, dessas com agá no segundo T. É no segundo T, o agá de Táбата? Ou é no primeiro? Não sei. O meu pinto sabe, com certeza, mas adiante perguntar pra ele? Ele não me ouve.

Quantas vezes eu já não apresentei mulheres pra ele, mulheres bacanas, eu disse, amigão, essa é pra casar, pra ter uma filha chamada Luiza, pra comprar o pacote completo da Mostra e ir até na animação muda do Uzbequistão, domingo de manhã, mas ele se finge de morto, nem tchuns.

Aí eu vou no shopping trocar um presente que eu ganhei de aniversário, chega a vendedora de unha vermelha, rabão de cavalo loiro, dia "bom dia, eu sou a Kátia, posso tá te ajudando?" e pronto, ele parece um cachorrinho quando os donos voltam de viagem.

Eu tava pensando: e se a gente tentasse uma terapia de grupo, eu e ele? Ou melhor, uma terapia familiar. É, porque às vezes é uma fase de negação tipo um complexo de Édipo, se a gente pensar que eu sou o pai do meu pinto e que,

tipo, ele precisa me matar pra achar a individualidade dele. Será que é isso? Não pode ser fase: eu tô com trinta e dois e ele é assim desde a adolescência, não vai mudar.

Quem que eu tô querendo enganar, doutor? O erro foi meu, claro. Fui eu que eduquei o meu pinto e eu sei o que ele leu na juventude. Leu *Playboy* e *Sexy* e *Penthouse*. E como eram as mulheres na *Playboy*, na *Sexy* e *Penthouse*? Tinham cara de quem quer ter uma filha chamada Luiza em homenagem ao Tom e ir na Mostra ver animação muda do Uzbequistão? Não eram todas loiras platinadas, com unha vermelha e rabão de cavalo, tinham cara é de quem quer ir pra Vegas andar de conversível. Vegas, doutor! Conversível! Eu nem tenho carro! Eu tenho uma bicicleta com adesivo do Greenpeace!

Todo dia eu vou pra faculdade pela ciclovía e todo dia o meu pinto quase me derruba da bicicleta, porque ele tira a minha atenção do caminho e me obriga a olhar as loiras dentro dos SUVs, na rua: aquelas loiras pequenininhas dentro daqueles carrões enormes, nossa, ele pira! Ah, doutor, tá muito difícil seguir vivendo assim. Por isso eu queria, queria saber se você não pode receitar um remédio pra mim. Ou pra ele? Que que você acha, doutor?

ANEXO E - Mulher pelada

Todas sexta-feira, lá pelas sete e meia da tarde, meu pai aparecia para nos buscar. Assim que dobrava a esquina, dava duas buzinas curtas: era o sinal para que pegássemos nossas mochilas e corrêssemos para a rua.

Geralmente íamos a algum restaurante ou bar, onde ele encontrava os amigos e a namorada e nos esbaldávamos misturando Coca-Cola com Sukita, comendo frango à passarinho com batata-frita e mandando pra cucuia, em meia hora, toda a harmonia nutricional que minha mãe havia conquistado, a duras penas, ao longo da semana.

Nas épocas em que meu pai tinha alguma peça em cartaz, costumávamos passar pelo teatro antes ou depois do bar, para que ele checasse a bilheteria, conversasse com os atores, visse o público entrando, ou, caso o espetáculo já tivesse começado, aferisse o êxito da noite pelo número de pipoqueiros na calçada.

Quando eu tinha uns cinco anos, estreou *Besame mucho* no Cultura Artística. Foi o maior sucesso do meu pai – coisa para três, quatro pipoqueiros -, mas eu não o considerava um homem realizado: muito pelo contrário. É que, aos olhos de uma criança, aquele teatro, embora um marco arquitetônico paulistano, era incapaz de competir com a exuberância kitsch das casas de strip adjacentes. Que apelo tinha um painel de pastilhas do Di Cavalcanti diante de neons em forma de dançarinas de cançã, levantando e abaixando as pernas, bocas abrindo e fechando, luas cheias, crescentes e minguentes, cometas espichando as caudas, estrelas acendendo e apagando? O que podia o projeto modernista de Rino Levi entre fachadas imitando castelo medieval, gruta rochosa e chalé alpino, com portas espelhadas, douradas, prateadas, forradas de couro preto, branco ou vermelho? Por aquelas portas pude ver de relance, uma ou duas vezes, os palcos esfumaçados, o pisca-pisca da luz estrobo, as prateleiras repletas de garrafas coloridas e, assim, confirmar a suspeita de que o teatro do meu pai era o estabelecimento mais desanimado da região.

Eu morria de vontade de saber mais sobre aquela Disneylândia noturna, mas não abria a boca, com o receio de magoar meu pai, lembrando-lhe da simplicidade de seu teatro. Uma noite, contudo, ao sairmos do Cultura Artística, com o nariz colado no vidro de trás do carro e os olhos hipnotizados pelos neons, a

curiosidade venceu o pudor e perguntei: por que aqueles teatros eram tão mais incrementados que o dele? Por que o dele, mesmo fazendo tanto sucesso, não investia em luzes e decoração, adequando-se ao nível da vizinhança? Sem aparentar nenhum ressentimento, meu pai explicou que as casas por trás dos luminosos não eram teatros, mas bares. Estranho. Eu conhecia muitos bares; o que tornava aqueles tão diferentes dos outros, em que comíamos frango à passarinho com batatas frita e misturávamos Coca com Sukita? Com a maior naturalidade, meu pai respondeu: “Mulheres pelas”.

Fiquei bastante intrigado. Do alto da minha meia década de existência, “mulher pelada” não evocava nada além da imagem de minha mãe entrando ou saindo do banho, de touca na cabeça e toalha na mão, cheiro de xampu no ar, gotículas de vapor nos azulejos. Bem, talvez a fumaça vista pelas portas entreabertas fosse vapor dos chuveiros em que as tais mulheres se banhavam, mas algumas questões maiores permaneciam sem respostas: o que levaria mulheres a tomar banho num bar? Por que permaneceriam peladas depois da ducha? Qual seria a graça de comer frango à passarinho com a bunda de fora?

A explicação do meu pai só aumentou minha confusão: as mulheres peladas estavam lá porque homens que não tinham namorada apareciam especialmente para vê-las. De novo, impossível ligar causa e efeito: por que um homem sem namorada ia querer ver uma mulher pelada? Ainda mais num bar?

Enquanto rumávamos para o restaurante, subindo a consolação, fiquei imaginando os tais sujeitos solitários, com cabelos desgrenhados e barbas por fazer, a bebericar tristemente seus chopes enquanto mãos nuas iam e vinham com toalhas enroladas na cabeça, parando eventualmente entre as mesas para, apoiando o pé no assento de uma cadeira, passar cera depilatória.

Incapaz de visualizar tamanho despautério, pedi a meu pai que nos levasse a um bar de mulher pelada na próxima sexta. Não dava, ele disse, eram proibidos para crianças. Então, pela primeira vez, naquela noite, alguma lógica apareceu: a proibição deveria ser para evitar que víssemos os tais homens sem namorada, sofrendo em meio ao vapor, aos neons e às toucas de banho. Aceitei a situação com certo alívio, até: o teatro do meu não era, afinal de contas, o estabelecimento mais triste da região.

Só quase vinte anos mais tarde atravessei uma daquelas postas espelhadas: as mulheres eram diferentes do que eu havia imaginado, mas os homens estavam lá, bem como eu os havia pintado.

ANEXO F - Eu ela e o Keith

Quando as pessoas me perguntam "e aí, tudo bem?", eu respondo que sim, "tudo ótimo", mas é mentira. Não está tudo ótimo, está tudo péssimo: faz um mês, minha mulher se apaixonou pelo Keith Richards e não tenho a menor ideia do que fazer.

A paixão foi despertada pela biografia do guitarrista, que eu mesmo, num desses irônicos maus passos da vida, lhe dei de aniversário. Ora, como eu ia imaginar que o livro do mais feio dos Rolling Stones, aquele ex-pirata bexiguento, pudesse fazer brotar em minha amada - uma moça fina, discreta e, até então, equilibrada – qualquer sentimento para além da admiração e da repulsa?

Não foi amor à primeira vista. No começo, ela ficou chocada. Enquanto lia, esticada no sofá, fazia caretas: "Nossa, que horror, ele comprou meio quilo de heroína!", "Uau, que imbecil, ele jogou uma faca no produtor!", "Que isso?! Ele deu um tiro no chão do hotel, porque o Charlie Watts tava fazendo barulho no quarto de baixo!".

Aos poucos, contudo, vi em seu rosto o asco se transformando em graça, a irresponsabilidade sendo interpretada como desprendimento, a delinquência como liberdade. "Olha isso: eles voltavam de uma festa, muito loucos, lá na França, pegavam o veleiro do Keith e iam tomar café da manhã numa ilha!", "Putz, ele não tinha casa, morava cada semana com uma groupie diferente!". Eu, da minha poltrona, um livro aberto no colo, um copo de Coca Zero na mão, a léguas de distância de groupies, heroína, facas e veleiros, apenas ouvia, apreensivo.

Veja: ninguém é menos Keith Richards do que eu. Nunca briguei. Não discuto nem com flanelinha. Aventura, para mim, é ir até o Parque do Carmo, num domingo de manhã, assistir a Jazz Sinfônica. Se minha mulher caísse de amores por um escritor, por um arquiteto, um advogado, eu teria uma margem de manobra, talvez conseguisse mostrar que sou mais legal do que o outro, mas como competir com um cara que, aos setenta, quebra a cabeça caindo de um coqueiro - e leva uma semana pra se dar conta do estrago?

Será que era esse o tipo de homem que ela esperava que eu fosse, desde que nos conhecemos, há quatro anos? Será que, enquanto eu me esforçava

para usar corretamente os talheres e não falar de boca cheia, ela sonhava com brigas de cadeirada e moshes de três metros de altura?

Quinze dias atrás, cansado de sofrer calado, a interrompi no meio da descrição de uma suruba em Ibiza, lá por 1971; virei minha Coca num gole, como se fosse um shot Jack Daniels e perguntei, na lata: "Você está a fim desse cara?". Passado o susto, ela resolveu assumir. "Tô. Um pouquinho."

No bar, diante de uma cachaça, ouvi os consolos de um amigo. Essas paixões platônicas são muito comuns, me garantiu. Confessou-me que ele mesmo, ano passado, caiu de amores pela Lady Gaga. Depois esqueceu. Um conhecido nosso, disse-me, quase enlouqueceu com a Lídia Brondi na reprise de "Vale Tudo". "Pensa no lado bom: antes o Keith Richards do que o Capitão Nascimento, né?" Verdade.

Em breve, ele jurou, minha mulher terminará de ler a biografia e a paixonite sumirá, provando que três simples acordes de guitarra jamais abafarão a bela sinfonia que, ano após ano, lentamente, estamos compondo. Torço para que isso aconteça. (Ou para que Keith Richards resolva, qualquer dia desses, subir novamente num coqueiro).

ANEXO G - “Socorro, sou fofo!”

Não adianta negar, fingir é inútil, de nada vale lutar contra os fatos. Uma hora na vida a gente tem que assumir, se contentar com o que tem, olhar diante do espelho e aceitar o que ele nos devolve: sou fofo mesmo, e daí?

Se pudesse escolher, eu não seria. Queria ser um cara irresistível, musculoso, alto, desses que fazem as mulheres suspirarem quando passam e cochicharem, vermelhinhas: “Nossa, que homem!” Eu poria no bolso as que escolhesse, esnobaria as outras, e elas sempre voltariam, derretidas.

Infelizmente, a natureza não me deu os traços, os bíceps, a altura, a voz e outros requisitos necessários para me candidatar a um cargo de Rodrigo Santoro, de Du Moscovis ou Brad Pitt. Não bastassem as deficiências genéticas, uma boa educação acabou de vez com a possibilidade de uma personalidade canalha, uma postura cafajeste ou, mínimo, uma arrogância esnobe. Assim sendo, tive desde cedo que apelar para técnicas mais complexas de persuasão, como a gentileza, o bom papo, as piadas e outras compensações. E não tardou, tendo trilhado com esforço esse caminho, para começar a ouvir os primeiros: “Ai, você é muito fofo!”

No começo eu chiava. Reclamava, soltava uns palavrões, dava uma ou duas cusparadas no chão, fechava a cara. Digamos que, diante da possibilidade de ser visto como ursinho de pelúcia, eu afastava quaisquer equívocos apertando a opção “Conan, o Bárbaro” do meu batcinto. Nesses momentos eu preferia ser visto como um tijolo, uma alface ou uma lista telefônica a ser visto como um (argh!) fofo.

Aos poucos, no entanto, fui vendo que ser fofo não era o fim do caminho. Não seria necessário entrar numa clínica de recuperação (FA, Fofos Anônimos) ou numa academia de ginástica. Havia mulheres que valorizavam um bom “fofo”.

Havia até aquelas que, pasmem! Queriam namorar um “fofo”. Já faz alguns anos que estou “trabalhando” esse meu lado, aprendendo a ser fofo e não ter vergonha disso. Hoje, como vocês estão vendo, posso falar em público sobre isso, sem ficar vermelho. Mas não se iludam, se pudesse escolher, nascia de novo com 1,85 m, jaqueta de couro, barba por fazer, bronzeado e com voz de dublador de

protagonista em filme de ação. Mas a opção, infelizmente, não existe. O que me resta é não só aceitar a (ai, que horror) “fofura” em mim supostamente contida, como, mais ainda, tentar acentuá-la. Como neste texto aqui, em que exponho minhas fraquezas, frustrações e angústias a todas vocês. Modéstia e orgulho à parte, não é uma atitude fofa?

ANEXO H - Carta pra Daniel

Talvez algum dia, nas próximas décadas, você esbarre nesta crônica, pela internet. Talvez uma tia comente, “lembro de um texto que o teu pai te escreveu quando você era bebê, era sobre uma praça, acho, cê já leu?”. Talvez eu mesmo te mostre, na adolescência, vai saber?

Esta crônica é sobre uma praça, sim, sobre uma tarde que a gente passou na praça, no dia 5 de abril de 2016. Não é nenhuma história extraordinária a que vou te contar. É uma história simples, feita de elementos simples como é feita a maior parte da vida da gente, esses 99% de que a gente desdenha, sempre esperando por acontecimentos extraordinários. Mas acontecimentos extraordinários são raros, como a própria palavra *extraordinário* já diz, aí a vida passa e a gente não aproveitou. Pois hoje você me fez aproveitar a vida, Daniel, por isso resolvi te escrever, agradecendo.

Eu tava lá em casa, triste com os rumos do país, triste com outras questões paralelas inteiramente irrelevantes para a pátria, mas especialmente doloridas para este patricio, então você cruzou a sala no colo da Jéssica, sorrindo, e me deu uma vontade louca de passarmos um tempo juntos. Falei “Queca, dá esse menino aqui, a gente vai na praça, eu e ele, vamos, Dani? Só os homens?”. Eu te botei no carrinho, descemos pelo elevador e ganhamos a rua.

Você ia batendo as pernas, eufórico, apontando as coisas e soltando seus grunhinhos, como que querendo me mostrar o que via a caminho da praça, com a Jéssica, todas as manhãs. Eu ia dando nome às coisas. É, Dani, é a árvore. É, é o carro. É o caminhão. As pessoas pelas quais a gente cruzava abriam sorrisos pra você e depois pra mim. Nós sorríamos de volta, eu por orgulho, você por simpatia – você é assim desde que nasceu, de bem com a vida, tão diferente deste teu pai, sempre angustiado, aflito, procurando cabelo em ovo.

Chegamos na praça. Eu quis te pôr no balanço, mas você me apontou o túnel de concreto. Te coloquei numa ponta do túnel, fui andando em direção à outra, sumi de vista por uns segundos e você deu uma resmungada, achando que eu ia te abandonar ali, mas então me agachei e apareci do outro lado. Você achou aquilo hilário – “O cara tava aqui, sumiu e apareceu lá!” –, deu uma gargalhada e veio engatinhando até mim.

Fui te pegar no colo, mas você se esquivou e olhou pra outra ponta. Entendi a brincadeira, corri até a outra ponta. Você me viu, gargalhou de novo – “Agora o cara tá do outro lado! Que loucura!” –, foi até lá, me mandou voltar e nós ficamos perdidos nisso pelo que me pareceram horas: eu aparecia numa ponta do túnel, você engatinhava até lá, eu corria pra outra, você vinha de novo. Quando me dei conta – não vou dizer que meus problemas tivessem sumido, que a tristeza houvesse passado, mas... –, eu estava, como diria o poeta, comovido como o diabo.

De noite, deitado na cama, eu me consolava: esse mundo é uma tragédia, o Brasil tá ferrado e eu também não me sinto muito legal, mas eu tenho um filho que põe sorrisos no rosto de quem passa e que com algumas gargalhadas reconforta o meu coração. Enquanto isso, no quarto ao lado, você estaria se perguntando: “O cara sumia de um lado, aparecia do outro, como será que ele faz? É truque? É mágica?”. Depois dormiríamos, acreditando que tudo iria ficar bem.